



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESQ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

Anais

VI Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade

25 a 27 de outubro de 2022

Temática:

Comunicação na Amazônia: desafios da era da desinformação

Coordenação Geral

Cynthia Mara Miranda, Thays Assunção Reis

Palmas - TO

2022



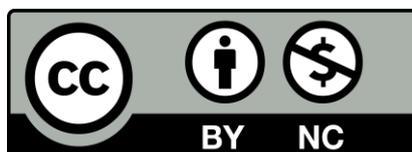
VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

Copyright © 2022 - Universidade Federal do Tocantins – Todos os direitos reservados

www.uft.edu.br

<http://www.uft.edu.br/ppgcom>

Campus Universitário de Palmas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Sala 15, Bloco II
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB

F981a Fundação Universidade Federal do Tocantins.
Anais da VI Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade: Comunicação na Amazônia desafios da era da desinformação, 25 a 27 de outubro de 2022 [livro eletrônico]/Coordenação Geral: Cynthia Mara Miranda, Thays Assunção Reis – Palmas, TO, 2022.
97p.

ISBN: 978-65-87246-27-7

1. Comunicação. 2. Amazônia. 3. Desinformação. I. Título.

CDD 372.35

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada à fonte.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

VI Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade

Temática:

Comunicação na Amazônia: desafios da era da desinformação

25 a 27 de outubro de 2022

ppgcom@uft.edu.br

Reitor: Luís Eduardo Bovolato
Vice-Reitor: Marcelo Leineker Costa
Pró-reitor de Administração e Finanças: Carlos Alberto Moreira Araújo Júnior
Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Kherlley Caxias Batista Barbosa
Pró-reitor de Avaliação e Planejamento: Eduardo Andrea Lemus Erasmo
Pró-reitora de Graduação: Eduardo José Cezari
Pró-reitor de Extensão Cultura e Assuntos Comunitários: Maria Santana Milhomem
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Raphael Sanzio Pimenta
Pró-reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas: Vânia Maria de Araújo Passos
Diretor do Câmpus de Palmas: Moisés de Souza Arantes Neto
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade: Cynthia Mara Miranda

Coordenação Geral

Cynthia Mara Miranda, Thays Assunção Reis

Comitê Técnico-Científico

Amanda Maurício Pereira Leite – UFT/PPGCOM

Cynthia Mara Miranda – UFT/ PPGCOM

Liana Vidigal Rocha – UFT/PPGCOM

Liliam Deisy Ghizoni – UFT/PPGCOM

Thays Assunção Reis – UFT/PPGCOM



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

Comissão Organizadora

Cynthia Mara Miranda
Thays Assunção Reis
Ingrid Pereira de Assis
Rodrigo Nascimento Reis
Ana Kátia Santiago
Camila Ribeiro Castro Soares
Márcio Telles Souza Malta
Lys Apolinário Reis

Palmas 2022



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

Anais da Jornada Interdisciplinar do PPGCom

Apresentação

A sexta Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins corresponde ao sétimo ano de funcionamento do Mestrado Acadêmico representando um esforço para fortalecer a pesquisa e a pós-graduação no estado do Tocantins e na região Norte do Brasil na área da Comunicação. Nessa edição a jornada se dedicou ao tema “Comunicação na Amazônia: desafios da era da desinformação” que foi um desdobramento do projeto de pesquisa Narrativa e acontecimento midiáticos: desafios metodológicos para apreensão das experiências globais amazônicas do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica da Amazônia (PROCAD/AM) no qual o PPGCOM junto com o PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama) por meio de suas equipes participam desde 2018. Além disso, a jornada foi realizada em parceria com o Grupo de Pesquisa Comunicação, Direitos e Comunicação (CODiG/Cnpq) e com a colaboração do curso de graduação de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins.

A VI Jornada Interdisciplinar do PPGCOM/UFT teve como objetivo promover um amplo debate sobre os desafios e oportunidades da comunicação na Amazônia, um tema amplo que envolve temáticas como vulnerabilidades, diversidades, cultura, meio ambiente e desenvolvimento.

A Jornada do PPGCom como evento acolhedor da interdisciplinaridade reuniu pesquisas nas diversas áreas do conhecimento que possuíam interface com o papel da comunicação na sociedade, especialmente contribuindo para a formação continuada na região e para um olhar mais crítico sobre as instituições sociais com vistas ao desenvolvimento regional.

Os objetivos da Jornada, que continua com a proposta de ser realizada periodicamente, perpassam a construção da universidade de um espaço de debates e expressões de questões identitárias, políticas, culturais, ambientais sob a perspectiva da comunicação; o fomento das trocas de experiências acadêmicas e culturais entre docentes, pós-graduandos e graduandos, bem como o acesso à produção científica pela sociedade em geral; o estabelecimento de



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

parcerias e intercâmbios entre o PPGCom e núcleos de pesquisa da UFT; a construção de um espaço de fomento ao desenvolvimento de pesquisas e formação continuada dos egressos e ainda a atualização de debates contemporâneos acerca de temáticas relacionadas às linhas de pesquisa do PPGCom de forma a difundir estudos sobre os objetos e metodologias de pesquisa no âmbito da Comunicação e áreas afins.

A programação da sexta Jornada buscou apontar a interdisciplinaridade entre as questões que envolvem a comunicação e a Amazônia. A palestra de abertura da jornada intitulada “Mídia e Vulnerabilidades na Amazônia” foi ministrada pelo Dr. Leandro Lage professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará, professor colaborador do PPGCOM/UFT e integrante do PROCAD/AM. No segundo dia de evento ocorreu a palestra “Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação”, ministrada por Lucas Milhomens, professor do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Câmpus Parintins (AM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR). E no encerramento foi realizada a mesa “Integração Pós-Graduação e Graduação em Jornalismo – Desafios do ensino, da pesquisa e da extensão na região norte” com a participação dos professores Dr. Antonio Pedroso, Dra. Valquíria Guimarães e Dra. Amanda Leite da Universidade Federal do Tocantins.

A VI Jornada Interdisciplinar do PPGCOM também contou com oficinas temáticas voltadas para estudantes de graduação como: Análise Audiovisual ministrada pelo Dr. Sérgio Soares; Escrita de artigo ministrada pela Dr. Ingrid Assis; Noções básicas de ABNT ministrada pela Ma. Albertina Vieira de Melo e Redes sociais: na prática, o que precisamos saber? Ministrada pelo Me. Elvio Marques.

A mostra científica contabilizou 15 resumos expandidos apresentados em sessões orais online por pesquisadores, docentes, estudantes de graduação e estudantes de pós-graduação. Os resumos expandidos foram divididos em dois grupos de trabalho: Jornalismo, Mídias e Cultura coordenado pela professora Dra. Liana Vidigal e Estudos Interdisciplinares em Comunicação coordenado pela professora Dra. Liliam Ghizoni e pela Dra. Amanda Leite.

Com isso, a Jornada promoveu um espaço ampliado e interdisciplinar de discussões e intercâmbio de conhecimentos.

Palmas, 2 de dezembro de 2022.

Cynthia Mara Miranda



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

Thays Assunção Reis

Rodrigo Nascimento Reis

Organizadores dos anais



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

SUMÁRIO

GRUPO DE TRABALHO 1 – JORNALISMO, MÍDIAS E CULTURA	11
Gatewatching e a seleção de notícias pelo WhatsApp no Jornal Sou de Palmas.....	11
Fernanda Alves de Mendonça	10
Atualizações sobre as transformações do jornalismo esportivo da TV Anhanguera Tocantins ..	18
17	
Sérgio Ricardo Soares Farias Silva	
Comunicação Pública e Mídias Sociais: Elementos Culturais Regionais como Estratégia	
Informativa - Um recorte do perfil institucional da Prefeitura do Recife no Instagram	24
23	
“Eu sou, país do futebol, negô, até gringo sambou”: a interpretação jornalística	31
30	
JORNALISMO INVESTIGATIVO NO MEIO DIGITAL: O Portal da Agência Pública ..	35
35	
GRUPO DE TRABALHO 2 – ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM	
COMUNICAÇÃO	42
A música e a subjetividade: questões filosóficas e culturais sob aspectos sensoriais do ser	
humano	42
41	
41	
41	
41	
Atravessamentos Ideológicos e Culturais no Processo de Colonização dos Povos	
Indígenas	
4746	
Neilson Batista Borges	46
Resistência e Protagonismo: contra-narrativas indígenas na América Latina: Um paralelo entre	
textos de Silvia Cusicanqui e Ailton Krenak	53
52	
Liberdade de Expressão e a Relação com a Liberdade de Imprensa: Os Perigos do Fazer	
Jornalismo em Regimes de Opressão	60
59	
59	
59	



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

59	
59	
Cultura em comunicação: um estado da arte das diferentes perspectivas	63
63	
63	
Abordagem Social Midiática Em Desastres: Jornalismo-Laboratorial Como Porta-Voz Da Sociedade Na Ausência	69
69	
O valor heurístico do diálogo para a pesquisa em comunicação: considerações e reflexões	74
Cristiano Alves Viana	74
José Fernando Patiño Torres	74
Cidadãos em Rede: Estudo de Conteúdos Publicados sobre Itinga do Maranhão no YouTube	81
80	
80	
Impactos na Saúde Mental dos Jornalistas em meio a sua atuação profissional na Pandemia da COVID-19	86
85	
Liliam Deisy Ghizoni	
Poliamor: Sobre Como Podemos Aprender Com a Amazônia	85
85	
85	
85	



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

GRUPO DE TRABALHO 1 – JORNALISMO, MÍDIAS E CULTURA

Gatewatching e a seleção de notícias pelo WhatsApp no Jornal Sou de Palmas¹

Fernanda Alves de Mendonça²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

O objetivo deste artigo é investigar como o processo de *gatewatching* é realizado na seleção das notícias que chegam pelo *WhatsApp* institucional do Jornal Sou de Palmas e das informações captadas em grupos locais no aplicativo. Foram realizadas entrevistas com os profissionais que lidam com o *WhatsApp* e observação direta durante cinco dias na redação do veículo. Também ocorreu a coleta das sugestões de pautas que chegaram pelo aplicativo, no período de 18 a 22 de julho de 2022, quantificadas as que viraram notícias e comparadas com o volume das publicações no site. Sobre o *WhatsApp* no jornalismo, o aplicativo proporciona mais rapidez e dinamismo, como explicam Holanda; Muniz e Machado (2016). Para os autores, o aplicativo oferece ao jornalista um meio de se aproximar da sua fonte e das audiências, além de acelerar o processo de apuração, produção e disseminação de matérias. Essas facilidades proporcionadas pelos meios digitais também são relatadas por Meireles e Coelho (2014), ao enumerarem como elementos facilitadores na composição de várias notícias, o acesso simplificado a mensagens de textos, de áudio, com imagens ou de vídeos. E nesta análise, o *WhatsApp* se sobressai dos demais, ao intensificar o processo de aproximação entre leitor/internauta e jornalista, no envio de sugestões de pautas, denúncias, e consulta de dados pelos profissionais de comunicação às suas fontes. Quanto ao uso do *WhatsApp* pelos jornalistas, ter repórteres por toda a cidade é uma das grandes utilidades apontadas por Monte (2019). São repórteres que fazem parte do público e sentem os problemas que os assolam.

Outro aspecto interessante e vantajoso da utilização do *WhatsApp* no processo de construção das notícias, é a possibilidade de os jornalistas manterem uma linha direta com sua fonte, preservando a privacidade e facilitando o armazenamento de dados, conforme explicam Ferreira; Monteiro e Maciel (2015). Informação na palma da mão e acessada de qualquer lugar, o que dão maior autonomia aos profissionais e ajudam na organização do trabalho. Sobre o

1 Trabalho apresentado ao GT 1 – Jornalismo, Mídias e Cultura da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Mestranda em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Gestão de Crises nas Organizações Públicas e Privadas pela Faculdade Unyleya. Especialista em Agronegócio pela UFT e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFT. E-mail: fernandauf@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

conceito de *gatekeeping*, Kurt Lewin o elaborou a partir de um estudo de 1947, sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais, em especial ligados à modificação de seus hábitos alimentares. Os *gatekeepers* têm poder de decidir passar ou bloquear alguma informação. E esse processo de bloqueio ocorre não só nos canais de alimentação, mas também com a sequência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, conforme conclusão de Lewin (1947). David Manning White (1950) foi o responsável por dar vida ao *gatekeeper* sob o pseudônimo de Mr. Gates. O autor adaptou o modelo criado por Lewin para analisar o processo de seleção do conteúdo noticioso. Dentro do conceito/teoria de *gatekeeping*, o processo de produção da informação é idealizado como uma série de escolhas. Dando um salto no tempo e inserindo a comunicação no universo digital proporcionado pela Internet, Alex Bruns (2011) argumenta que o antigo monopólio de *gatekeeping* foi desafiado pela prática de *gatematching*, conceito relativamente novo, surgido em julho de 2009, após uma experiência inédita *The Guardian*. Mas apesar dessa inovação via Internet, Bruns (2011) lembra que iniciativas colaborativas com as audiências já existiam no fim da década de 1980 e início de 1990, nas tentativas do jornalismo público ou civil. Portanto, na análise do estudioso, a disponibilidade comum das plataformas da mídia social quase em tempo real e as pressões dos canais de notícias que atuam 24 horas, acelerou essa transição e a interrupção final dos modelos tradicionais de *gatekeeping* e a mudança em direção ao *gatematching*. Bruns (2011) identifica dois aspectos combinados que fomentaram essa substituição: a multiplicação dos canais para publicação e divulgação das notícias, não sendo mais um monopólio de grupos de notícias; e o desenvolvimento dos modelos colaborativos para a participação dos usuários e para criação de conteúdo. Outro argumento para o desenvolvimento do *gatematching* é o enxugamento das redações, com demissões e acúmulo de funções, impossibilitando um trabalho mais livre aos jornalistas. Mas, apesar do processo de produção que acontece no *gatematching*, sem estrutura hierárquica do controle tradicional de outros processos tradicionais, e da impossibilidade de controlar todos os canais e seus portões, as pessoas responsáveis pela organização e curadoria das informações, têm condições de fazer e participar quais as informações que passam por esses canais, quais são os comunicados feitos pelos atores públicos para a imprensa, quais são os relatórios publicados por pesquisadores e organizações, e quais são as intervenções feitas pelos lobistas e políticos, conforme enumera Bruns (2011). Essa descentralização, como argumenta Bruns (2011), não deve ser vista como uma exploração da mão de obra da audiência. Isso leva ao desenvolvimento de estruturas de comunicação mais amplas e menos hierárquicas, devendo ocorrer três iguais. Após a apresentação dos conceitos que nortearam este estudo, cabe detalhar o objeto alvo da pesquisa. Fundado em 2018, o Jornal Sou de Palmas é um site de notícias sediado em Palmas, capital do estado brasileiro do Tocantins. Possui dezoito editorias, apresentadas neste estudo por ordem alfabética: Blog do Ramon Macedo, Brasil, Cidades, Concursos, Cotidiano em Destaque, Economia, Educação, Entretenimento, Esportes, Google News, Mundo, Na Mídia, Palmas, Plantão Policial, Política em Foco, Saúde, Tecnologia e Tocantins. A estrutura é composta por sete profissionais ligados à produção e divulgação de conteúdo, sendo: Ramon Macedo, fundador do Sou de Palmas e editor-chefe; Júlia Carretero, estudante de Jornalismo e repórter; Júlia Carvalho, estudante de Jornalismo e repórter; Rafael Coimbra, jornalista e repórter; Lucas Rocha, estudante de Publicidade e Propaganda e social media; Eliseu de Paula, sem formação específica na área de Comunicação Social, mas atua como *social media* por conta de sua experiência profissional; e Henrique Rebouças, estudante



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

de Letras que atua apenas na divulgação de matérias nos grupos do jornal. Retomando o caminho metodológico da pesquisa, a primeira parte compreendeu uma visita à redação do Sou de Palmas, no dia 13 de julho, no período da manhã, para ambientação e ajustes de como seria o acompanhamento presencial do trabalho da equipe. Verificou-se que na parte da tarde o fluxo de informações e a presença dos profissionais é maior neste horário, portanto, optou-se pelo acompanhamento das 14 às 18 horas. E para cumprir a rotina de visitas durante cinco dias, e sem que houvesse uma quebra em razão do expediente ocorrer apenas em dias úteis durante o mês de julho, a pesquisadora optou pelo recorte da pesquisa dos dias 18 a 22 de julho. Nos demais meses, os profissionais trabalham de segunda-feira a sábado. Durante os dias selecionados para o acompanhamento da rotina produtiva, a pesquisadora ficou diretamente na redação para verificação dos assuntos pautados e captação das matérias postadas. Optou-se pela caracterização seguindo os filtros de dia, título, caminho percorrido até se tornar matéria e fonte primária da informação. O objetivo da quantificação do conteúdo produzido no site é a de verificar a influência do *WhatsApp* nesse processo. Observou-se a postagem total de 99 matérias durante os dias 18 e 22 de julho. No dia 18 foram postadas 18 matérias, sendo 12 originárias de releases, 4 de captação própria e 2 provenientes de informações de outros veículos; dia 19 também foram contabilizadas 18 matérias, sendo 13 via releases, 3 de captação própria e 3 de outros veículos; no dia 20 de julho o número total de matérias publicadas continuou sendo 18, com 7 de captação própria, 7 de releases e provenientes de outros veículos; dia 21 de julho o número total foi de 20 matérias, sendo 12 via releases, 4 de captação própria e 3 de outros veículos. Por fim, no dia 22 o número total foi de 25 matérias, com 15 produzidas a partir de releases, 6 de captação própria e 4 de outros veículos. O Jornal Sou de Palmas utiliza dois números de *WhatsApp* para o recebimento de informações e contato com fontes, ambos são administrados pelo editor-chefe. O telefone (63) 99274-5503 é descrito no expediente do site como o direcionado para contato direto com a redação, e possui como avatar a logomarca do site; e o (63) 99223-7820 para contato direto com o editor-chefe, tendo como avatar a sua própria foto. O relacionamento com as audiências para a produção de matérias noticiosas via *WhatsApp* ocorre de duas formas. A primeira abrange o processo de captação das informações, dividindo-se no recebimento direto nos perfis divulgados pelo Sou de Palmas e na captação em grupos diversos no *WhatsApp*, como os de bairro, vendas, assuntos policiais, denúncias, amigos de cidades, jornalismo, fofocas, política, dentre outros. A parte da captação em grupos é feita pelos dois profissionais de social media, e cada um está inserido em uma média de 750 grupos. Alguns se repetem, pois, como observado pela pesquisadora, em razão do fluxo intenso de mensagens em cada um deles, muitos não são devidamente monitorados. E a atuação de duas pessoas é usada como estratégia pelo jornal para aumentar a vigilância e a captação de informações. A administração dos números do Sou de Palmas é feita exclusivamente pelo editor-chefe, que ao receber uma informação com valor de notícia, encaminha via *WhatsApp* para o grupo da redação apurar os fatos. A segunda parte é exclusivamente para a disseminação das matérias produzidas pelo site, com o envio dos links, nos grupos oficiais do Sou de Palmas. No momento da pesquisa o jornal contava com 20 grupos. Dezenove deles são compostos por um público misto de leitores e apenas um possui profissionais da área de Comunicação Social e assessores políticos. E esse compartilhamento é feito para um total de 4.204 pessoas inseridas nos grupos, uma média de 210 pessoas por grupo. Apenas os administradores estão autorizados e escreverem, o deixa o controle do conteúdo nas mãos da equipe do Sou de Palmas. Das 99



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

matérias contabilizadas na análise, apenas cinco são originárias do WhatsApp, representando 5,05% deste volume. A autora optou pela disponibilização das capturas de tela nas conversas via smartphone para mostrar a origem dos assuntos que viraram notícias, classificadas como fontes populares. Apenas uma captura não está presente no estudo, pois ocorreu no número pessoal do editor-chefe com uma fonte pessoal do jornalista. A redação também teve acesso a uma informação sobre suposto assalto, porém, o assunto foi descartado. A observação e entrevistas proporcionaram a identificação dos valores-notícia, que são os critérios que influenciam a seleção do que é divulgado e destacado como produto noticioso. O conteúdo das notícias trata dos critérios utilizados nessa seleção: importância e o interesse pela notícia. Quanto aos critérios, inclui-se também aquele que se refere à notícia como resultado de uma ideologia da informação. Já os relativos ao público, dizem respeito ao que os jornalistas sabem das preferências da sua audiência, e, portanto, o que escolhem para ser publicado. Por fim, os critérios relativos à concorrência, é a escolha a partir da competição entre as empresas, principalmente em busca de furos jornalísticos e matérias exclusivas, além da suposição do que a concorrência também produz de forma similar (MONTE, 2019). Encerrando o período de observação sistemática, técnica comumente utilizada em pesquisas com objetivo de descrever com precisão algum fenômeno ou teste de hipóteses, partiu-se para a realização das entrevistas. Gil (2018) afirma que nas pesquisas com observação desse tipo, o pesquisador sabe os aspectos significativos do grupo alvo do estudo. Sobre a realização das entrevistas, optou-se por questões abertas para captar a percepção do entrevistado sobre determinado assunto, neste caso, como utilizam o *WhatsApp* na rotina produtiva de notícias. Ana Lúcia Novelli (2005) considera que as questões abertas permitem conhecer profundamente e de forma espontânea a opinião do entrevistado. As entrevistas ocorreram para identificar o histórico de uso do *WhatsApp* no jornal, o porquê da escolha do aplicativo para relacionamento com as fontes, critérios de seleção das notícias, tipos de sugestões recebidas e como funciona a rotina produtiva. A etapa final da captação das informações compreendeu a realização de onze perguntas. As entrevistas foram aplicadas de 25 de julho ao da 1º de agosto, com Ramon Macedo, de forma presencial, o único a responder as questões completas, pois o resultado das três primeiras perguntas se repetiria; e as demais via chamada de vídeo pelo *WhatsApp* com Júlia Carretero, Júlia Carvalho, Rafael Coimbra, Lucas Rocha e Eliseu de Paula. A pesquisadora não realizou entrevista com Henrique Rebouças, pois sua atuação não traz contribuições para o estudo. As perguntas 9 e 10 não foram feitas aos *social media*, pois não realizam essa atividade. Foram realizadas as seguintes perguntas: 1) Quando o Sou de Palmas passou a utilizar o aplicativo como ferramenta de trabalho? 2) Explique o porquê da escolha do WhatsApp para a rotina de produção? 3) A equipe de jornalistas utiliza apenas o número institucional para receber, captar sugestões e apurar notícias? 4) Qual o critério ou critérios de seleção para que as sugestões recebidas e captadas virem assuntos publicáveis pelo portal? 5) Quais os tipos de sugestões de pautas enviadas e captadas com maior frequência? 6) Como é o relacionamento entre as fontes e a equipe do portal? Seguem algum manual de boas práticas? 7) Com que frequência utilizam o *WhatsApp* na construção de notícias? 8) Acha válido o processo de apuração jornalística pelo *WhatsApp*? 9) Realiza entrevistas via *WhatsApp*? 10) Qual a sua avaliação do *WhatsApp* na rotina produtiva dos jornalistas? 11) Usa o *WhatsApp* pessoal para produção das notícias (seleção, apuração, distribuição)? Explique. O *WhatsApp* foi inserido no Jornal Sou de Palmas juntamente com o próprio surgimento do veículo de comunicação, em 2018. A escolha



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

pelo uso do aplicativo, conforme por Ramon Macedo, se deu em função da facilidade no recebimento e envio de mensagens, rapidez com que ocorre a interação entre jornalistas e as fontes, além do acesso simplificado de compartilhamento de áudios, fotos e vídeos. Sobre os critérios de seleção das sugestões recebidas e captadas, a equipe utiliza baseia o trabalho inicial na apuração, se o assunto é possível de ser checado por eles, seguido da verificação da importância e impacto que trará junto aos leitores, no que Ramon Macedo classificou como jornalismo-solução, para ser um canal para auxiliar na resolução de conflitos entre a comunidade e as instituições. Também foram enumerados como critérios a localidade do fato, assuntos viralizados nas redes sociais, comoção social e denúncias contra o poder público.

Os fatos mais noticiados e captados via *WhatsApp* são sobre criminalidade, acidentes, denúncias contra o poder público e desaparecimento. Dos seis assuntos captados por meio do aplicativo, sendo cinco transformados em matérias, quatro são sobre crimes violento e um sobre acidente de trânsito, o que confirma o tipo de assuntos descritos pelos jornalistas como os que mais têm acesso. Sobre o relacionamento com as fontes, o Sou de Palmas não possui um manual de boas práticas, mas todos são orientados pelo editor-chefe a serem cordiais, independentemente do tipo de fonte, oficial ou popular, para que todos sejam atendidos da melhor forma. Quando o jornalista realiza entrevista por *WhatsApp*, tendo o contato pela primeira vez com determinada pessoa, basicamente seguem a seguinte abordagem: identificação com nome, cargo e quem representa, seguido do objetivo do contato. Todos os entrevistados só relataram vantagens em utilizarem o *WhatsApp* na rotina produtiva no jornalismo, usado diariamente. O descreveram como o mais rápido e acessível entre as mídias, proporciona contato direto com a fonte, a apuração é descomplicada. Ramon Macedo ressalta que no trabalho de monitoramento nos grupos é possível captar informações que geram conteúdo, respeitando critérios jornalísticos. Todos utilizam o aplicativo para a realização de entrevistas, mesmo de assuntos não originários do *WhatsApp*. Em razão dos números oficiais do Sou de Palmas ficarem sob domínio do editor-chefe, os demais profissionais usam seus números pessoais para trabalharem, e relataram não terem passado por nenhuma situação embaraçosa, de assédio ou violência, em razão dessa opção. A exceção é apenas do social media Lucas Rocha, que prefere um número profissional para monitorar os grupos e ter mais controle, inclusive utiliza dois aparelhos celulares diariamente, um pessoal e o outro para trabalhar. Quanto às conclusões obtidas, na atual conjuntura é difícil imaginar a realidade da nossa sociedade sem utilização de recursos digitais como o *WhatsApp*, mas assim como em outros momentos, também está passível de ser substituído por outra proposta. É inegável a sua forte influência no dia a dia das pessoas, seja para atividades simples, como uma conversa entre familiares, ou para a otimização das rotinas de trabalho, independentemente do tipo de estrutura. Como resultado deste trabalho, confirmou-se que na última década, o jornalismo vem passando por uma crise de conteúdo e estrutural, com enxugamento forçado de redações, cortes estruturais, que dificultam a manutenção das tradicionais formas de se fazer jornalismo. O *WhatsApp* é um recurso importante para driblar as dificuldades. Aproxima a audiência, que atua de forma colaborativa, e pauta assuntos. Mas mesmo com esse enfraquecimento dos *gatekeepers*, e o crescimento dos *gatewatchers*, os jornalistas ainda devem manter a responsabilidade de aplicar os princípios éticos e valores-notícia. Como demonstrado na análise das notícias observadas no Sou de Palmas, o “porteiro” ainda determina o que vai entrar ou o que ficará de fora. A audiência do jornal exerce seu papel de *gatewatchers* ao



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

compartilhar assuntos em grupos, ou entrar em contato direto com a redação, no que consideram como publicações importantes para ser apurada para si, sua rede de contatos e para a sociedade.

Chagas (2018) traz em seu estudo sobre o *gatewatching* e a curadoria colaborativa, a visão da pesquisadora Adriana Barsotti (2014), que propõe cautela e considera que a abordagem do *gatewatching* se superpõe ao *gatekeeping*, pois mesmo na web, o jornalista continua com o papel de selecionar e checar as informações que estão sendo veiculadas. Em alguns casos, conforme os entrevistados, mesmo que a sugestão não seja acolhida, a fonte poderá receber uma resposta sobre o seu problema, como por exemplo das denúncias sobre o poder público, com o envio da nota oficial enviada pela assessoria de comunicação para o jornal. Em outros momentos, a fonte popular recebe o link da matéria. Sobre o volume de informações que chegam pelo aplicativo e as de outros meios, a quantidade é extremamente pequena, mas sua importância não deve ser minimizada. Sem dúvida, o uso do *WhatsApp* pelo Sou de Palmas para o compartilhamento das notícias nos grupos possui um grande alcance. Mesmo não sendo possível quantificar quantas pessoas consumiram as notícias enviadas nesses locais, a pesquisadora acredita se tratar de um número relevante de acessos originados dos links enviados nos grupos. A ferramenta ainda oportuniza crescimento, como as Comunidades, recurso anunciado em abril de 2022, pela Meta, empresa detentora do *WhatsApp*. O objetivo é reunir grupos relacionados sob uma mesma estrutura para receberem avisos enviados para toda a Comunidade e discutir assuntos de interesse. De forma simplificada, é um grande grupo para os grupos. As Comunidades poderão ser mais um ambiente para que os *gatewatchings* atuem.

Palavras-chave: *Gatewatching*. Sou de Palmas. *WhatsApp*

Referências

BARSOITI, Adriana. **Jornalista em mutação: Do cão de guarda ao mobilizador de audiência**. Florianópolis: Insular, 2014.

BRUNS, Alex. **Gatekeeping, Gatewaching, realimentação em tempo real: novos tempos para o Jornalismo**. Revista Brazilian Journalism Research. São Paulo, v.2, p.199 - 140, abril. 2011. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CHAGAS, Luã José Vaz. **Entre fontes e jornalistas: a seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN**. 2019. 393 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GIL, Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo, 2008.

HOLANDA, André; MUNIZ, Débora Hagestedt; MACHADO, Patrícia Pereira. **WhatsApp no Jornalismo móvel: um recorte da realidade de quatro veículos alagoanos**. Revista Latino-americana de Jornalismo, ano 3, vol. 3, nº 3. João Pessoa, 2016. Disponível em:



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação
PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •
25, 26 e 27 de outubro de 2022

<<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/30837/16243>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MEIRELES, I. L. P.; COELHO, T. F. **O uso do WhatsApp nas rotinas produtivas do portal O Tempo**. Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/tamires_ferreira_coelho_181.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022.

MONTE, Rachel Gomes Braga. **WhatsApp e seleção de pautas: o processo de Gatekeeper no programa O Povo no Rádio e as estratégias do ouvinte-repórter para emplacar pautas na programação**. Fortaleza, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52185?locale=pt_BR>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NOVELLI, Ana Lúcia Romero. **Pesquisa de opinião**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 164-179. Portugal. Actas...2007. Porto, 2007, p. 199-204. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2022.

WHITE, David. **Gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 199



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Atualizações sobre as transformações do jornalismo esportivo¹ da TV Anhanguera Tocantins

Joice Danielle Nascimento Pereira²

Universidade Federal do Tocantins

Sérgio Ricardo Soares Farias Silva³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

Este trabalho é fruto de uma linha de pesquisa que se aproxima das Geografias da Comunicação e que vem recebendo atenção, nos últimos anos, dentro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia – Nepjor/UFT. Referimo-nos a uma série de pesquisas sobre a imagem midiática do Tocantins, ou antes, uma autoimagem do estado, em especial da sua capital Palmas. Temos nos motivado sempre da constatação, por um lado, da ainda pequena repercussão dos temas e paisagens locais nas mídias externas (nacionais ou internacionais), e, por outro lado, em consequência parcial do aspecto anterior, uma insipiente diversidade na representação do lugar Tocantins dentro das próprias mídias locais. Além disto, constantemente nos deparamos com a carência de estudos acadêmicos a respeito de diversos recortes midiáticos regionais, lacunas que nos convocam a realizar os primeiros movimentos de mapeamento e reflexão sobre a produção comunicacional tocantinense. Neste âmbito de desbravamento, na fase atual, temos nos debruçado sobre questões do jornalismo esportivo no estado. Sendo também essa uma área com pouca abordagem acadêmica se levarmos em conta a dimensão regional, o trato historiográfico da imprensa esportiva tocantinense pareceria um gesto inicial obrigatório. Porém, em lugar de nos limitarmos apenas ao registro desta história – que, no caso de nossa pesquisa, recaiu sobretudo em materiais bibliográficos ou de mídia digital produzidos pelos próprios jornalistas locais mais antigos –, propusemos um olhar sobre as repercussões das relações entre identidade tocantinense, esportes e jornalismo nas produções contemporâneas, nomeadamente no telejornalismo. Para tanto, a TV Anhanguera, integrante do Grupo Jaime Câmara e retransmissora da Rede Globo no Tocantins, por ser a emissora aberta com maior audiência na região, foi escolhida como objeto preferencial. Avançando no recorte do estudo, houve a necessidade de centrar atenções na cobertura do futebol, por sua prevalência na imprensa esportiva em todo o país, em decorrência da óbvia hegemonia simbólica de que este esporte goza na cultura brasileira. Isto está evidenciado na revisão de literatura (DaMATTA, 1986; DAOLIO, 1998; ROSENFELD, 1993; BORELLI, 2002; SOUZA, 2014; GALHARDO, ALMEIDA, 2013), que aponta para a naturalização do imaginário popular do Brasil como “o

1

2 Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: joice.danielle@mail.uft.edu.br

3 Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior - Covilhã/Portugal. E-mail: serrsoares@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

país do futebol” ou “a pátria de chuteiras”, clichês históricos assimilados desde meados do século XX pelos discursos midiáticos.

O futebol amplifica paixões, e as virtudes da nação são encarnadas pelos jogadores (virilidade, lealdade, fidelidade, espírito de sacrifício, senso do dever, senso do território, pertencimento a uma comunidade), o que favorece investimentos míticos, projeções imaginárias e fanatismos nacionais.

Os esportes de massa desempenham importante papel na construção da identidade – reforçam o sentido de coletividade, de coesão, de culto a símbolos sociais. Nos jogos de futebol, a sociedade, ritualmente, celebra uma solidariedade social. Um “nós” ocupa espaços de diferenciação e de afastamentos cotidianos. São projetados desejos de união, orgulho e integração, ou são vivenciadas humilhações e tristezas coletivas. Por isso o esporte tanto encanta, arrebatava, extasia e tanto massifica, aliena e coisifica. (ASSUMPÇÃO; NEVES; CAMELO, 2014, n.p.)

A importância simbólica do futebol na elaboração de uma imagem de Brasil nos remete ao conceito de nacionalismo banal, conforme exposto por Michael Billig (2010), a saber, atos cotidianos de vínculo territorial, em contraposição a um nacionalismo mais explícito, “quente”, de manifestações ufanistas oficiais. Dentro do tema aqui discutido, este nacionalismo banal se apresenta no uso de camisas de seleção, utilização de bandeiras para decoração em épocas de competição, conversas corriqueiras sobre clubes e a “educação” prematura das crianças no amor ao futebol e na habilidade com sua prática (particularmente dos meninos). A força desta marca cultural é tão poderosa que se propaga em outras dimensões territorialistas, de maneira que vamos perceber um ufanismo regional ou local, em moldes semelhantes ao nacionalismo banal. Em outras palavras, uma das expressões de vínculo a um estado ou cidade, de amor e exaltação a esse lugar regional, termina por se dar pelo papel de torcedor de clube. Nossas inquietações a respeito do futebol tocantinense partem, assim, de entender como se gerencia esta identidade ufanista, institucionalizada em todas as unidades da federação, em um lugar onde o esporte convive com uma estrutura precária, pouco profissionalismo e, especialmente, com resultados pouco animadores em campeonatos de âmbito nacional. Como se vivencia o ufanismo tocantinense diante de uma realidade tão adversa, ou antes – já que o nosso foco é no jornalismo –, como a imprensa esportiva, elemento crucial de elevação do assunto, se equilibra entre o empenho de uma identidade cultural e a fragilidade de material para essas pautas? Para os limites do presente texto, apresentamos um quadro das atitudes jornalísticas da TV Anhanguera frente a esse desafio. Uma consequência primeira da dificuldade de adesão do torcedor aos clubes tocantinenses, está no engajamento constante a times de outros estados, particularmente aqueles bem-sucedidos em termos de conquista de títulos nacionais e internacionais, fenômeno ocasionalmente retratado mesmo em matérias jornalísticas. A observação do jornalismo esportivo da TV Anhanguera apresenta a repetição dos modelos nacionais de privilégio do futebol, tanto por sintonia simbólica com o espectador quanto por razões mercadológicas, ainda que haja permanente esforço para inserção de pautas de outras modalidades, tais como o atletismo, as artes marciais e os esportes de aventura, todas com uma certa tradição no estado.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Este cenário se mostra presente tanto na fase em que a emissora produzia o Globo Esporte Tocantins – programa especializado que tinha suas versões nos diversos estados – como após a extinção do programa, em dezembro de 2018. Em ambas as fases, um mote para o engajamento ufanista do torcedor são os espaços historiográficos da programação, com resgate de episódios históricos e personagens marcantes da trajetória esportiva local. Tais quadros se fazem acompanhar de gestos discursivos que funcionam como agentes promocionais de afetividades, em nada diferentes da tradição do jornalismo esportivo geral, como o retrato do engajamento do torcedor; a utilização de alcunhas coloquiais dos times (Verdão do Norte para o Tocantinópolis, Tricolor da Capital para o Palmas, Camaleão do Sul para o Gurupi, etc.); o retorno ao passado como estratégia de legitimação e envolvimento emocional; e a empolgação performática dos próprios jornalistas (repórteres e principalmente apresentadores), que encarnam a postura de torcedores ideais. A partir de janeiro de 2019, há a reformulação da grade da retransmissão da Globo, com a retirada do GE e a entrada das notícias de esporte nos telejornais generalistas da Anhanguera, principalmente no Bom Dia Tocantins e do Jornal Anhanguera 1ª Edição, evoluindo para um bloco específico dedicado à editoria. É importante perceber que esta reformulação, além de uma realocação do esporte em um espaço midiático não específico, também teve desdobramentos no quadro profissional, já que a empresa deixava de contar com profissionais de produção jornalística exclusivos da área. Por outro lado, quantitativamente, o jornalismo esportivo não demonstrou sofrer prejuízos nessa nova etapa, visto que no antigo GE Tocantins contava com um tempo médio fixo de cinco minutos e até ampliou essa contagem ao ganhar um bloco nos outros telejornais, a depender da importância momentânea das pautas. Do ponto de vista formal, ao se aproximar de um caráter de coluna, o quadro se abre para um teor mais opinativo, com comentários analíticos sobre os assuntos levantados pelas matérias. É verdade que diversas características já aqui elencadas e que faziam parte da era GE permanecem: a prioridade do futebol; a exploração de expressões verbais e de seleção audiovisual para construir uma imagem dos clubes locais como mobilizadores de afeto e interesse; o olhar ocasional para categorias menos privilegiadas e também para outras modalidades do esporte, amador ou não. Contudo, a margem de liberdade editorial concedida pela TV, o maior tempo garantido à editoria e a coloquialidade que o diálogo ao vivo em estúdio proporciona colaboraram para que este bloco desenvolvesse um grau inédito de aprofundamento e criticidade. Além da observação das edições do programa, esta fase da pesquisa contou com entrevistas em profundidade com editores e repórteres da área em exercício na TV Anhanguera⁴. A criticidade acima mencionada se revelou particularmente contundente com o apresentador Lucas Ferreira, principal responsável pelo bloco até 2021. Uma amostragem de edições ao longo deste ano de 2021⁵ possibilitou identificar uma expansão

4 O editor Lucas Ferreira concedeu entrevista, através de email, em 7 de abril de 2021. O chefe de redação na época, Adriano Fonseca, concedeu entrevista através do Zoom, em 29 de abril de 2021.

5 1. <https://globoplay.globo.com/v/9207634/?s=0s>. 2. <https://globoplay.globo.com/v/9228306/?s=0s>. 3. <https://globoplay.globo.com/v/9384461/?s=0s>. 4. <https://globoplay.globo.com/v/9405085/?s=0s>. 5. <https://globoplay.globo.com/v/9423999/?s=0s>. 6. <https://globoplay.globo.com/v/9560822/?s=0s>. Acessos em 13 out. 2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

no tempo do bloco, com a abertura para informações dos bastidores do esporte, uma contextualização mais consistente dos sucessos e fracassos tocantinenses em eventos e ainda uma imersão nos meandros políticos das categorias. Nisto estão incluídas críticas à organização do futebol, reivindicação de premiações e de postura mais profissional de atletas e dirigentes, reprimendas sobre o gerenciamento dos eventos durante à pandemia de Covid-19 e uma visão franca sobre as dificuldades vividas pelos desportistas locais, ainda que o tom de incentivo e de torcida não se tenha perdido. De acordo com depoimento do chefe de redação da Anhanguera à época, Adriano Fonseca, apesar da tendência de interferência da geradora Globo sobre afiliadas e retransmissoras, no sentido de homogeneizar a programação, a afinidade e o conhecimento de área por parte de Lucas Ferreira permitiram que o profissional imprimisse uma personalidade mais questionadora ao bloco, abrindo caminho para uma liberdade maior de criação. Uma última fase observada dentro desta pesquisa, e que é o momento contemporâneo do jornalismo esportivo na TV Anhanguera, tem início em fevereiro de 2022, quando o bloco de esportes é assumido pelo jornalista Rafael Ishibashi, que já somava na época 10 anos de presença na emissora. No entanto, como relatado em entrevista para esta investigação⁶, Ishibashi adentrou no jornalismo esportivo por uma perspectiva de desenvolvimento e ascensão profissionais, sem trazer um conhecimento específico na área, sobretudo no que diz respeito ao futebol. Assim, a prática de criação dentro do bloco, cuja produção é realizada pelo próprio apresentador, foi o que proporcionou a aproximação com as fontes e com o universo narrado – fenômeno que o jornalista identifica também em outros repórteres da empresa escalados para as matérias. Ishibashi sublinha que recebeu a tarefa com o jornalismo esportivo já estando este estruturado na condição de bloco, ou seja, diferentemente da época do GE, ficando sujeito à edição de jornalismo geral dos telejornais. Mesmo assim, reconhece ter encontrado liberdade para imprimir uma identidade baseada na postura assumidamente torcedora – que ele identifica em equipes do jornalismo esportivo da Globo em outros estados e que considera não conflitante com o trabalho jornalístico –, sem, no entanto, se privar do tom crítico quando necessário, o que, ainda segundo ele, gera alguns atritos com os clubes locais, já inerentes nesta área. Alia-se a isso um teor descontraído, tanto nas matérias como na apresentação do bloco, uma performance que aproveita a tradição do GE nacional. Esta formatação, ainda de acordo com o jornalista, teria sido responsável por transformá-lo em um rosto caseiro identificado com os esportes junto ao público e também em referência de informações da área, mesmo para colegas de outras editorias, embora, é preciso que se recorde, não fosse este um domínio seu antes de estreiar no bloco. No aspecto quantitativo, a receptividade específica deste produto jornalístico não tem como ser medido, já que ele é integrado aos telejornais. Tal medição só era possível na época do GE Tocantins. Da mesma forma, sem a independência na programação, o bloco não conta com um perfil próprio nas redes sociais, sendo sua produção sustentada nessas plataformas pelos perfis individuais dos jornalistas. Ishibashi, inclusive, ressalta outra desvantagem, mais relevante, para ausência do GE: a falta de uma equipe exclusiva dedicada

⁶ A entrevista com Rafael Ishibashi foi realizada presencialmente no dia 30 de setembro de 2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

aos esportes. Cita, por exemplo, o caso da unidade da Anhanguera na cidade de Araguaína que, ao ter seus repórteres mobilizados em 2022 para diversas matérias sobre a vistosa campanha do Tocantinópolis, clube sediado a quase 150 km ao norte, terminou por ver desfalcada sua equipe para outras pautas locais. Mesmo assim, o jornalista comemora, diante da precariedade desportiva regional, a manutenção e reverberação desse jornalismo, usando como índice o fato de que o bloco chegou, no decorrer de 2022, a ter edição com 40 minutos e quatro links. São, de fato, números de avanço, impulsionados justamente pela mencionada trajetória do Tocantinópolis Esporte Clube, que, na temporada, alcançou o título estadual e teve participação de destaque na Copa do Brasil e na série D do Campeonato Brasileiro, garantindo assim fartura de pautas e fomento para o discurso empolgado em cima de rara visibilidade de um clube estadual no cenário nacional⁷. Nossa investigação, até o momento, não tem como garantir se os formatos experimentados mais recentemente pela TV Anhanguera, a partir da supressão do GE Tocantins, geraram ao longo dos últimos anos um engajamento maior dos espectadores no esporte, em especial no futebol, a ponto de modificar a defasagem da modalidade como constituinte de uma identidade regional. Para tanto, necessitamos de outros procedimentos metodológicos que visem a receptividade do jornalismo junto não só ao torcedor, mas a outros atores da prática futebolística: jogadores, técnicos, dirigentes, cronistas. Porém, estes registros historiográficos aqui empreendidos, uma historiografia sobre uma prática jornalística sendo moldada contemporaneamente, apontam para o natural (porque determinado culturalmente) destaque para o futebol e sua utilização como fator de notoriedade da imagem do estado, enquanto, em contrapartida, o próprio esporte se esforça por gerar noticiabilidade. No entanto, tanto por alguma margem de autonomia editorial como por um espaço midiático a ser preenchido e que não se completa com um roteiro de pautas tradicionais, o bloco de esportes da retransmissora local encontra solução numa contextualização ampla e invulgar dos fatos futebolísticos, que necessariamente expandem os limites da editoria e demonstram suas conexões com a economia, a política, a cultura, etc. – uma expansão que, colateralmente, resulta num jornalismo esportivo mais crítico, ainda que profundamente determinado pela linha editorial da matriz Globo e sua tendência em aproximar este jornalismo do entretenimento.

Palavras-chave: Futebol. Identidade cultural. Jornalismo esportivo. Tocantins. TV Anhanguera.

7 Esta fase contemporânea dos esportes na Anhanguera pode ser ilustrada pelas seguintes matérias:

1. <https://globoplay.globo.com/v/10507903>.
 2. <https://globoplay.globo.com/v/10508798>.
 3. <https://globoplay.globo.com/v/10508802>.
 4. <https://globoplay.globo.com/v/10508850>.
 5. <https://globoplay.globo.com/v/10508857>.
 6. <https://globoplay.globo.com/v/10508974>.
 7. <https://globoplay.globo.com/v/10509001>.
 8. <https://globoplay.globo.com/v/10509028>.
 9. <https://globoplay.globo.com/v/10509101>.
 10. <https://globoplay.globo.com/v/10509153>.
 11. <https://globoplay.globo.com/v/10960759>.
 12. <https://globoplay.globo.com/v/10960760>.
 13. <https://globoplay.globo.com/v/10960761>.
 14. <https://globoplay.globo.com/v/10960762>.
 15. <https://globoplay.globo.com/v/10960780>.
 16. <https://globoplay.globo.com/v/10960838>.
- Acessos em 14 out. 2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Referências

- ASSUMPCÃO, L. O. T.; NEVES, R. L. de; CAMELO, E. S. A contribuição de Nelson Rodrigues para a Sociologia do futebol. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 14, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/28240>. Acesso em: 13 out. 2022.
- BILLIG, M. **Banal nationalism**. London: Sage, 2010.
- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica do campo jornalístico. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador, 2002.
- DaMATTA, R. **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, n. 10, 1998. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd10/daolio.htm>. Acesso em 30 set. 2022.
- GALHARDO, W. C.; ALMEIDA, M. A. B. A monocultura do futebol no Brasil: uma análise sociológica. **EFDportes.com**, n. 179, p. 1-10, 2013.
- ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SOUZA, J. de. **O ‘esporte das multidões’ no Brasil**: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Comunicação Pública e Mídias Sociais: Elementos Culturais Regionais como Estratégia Informativa - Um recorte do perfil institucional da Prefeitura do REcife no Instagram¹

Lorena Karlla Barros Vieira Mascarenhas²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

O presente artigo faz uma breve reflexão sobre o uso dos elementos culturais regionais como estratégia informativa de comunicação pública nas mídias sociais, a partir do exemplo do perfil institucional da Prefeitura do Recife no Instagram. Adotando referencial bibliográfico relativo aos conceitos de comunicação pública, de abordagens das teorias de informação, mídias e redes sociais como embasamento, o trabalho traz descrição de duas publicações selecionadas no perfil mencionado, em que as imagens e textos trazem esses elementos e por fim, discute como são utilizados. O consumo de conteúdos informativos foi decididamente alterado nos últimos 30 anos, com o progressivo crescimento dos recursos tecnológicos, rede de computadores, plataformas e mídias digitais. Neste sentido, se faz pertinente também observar o formato dessas narrativas e como as diversas áreas do conhecimento têm utilizado esses conteúdos. O relatório publicado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI), em 2019, em análise sobre a busca de informações relativas à ciência, apontou que houve uma mudança em relação às fontes de informações, e que mesmo que tenha ocorrido uma estabilização do uso da web, ela se mantém como principal fonte³. Configura tema deste artigo o estudo do uso de elementos culturais regionais como estratégia informativa, sob a ótica da Comunicação Pública, no ambiente das Mídias Sociais. Para isso foi escolhido o perfil institucional da Prefeitura do Recife (Pernambuco) no Instagram como exemplo. O objetivo é identificar a adoção de elementos culturais, principalmente linguísticos, e descrever o formato visual e textual utilizados como estratégia de atração de visibilidade nos conteúdos postados. Para alcançar essa proposta foram selecionadas duas postagens publicadas no mês de julho de 2022, nas quais a utilização de termos regionais foi identificada. A partir dos prints desses conteúdos, como recortes da totalidade de postagens, foram feitas as discussões teóricas sobre o tema. A pesquisa, em termos de abordagem, é do tipo qualitativa por considerar que “é válida principalmente na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma

1 Trabalho apresentado ao GT 1 – Jornalismo, Mídias e Cultura da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Mestranda em Comunicação e Sociedade - UFT / lorena.karlla11@gmail.com

3 Fonte: Relatório Percepção pública da C&T no Brasil - 2019 - Disponível em:

https://www.cgEE.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”, conforme argumentado por BARDIN (2011, p. 145). Os conteúdos selecionados foram analisados de forma descritiva, para apresentar uma breve descrição do recorte estudado. A pesquisa, de natureza básica, contribui com reflexões ao meio acadêmico, uma vez que tais informações podem auxiliar na compreensão do fenômeno. Adotou-se os procedimentos da pesquisa documental, especificamente dos conteúdos selecionados no perfil institucional da Prefeitura do Recife, no *Instagram*; e ainda da pesquisa bibliográfica relativa aos conceitos de Comunicação Pública e de Redes Sociais e de abordagens de teorias da informação. Este trabalho encontra justificativa para somar-se às reflexões do segmento relativas ao uso de elementos culturais como suporte à informação. Prefeitura do Recife: cultura regional no *Instagram* - Nascida ainda em 2010, a rede social *Instagram* surgiu de um protótipo chamado até então de *Burbn*, assinado pelo engenheiro de software Kevin Systrom, como serviço que combinaria uma série de funções básicas, como fotos e planejamento. O brasileiro Mike Krieger se juntou ao projeto, reformulou o protótipo e o batizou de *Instagram*, um aplicativo gratuito e focado no compartilhamento de fotos quadradas, com espaço para legendas, onde se podia convidar usuários a compartilharem momentos do cotidiano aos seus “amigos”. A aceitação foi ampla, e após dois meses já existiam 1 milhão de usuários; um ano depois, em dezembro de 2011, 15 milhões de usuários. O impacto positivo levou a plataforma a ampliação, e foi comprada pela proprietária da rede social concorrente, o Facebook⁴. Atualmente, o *Instagram* integra o conglomerado de plataformas digitais, que inclui ainda, além do *Facebook*, os aplicativos *WhatsApp* e *Messenger*, que tem 3,65 bilhões de usuários no mundo. Como mídia digital, o *Instagram* tornou-se popular especialmente por sua conotação estética e imagética. E passou a atrair, juntamente com o *Facebook*, a atenção também de organizações e órgãos para se estabelecer, ou melhor, estabelecer-se enquanto presença na rede social, em perfis públicos que alcançam milhares de seguidores. Conforme Freitas e Rocha (2022), na publicação técnica *Divulgação Científica nas Mídias Sociais - Estratégias de Comunicação para Pesquisadores e Cientistas Iniciantes no Instagram* em 2021, 115 milhões de brasileiros, acima de 13 anos, usaram essa rede social. Os autores caracterizam a ferramenta como de “fácil utilização, variadas funcionalidades e taxas de engajamento satisfatórias em comparação com outras mídias”. Também é citada como ponto positivo, a “comunicação direta com o público por meio de comentários nas postagens e tem grande potencial para favorecer o diálogo”, além da facilidade de produção de conteúdos adequados, com mídias (fotos e vídeos). “Legendas de até 2.200 caracteres podem acompanhar as mídias, conforme conveniência da postagem” (FREITAS e ROCHA, 2022, p. 22). Um estilo de linguagem multifacetada e interativa. A avalanche de informações é crescente nas mídias digitais, e para acompanhar, ou melhor dizendo, para agradar, essas informações precisam atrair a atenção do público. O uso de linguagem adequada ao ritmo fluído dos clicks e também de ícones que encaminhem e provoquem interesse pela informação integram o chamariz necessário

4 A compra da plataforma de Mídia Social - Instagram pela empresa dona do Facebook foi pelo valor de US\$ 1 bilhão e ocorreu em 2021.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

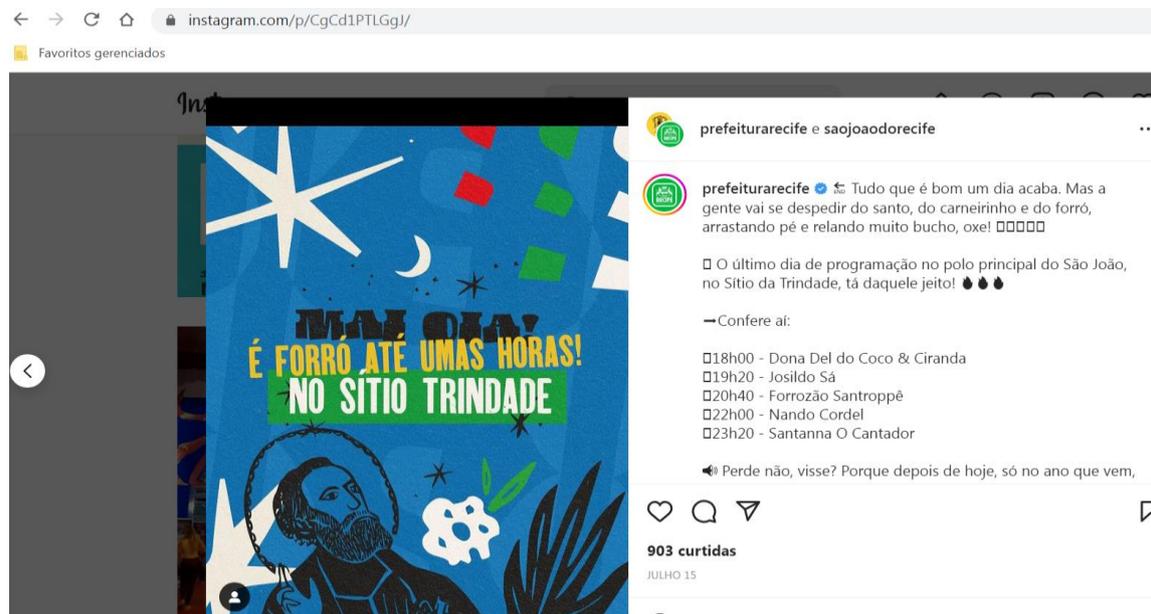
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

ao meio. Para discutir sobre esse processo, foi escolhida a proposta de análise crítica da narrativa, estruturada por Gonzaga (2005), que objetiva estudar determinado fenômeno ou recorte “como uma estratégia enunciativa que visa atrair envolver e convencer o interlocutor, trazê-lo para o jogo de construção compartilhada de sentidos”. Dado estudo é viável embora haja a “impossibilidade de estudar o ato em si, estuda-se a marca da enunciação presentes no texto, e a correlação discursiva entre os sujeitos interlectores” (GONZAGA, 2005, p.9). Observou-se o perfil institucional principal da Prefeitura Municipal de Recife (PE), na rede social *Instagram*, cujo perfil possui mais de 300 mil seguidores⁵. Para efeito de análise descritiva dessas narrativas foram selecionadas duas postagens, como recortes para se entender o uso pontual dos elementos culturais regionais como estratégias informativas ou de indexação das informações, ainda tendo o embasamento nos conceitos de Gonzaga (2005, p. 132), que também diz que, ao desenvolver suas próprias análises, “os pesquisadores devem ficar livres para aprofundar e criar conceitos operacionais e procedimentos que suas próprias perguntas e objetos sugerem”. Após a seleção e o registro no formato de print, é feita a descrição dos conteúdos em um modelo básico de referência às bibliografias/leituras adotadas relativas ao tema.

Conteúdo 1 - Mai óia; até umas horas; visse



Postagem datada de 15 de julho - perfil da Prefeitura de Recife, no Instagram

⁵ Dados obtidos em julho de 2022



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

A temática local é notada considerando especialmente a linguagem adotada. O elemento ou expressão cultural ‘Mai’⁶ é a principal representação dessa ideia ao ser utilizado na configuração da imagem de capa da postagem, em junção com o ‘óia’, que resulta em um modo todo particular de dizer: “olha só”. Uma expressão particular do lugar, que promove a identificação local e remete o leitor/usuário a aproximar-se da informação. Ainda na imagem, a proposta é complementada com os termos “até umas horas”, que como palavras isoladas não representam literalmente uma expressão, mas juntas, levam o leitor a se situar no linguajar característico dos recifenses. Popularmente a colocação significaria, até tarde. Mas, a linguagem característica regional substitui a convencional com tanto êxito na mensagem, que sequer consideraríamos utilizá-la neste contexto. Na legenda, ou texto de apoio, a cultura regional continua como presença marcante na utilização dos termos: “arrastando pé e relando muito bucho, oxel!”, que, conforme publicação voltada à divulgação turística da cidade do Recife, intitulada *Dicionário Arretado*⁷, remete a ideia de dança: “festa onde se pode dançar”. Por sua vez, segundo a mesma publicação, o ‘oxe’ traz aquela impressão de espanto, “Oxe, oxente – interjeição de espanto” (Prefeitura do Recife, Sd). Porém, também é relacionado a uma pausa linguística para ressaltar e fortalecer as palavras anteriores ou que vierem a seguir. Já a expressão ‘Visse’⁸ é utilizada na finalização do texto da legenda como função de locução, interativa inclusive, para remeter o leitor ao sentido final de entendimento. Como quem diz, entendeu? Essa é, aceitando a argumentação de Santos (2006, p. 92), uma possibilidade trazida pelos novos meios em relação à textualidade, a de “expandirmos as nossas subjetividades para além dos nossos limites físicos, mentais e culturais até então delimitados”, mesmo que haja um desencontro, um fora de si identitário, ainda buscamos “signos de expressão publicamente reconhecíveis”, para nos inteirarmos com o espaço, aquele dotado de nossos “saberes e performances”. Cabe refletir que Castells (2004) previu que seria por meio da internet que movimentos seriam construídos. E o raciocínio do autor, de que o poder poderia ser exercido, conquistando o espaço no cotidiano das pessoas, “principalmente a partir da produção e difusão de códigos culturais e conteúdos de informação” (CASTELLS, 2004, p. 196), faz sentido no conteúdo estudado. Lembra-se aqui que Paul (2014) tratou sobre as narrativas digitais e sua “habilidade de proporcionar conteúdo adicional, remetendo a outros materiais” como um traço “poderoso”. São características dessas narrativas a capacidade interativa, e suas possibilidades de relacionamento de tipologias múltiplas, tais como entre os diversos usuários e máquinas, diálogo em tempo real, deslocando o tradicional meio e mensagem, entre outros; e, especialmente, pela dotação de influenciar o conteúdo da mensagem (PAUL, 2014, p. 125).

6 Fonte: Portal Visite o Recife, Prefeitura de Recife. Disponível: <https://visit.recife.br/institucional/> Acesso em: 04/08/2022

7 Disponível: <https://visit.recife.br/wp-content/uploads/2020/02/dicionario-arretado.pdf/> Acesso em: 04/08/2022

8 Conforme o dicionário de expressões locais, publicado no Portal Visite o Recife - direcionado a informações turísticas da cidade. Disponível em: <https://visit.recife.br/wp-content/uploads/2020/02/dicionario-arretado.pdf> Acessado em: 04/08/2022



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Conteúdo 2 - Painhos e Mainhas



Postagem de 27 de julho de 2022, no perfil da Prefeitura do Recife, no Instagram

A meta de atrair a atenção para o serviço público, através de alegorias e dizeres regionais, mesmo que no ambiente desterritorializado das narrativas digitais, se faz novamente presente no conteúdo acima. Considera-se neste caso o uso de duas expressões culturais frequentes - não só no Estado do Recife, mas, na Região Nordeste brasileira - de nomear os progenitores de forma diminutiva, como demonstração de afetividade parental, os “painhos” e “mainhas”, respectivamente, pai e mãe, revela intenção de adotar um discurso de proximidade, de familiaridade com a linguagem local, especialmente considerando o teor do conteúdo voltado a orientação e informação de pais e responsáveis sobre o tema da vacinação contra Covid-19. Lévy (2010) explica que a “virtualização” traz a desterritorialização, desalojando o modus espaço-tempo. As primeiras referências do autor, que tornou ícone dos estudos relativos ao Ciberespaço⁹, antecipa o surgimento de “um novo Estado, com o intuito de abarcar a diversidade cultural”. Essa dinâmica promoveria, na previsão do autor, a “capacidade de comunicação e circulação de informações, com isso disseminando a liberdade”. (LÉVY, 2010, p.43). Porém considera-se que, embora o processo de inter relações tenha se alterado, há ainda as relações próximas sendo mantidas e estruturadas a partir da presença local, da condição e da vivência locais. Considerações Finais: Ao pensar e correlacionar à informação no ambiente das

9 O Ciberespaço foi mencionado por Lévi (2010, p. 70) como ambiente onde se visualiza então, um conjunto de práticas sociais e comunicacionais, que se pode definir como cibercultura, no qual o indivíduo é ao mesmo tempo informante e recebe as informações.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

redes sociais - neste trabalho fixada na rede social *Instagram* - , Cavalcanti (2013) trouxe um importante suporte ao citar que no ambiente das redes sociais “todos podem dizer algo, e todos podem ser ouvidos”. Por outro lado, essas mídias, conhecidas e reconhecidas por sua conotação imagética, maximizam a exigência de adoção de recursos visuais, narrativos e estéticos no sentido de ressaltar positivamente do que se propõe divulgar e atrair a atenção. E o que víamos como isolado, como linguagem padronizada, seguindo rotinas estreitas de modismo, vai se desenhando em molduras totalmente novas, diariamente. De tudo isso, surge a ideia mais próxima ao definitivo que se pode ter momentaneamente sobre a informação nas redes sociais, seja ela oriunda de fonte oficial, produzida como Comunicação Pública, ou das demais e quase infinitas formas possíveis, a de que nada é definitivo ou tido como adequado, a não ser o acréscimo à máxima da teoria clássica de comunicação¹⁰ de que o meio faz a mensagem, definindo que o público faz a mensagem. Nas publicações selecionadas notou-se que a necessidade de apresentar conteúdo atrativo ao ‘público’, ou seja, o cidadão recifense, motivou a escolha seletiva de linguagem característica local, mesmo considerando que o ‘meio’ em que esse conteúdo era produzido alcança não só o local mas globo conectado. Tais estratégias comunicativas da linguagem local/regional integraram-se ao conteúdo, tornaram-se ‘meio’, não porque a rede social - enquanto meio - exigisse esse formato apenas, mas, numa espécie de junção circular ao fato da rede social tornar essa adoção estratégica atrativa ao ‘público’, e este ‘público’ assumir posição de donatário do poder de torná-la atrativa. Por outro lado, enquanto espaço de mídia institucional, o Instagram (perfil) da Prefeitura do Recife, ao utilizar esses elementos, incorpora conotação de Comunicação Pública, por dotar os conteúdos (a partir dos exemplos selecionados) de linguagem reconhecível ao seu público, ou seja, o cidadão local.

Palavras-chave: Cultura regional, Redes sociais, Conteúdos informativos, Comunicação pública.

Referências

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação pública:** estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2009.

CASTELLS, Manuel (2004). **A Galáxia Internet:** Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CAVALCANTI, Ivo Henrique França de Andrade Dantas. **O Webjornalismo e suas potencialidades:** um estudo de caso do portal NE10 / Recife, 2013. Disponível em:

¹⁰ Tese de Marshall McLuhan, originalmente publicada em 1967, em obra com o título, *The Medium is the Message: An Inventory of Effect* em que o autor defende que o meio, como canal de transmissão do conteúdo comunicativo, influencia a mensagem.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

file:///C:/Users/User/Documents/Vida%20Acad%C3%A7%C3%A3o%20IVODANTAS.pdf / Acesso em: 22/07/2022.

D'ANDRÉA, Carlos d'. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. Salvador : EDUFBA, 2020.

FREITAS, Thatiana P R de; ROCHA, Marcelo B. Divulgação científica nas mídias sociais - estratégias de comunicação para pesquisadores e cientistas iniciantes no Instagram. UFRS. 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/703171> - acessado em: 01/08/2022

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

PAUL, N. **Elementos das Narrativas Digitais**. In: FERRARI, P. (org.) Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2014. p.121 - 139.

SANTOS, Vilbégina Monteiro dos. **Ficção Literária e Hipertexto: contatos imediatos em o baile de máscara e em os anjos de Badaró** in SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org.). Identidade cultural e expressões regionais : estudos sobre literatura, cultura e turismo- Ilhéus : Editus, 2006. Disponível em: http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2/identidade_cultural.pdf acessado em: 03/08/2022

TECNOBlog Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/> Acessado em: 31/07/202



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

“Eu sou, país do futebol, negô, até gringo sambou”: a interpretação jornalística¹

Rodrigo Nascimento Reis²

Universidade Federal Fluminense

Resumo expandido

O artigo apresenta como a interpretação jornalística sobre o epíteto ‘País do Futebol’ colabora para disseminar a imagem do Brasil como melhor representante da modalidade esportiva no mundo. Partimos do pressuposto de Helal (1997) que concebe a modalidade esportiva como forma cultural de integrar o país, sendo as narrativas jornalísticas responsáveis pela crença de que onze jogadores seriam os representantes do país e o campeonato um duelo de nações. Nessa perspectiva, utilizamos para explicitar melhor esta narrativa, iremos utilizar como fio condutor uma série intitulada “O País do Futebol”, composta por cinco reportagens, cada uma com aproximadamente cinco minutos. Ela foi ao ar em maio de 2014 – às vésperas da segunda Copa do Mundo realizada no Brasil –, exibida pelo Jornal da Globo apresentado pelos jornalistas William Waack e Christiane Pelajo. Produzida pelos repórteres Bruno Laurence e Mário Torres, o objetivo da série foi apresentar porque o Brasil é considerado o país do futebol. Estas reportagens veiculadas inicialmente na TV estão disponíveis na página do jornal³. Antes de prosseguir, uma das músicas mais repercutidas antes e durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, foi “País do Futebol” do cantor de funk MC Guimê. O site *El País* divulgou em 4 de julho de 2014⁴ que o videoclipe oficial da música havia sido acessado 32 milhões de vezes pelo canal do *YouTube*⁵. Até maio de 2022, o vídeo já foi visto por mais de 96 milhões de pessoas. O *El País* destacou que o clipe teve a participação do atacante Neymar e do rapper Emicida, e que a música logo virou hit por fazer uma homenagem aos garotos da ‘quebrada’. O G1 e outros veículos da imprensa também repercutiram o lançamento da produção, abordaram a presença das crianças de comunidade, de Neymar e evidenciaram como o arranjo musical fez a letra virar hit. Eis um trecho:

A rua é nossa e eu sempre fui dela
Desde descalço gastando canela

1 Trabalho apresentado ao GT 1 – Jornalismo, Mídias e Cultura da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: rodrigoreisitz@gmail.com

3 Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/05/serie-do-jornal-da-globo-mostra-porque-o-brasil-e-o-pais-do-futebol.html>.

4 Site: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/05/cultura/1404520221_661923.html.

5 O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWnS2dIDgQA>.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Hoje no asfalto de toda São Paulo
De nave do ano tô na passarela
Na chuva, no frio, no calor
No samba, no rap, tambor
Com as mãos pro céu igual meu Redentor
Agradeço ao nosso Senhor

[Refrão]

No flow
Por onde a gente passa é show, fechou
E olha onde a gente chegou
Eu sou, país do futebol, negô
Até gringo sambou
Tocou Neymar é gol

Até maio de 2022, a postagem teve mais de 55 mil comentários. Um destes foi o mais curtido, por cerca de 17 mil pessoas, está em destaque na página e diz: “Ok, não podemos negar que essa música marcou o Brasil”. A maioria dos internautas realiza uma série de comentários positivos e elogiosos ao futebol e à canção. Não é nosso objetivo fazer uma análise da canção, muito embora por si só ela seja bem interessante e rica em detalhes, no entanto, ao apresentá-la, fica evidente uma construção narrativa: o Brasil como o país do futebol. Nem a imprensa, nem o público questionam, porém, o epíteto tem sido questionado pela academia (SOARES, 2001; HELAL, 2011; COSTA, 2017). A primeira reportagem da série conta com a chamada dos apresentadores do telejornal. Fica explícito ali a intenção da proposta e o argumento principal:

Mesmo nossos maiores rivais aceitam definir o Brasil como o país do futebol. O Jornal da Globo dedica uma série especial de reportagens para entender como nos tornamos o país do futebol. Em pouco mais de um século, o esporte conquistou os brasileiros e os brasileiros encantaram o mundo. E a miscigenação teve um papel importante nesta história. (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 26/05/2014).

O eixo que estrutura esta reportagem é a miscigenação como fator importante na construção do Brasil como “país do futebol”. Segundo os repórteres Bruno Laurence e Mário Torres, somente quando a sociedade começou a aceitar a miscigenação, os clubes de futebol começaram a refletir este contexto dentro de campo. O jogador Arthur Friedenreich, atuante nas décadas de 1920 e 1930, é apresentado como um exemplo do talento mulato e o atacante Leônidas da Silva como um ‘craque negro’ de sucesso.

Para embasar a reportagem, duas fontes acadêmicas são acionadas, ambos são identificados da seguinte maneira: o doutor em História Social da Cultura, Bernardo Buarque de Hollanda, e José Miguel Wisnik, escritor e professor da USP. Bernardo Buarque explica o fundamento das expressões futebol-mulato e futebol-arte como diferencial do brasileiro diante do europeu e explica que a seleção de 1938 é considerada legitimamente nacional por ter sido formada por pobres e ricos, brancos e negros, paulistas e cariocas, um arranjo que não havia sido possível de concretizar em anos anteriores. Outros fatores para justificar o Brasil como país do futebol são



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

citados, porém não aprofundados nesta reportagem, são eles: a seleção pentacampeã em Copas, os jogadores valiosos e cobiçados, o brasileiro Pelé como rei do futebol, o Maracanã como o estádio mais charmoso do mundo, o país com a festa mais animada e a camisa verde e amarela como presente no imaginário coletivo. Por esses motivos, os repórteres indagam: “O futebol coloca o Brasil em uma lista especial: a dos melhores do mundo. Por quê? Teria o futebol sido feito para os brasileiros ou os brasileiros teriam nascido para jogar o futebol?”. (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 26/05/2014). A conclusão desta reportagem é que parte da cultura e do desenvolvimento do Brasil é sustentado pelo futebol. O tema da segunda reportagem é a integração do negro ao futebol brasileiro e os casos de discriminação racial. Duas fontes acadêmicas também são acionadas aqui para explicar os casos de racismo no mundo da bola. O historiador e escritor Joel Rufino aponta que as manifestações de racismo no futebol nacional, presentes ainda nos dias de hoje, não surpreendem porque o Brasil sempre foi um país racista e destaca que o papel do negro no futebol e na sociedade é ‘abrasileirar as coisas’. Outra fonte é o diretor do Centro de Memória Vascaína, João Ernesto. Os repórteres contam a história de enfrentamento do Vasco da Gama contra o racismo, quando o time, além de abrir as portas para os negros, redigiu um manifesto considerado histórico, no qual se recusa a participar da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos sem seus jogadores negros. João Ernesto reitera este aspecto histórico do passado do Vasco apresentando imagens do manifesto e do time da época. Para descrever o cenário de preconceito nos primórdios do futebol brasileiro, o repórter Bruno Laurence conta que o jogador do Fluminense, Carlos Alberto, usou ‘pó de arroz’ para esconder a cor da pele em jogo contra o América em 13 de maio de 1914. A motivação em ‘disfarçar’ o tom da pele seria para não contrastar muito com a camisa branca do Fluminense. Nessa ocasião, a torcida adversária, aos gritos, o apelidou de “pó de arroz”, termo que virou símbolo da torcida fluminense. Para apresentar esta história, de modo ilustrativo, um ator negro aparece se maquiando ao lado do repórter. A cena ajuda a tornar místico um episódio já contestado por pesquisadores como Lovisolo (2012), que indica que o Fluminense era chamado de pó de arroz em função da presença da torcida feminina que utilizava maquiagem com pó de arroz, não fazendo sentido um jogador usar pó de arroz para se maquiar antes das partidas, tendo em vista que o próprio suor mostraria a farsa. Para Lovisolo, trata-se de mais uma história de Mário Filho recontada sem evidências. Mas a interpretação jornalística segue as pegadas de Filho (2010). Para mostrar que a inserção do negro nas partidas da época foi um escândalo para muitos, a reportagem da série “O País do Futebol” recorre a um trecho do livro “O negro no futebol brasileiro” justamente do jornalista Mário Filho. O trecho abaixo é lido na íntegra:

Desaparecer a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco tinha de competir em igualdade de condições com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 27/05/2014).

A reportagem encerra acionando depoimentos do presidente da FIFA, Joseph Blatter, sobre a tolerância zero nos jogos da Copa do Mundo. E conclui: “que seja assim. Já que a Copa do Mundo, ainda bem, tem o poder de unir cores do planeta inteiro” (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 27/05/2014). A terceira reportagem da série “O País do Futebol” pretende mostrar o início do processo imigratório de jogadores brasileiros para a Europa. O cenário atual



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

de exportação de jogadores é apresentado pelos repórteres como recheado de glamour, altas cifras e expectativas em relação à performance de craques famosos. Porém, na década de 1930 o contexto era totalmente adverso à saída de jogadores. Em suma, a reportagem foca na ida de três jogadores brasileiros ao Lazio, que foram acolhidos pela família Fantoni. Um deles veio a falecer após consequências de um incidente em campo. Um dos filhos destes jogadores depõe no vídeo para contar a garra do seu pai. Boa parte do enredo são lembranças dessa participação brasileira no Lazio. Para fazer elo com o presente, os repórteres citam outros jogadores brasileiros que jogam no Lazio em 2014, afirmando que a tradição do “Brasilazio” permanece. O desfecho da reportagem traça uma correlação do pioneirismo dos jogadores do Lazio com a presença de futebolistas brasileiros pelo mundo:

Pioneiros, desbravadores, aventureiros. Sem os Fantoni, a seleção não teria craques espalhados pelos melhores clubes do mundo. A base de Felipão para a Copa tem, dos 11, dez brasileiros que jogam fora do Brasil. Mas, que quando vestem essa camisa, matam saudades e se enchem de orgulho. (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 28/05/2014).

A quarta reportagem tem como objetivo mostrar como Pelé foi importante para a popularização do futebol nos Estados Unidos a partir de sua chegada no clube *New York Cosmos* em 1995. Dados da trajetória de Pelé para justificar sua grandiosidade não são citados pela reportagem, chamá-lo de melhor jogador do mundo, ou mesmo rei do futebol, já aciona no público a relevância do atacante. A matéria começa citando mais uma homenagem a Pelé, desta vez, na Conferência Internacional do Futebol na Universidade de Hofstra em Nova York. A reportagem acompanhou a ida do jogador até lá e sua visita a um jogo do *New York Cosmos*. O gancho da matéria é justamente a atuação de Pelé no *New York Cosmos*. A reportagem brinca com as palavras ao dizer que quando ele chegou por lá “era um rei com súditos desconhecidos em campos” e que só mais tarde vieram outras estrelas internacionais, como o italiano Giorgio Chinaglia, o alemão Franz Beckenbauer e o brasileiro Carlos Alberto Torres. Este último, inclusive, é uma das fontes no vídeo, relatando sua participação no clube americano. Imagens de arquivo de jogos da época com Pelé vestindo a camisa número 10 costuram a reportagem, fazendo um elo entre o passado em campo e o presente de Pelé como presidente de honra do *New York Cosmos*. A matéria cita ainda o jogador brasileiro Marcos Senna como um dos responsáveis pela vitória do *Cosmos* no campeonato de 2013, mostrando que de algum modo o time possui influência brasileira. A última reportagem da série “O País do Futebol” aborda o drible como principal componente do futebol-arte desempenhado pelo Brasil. “O drible é o espetáculo, tão apreciado quanto o gol (...). Não vale gol, mas muitas vezes, vale o ingresso” (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 30/05/2014). Boa parte da matéria é um resgate de jogadores que fizeram história com dribles memoráveis. Garrincha é o clássico exemplo desta tradição, referenciado por dribles espetaculares. Por causa disso, haveria a dúvida se o drible seria uma invenção brasileira. Os repórteres Bruno Laurence e Márcio Torres afirmam que não é possível ter certeza sobre esta invenção, mas que no Brasil o drible alcança o seu auge pelo talento nos pés de vários jogadores. Os jogadores Pelé, Rivelino e Robinho são fontes da reportagem e contam suas experiências de drible. Pelé disse que seus dribles, diferente de Garrincha, eram sempre em direção ao gol e quando era possível marcar, perfeito. Sobre o



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

drible como característica nacional, a reportagem aciona novamente o historiador e escritor Joel Rufino para explicar qual o significado do drible para o Brasil. Nas palavras dele:

A maneira brasileira de jogar que se caracteriza pela finta, pelo drible, pelo suingue, por uma certa irresponsabilidade com relação ao jogo. Mas uma fidelidade à bola. Essas são características brasileiras. E a tradição não é de fazer gol, o objetivo é a bola. É lidar com a bola, brincar com a bola. (Jornal da Globo. Reportagem O País do Futebol. 30/05/2014).

Assim sendo, por esta série de reportagens do jornal *O Globo*, é possível apreender uma apropriação de várias narrativas acerca do futebol brasileiro que em conjunto constroem o Brasil como “país do futebol”, uma visão, como observamos, naturalmente partilhada pela mídia brasileira. Enquanto comunidade de intérprete é assim que boa parte da imprensa nacional interpreta a história do futebol brasileiro: este desenvolveu-se a partir de vitórias, heróis, exportação de craques, futebol-arte, entre outras características, elevando o país como terra do futebol. Todavia, conhecer profundamente aspectos históricos destas narrativas e contrapontos destas construções é um eixo fundamental para nortear quais aspectos são mais ressaltados e constantemente repetidos, tornando tais narrativas referências também para a mídia estrangeira.

Palavras-chave: Jornalismo. País do Futebol. Seleção Brasileira

Referências

- COSTA, Leda Maria da. As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte: Mário Filho e a cobertura da Copa de 1930 por *Crítica*. **FuLiA** / UFMG, v. 2, n. 3, set.-dez., 2017.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, Mauad, 5ª ed, 2010.
- HELAL, Ronaldo. **Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos)**. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), v. 52, p. 68-81, 2011.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasse**. Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOVISOLO, Hugo. **Pó-de-arroz: grito de racismo ou de desigualdades sociais**. **Ludopédio**, São Paulo, v. 39, n. 1, 2012.
- SOARES, Antônio Jorge. **História e a invenção de tradições no futebol brasileiro**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Soares; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

JORNALISMO INVESTIGATIVO NO MEIO DIGITAL: O Portal da Agência Pública⁶

Rafael Silva Cunha⁷

Universidade Federal do Tocantins - TO

Resumo expandido

A pesquisa surgiu a partir do interesse em compreender a missão do jornalismo na sociedade. A função primordial de levar informação às pessoas, contribuindo para a democratização das notícias e do conhecimento, originou o desejo de esclarecimento de algumas práticas utilizadas por uma modalidade particular na imprensa brasileira, o jornalismo investigativo. A prática do jornalismo investigativo pode aferir uma metodologia própria que atravessa todo o processo de produção. A notícia é um texto informativo sobre algum tema ou fato de grande relevância veiculada pelos principais meios de comunicação de massa em tempo real. O objetivo geral foi analisar como o jornalismo investigativo está presente no meio digital tendo como estudo de caso o portal da Agência Pública. Os objetivos específicos foram: compreender as práticas investigativas utilizadas na mídia social; compreender as singularidades do jornalismo investigativo e como a Agência Pública se apropria das características do jornalismo investigativo no seu portal. Na metodologia aplicada ao trabalho optou-se por uma abordagem com percurso bibliográfico de pesquisa exploratória, com análise comparativa entre o objeto estudado, observando algumas reportagens da Agência Pública e os postulados teóricos de jornalismo que sustentam a prática do jornalismo investigativo. O jornalismo investigativo, apesar de apresentar características que também podem ser observadas em outras produções do gênero jornalístico, se diferencia porque tem uma demanda diferente e conta com métodos e estratégias peculiares, por contar com uma apuração profunda e ampliada da temática abordada, respondendo todas as indagações e contradições possíveis antes de ser apresentada ao público, contando com uma investigação completa, que tem dois objetivos: proteger o jornalista e o veículo de comunicação, apresentando uma matéria completa e sem barrigadas e também para que o público tenha acesso às informações mais próximas possíveis da realidade. “Nesse sentido, o jornalismo investigativo é aquele que realmente

6 Trabalho apresentado ao GT 1 – Jornalismo, Mídias e Cultura da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

7 Mestrando no Programa de Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: godnaylampions@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

prática a investigação, dedica tempo e esforço atrás da informação. Seria um guardião da sociedade” (NORONHA E ROCHA, 2019, p.4). Na concepção de Lopes e Proença (2013), a atuação do jornalismo investigativo ocorre no sentido de reconstruir acontecimentos importantes, promover reformas, expor injustiças, desmascarar fraudes e divulgar informações ocultadas pelos poderes públicos. “O jornalismo investigativo demarca uma categoria jornalismo que evidencia casos de corrupção e injustiças sociais, descrevendo esses acontecimentos em linguagem jornalística” (LAGE, 2011, p.139). O jornalismo investigativo é uma prática do jornalismo especializado que busca retratar dados e informações que são desconhecidas pela sociedade. Normalmente retrata temáticas relevantes e polêmicas, como crimes e casos de corrupção, que são práticas que acontecem de forma velada e que muitas vezes são expostos por meio da reportagem investigativa. “Jornalismo investigativo refere-se à prática de reportagem que desvenda mistérios e fatos ocultos do conhecimento público, que podem eventualmente vira notícia” (OLIVEIRA, 2017, p.14). A credibilidade no jornalismo também pode ser aplicada no jornalismo investigativo, pela necessidade da divulgação dos fatos de forma mais objetiva e confiável possível e isso é importante de se considerar porque é um gênero que notícias e informações que em sua maioria tem impactos no meio social, buscando retratar essas temáticas de forma mais ética e condizente com as práticas e rituais estratégicos do jornalismo e com isso, alcançar o objetivo de informar a população. “O jornal e o leitor não querem nem saber quais são as dificuldades que o repórter está encontrando, querem o fato bem contado” (HICKMANN, 2017, p.20). A credibilidade no jornalismo pode ser definida a partir de dois conceitos: a credibilidade constituída e a credibilidade percebida. O primeiro conceito está relacionado com a credibilidade do veículo de comunicação, a forma de trabalho, a rotina jornalística, ancorada em valores e princípios que definem a prática jornalística. Já a credibilidade percebida é aquela apreendida pelo leitor ou telespectador e segue o princípio de que o jornalista e o veículo de comunicação precisam comprovar as informações prestadas ao público e isso é uma obrigação na prática jornalística. “O jornalismo só se torna conhecimento se conseguir sustentar a sua veracidade por meio da justificação, um dos pilares epistemológicos da prática” (TRASEL, LISBOA E REIS, 2018, p.7). As implicações éticas no jornalismo investigativo são evidentes pelo fato de ser uma atividade social, isto é, que conecta fatos e acontecimentos que impactam direta ou indiretamente na vida dos entes sociais e que são fatos independentes conectados entre si pela investigação jornalística que cria um vínculo entre eles e isso cria interesses diversos, precisando lidar com as temáticas de forma cuidadosa e responsável, para não afetar negativamente o meio social. Um exemplo famoso sobre essa questão é a Escola Base, que por ter sido apurado sem responsabilidade social por parte dos jornalistas, acabou causando danos irreparáveis no meio social (CHRISTOFOLETTI, 2012). O jornalismo digital, segundo Barbosa e Seixas (2013), é um novo tipo de jornalismo e, nesse cenário, é possível fazer circular informações em um ambiente sem limitações de espaço ou de tempo, a internet. O jornalismo, por sua vez, vivencia hoje novas possibilidades na sua prática, fundamentalmente com o ambiente digital, que propicia formatos diferenciados de produção com as mídias sociais, que estão sendo amplamente utilizadas, e contam com a participação da sociedade no processo comunicacional, não apenas como receptora, mas também como emissora. Pierre Levy (2010), explica sobre uma nova modalidade comunicativa, conhecida como ciberespaço. Ele também analisa a questão da virtualização e por fim, a informação digitalizada, que contaria com maior facilidade em fazer alterações sem danificar o arquivo, a possibilidade de ser enviada e compartilhada de forma rápida e eficiente. As ferramentas



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

digitais muitas vezes são vistas apenas como mais um recurso que os jornalistas podem se apropriar para a produção e otimização da informação e por isso, muitas vezes, não se utiliza todo o seu potencial. A tecnologia não é simplesmente um mero veículo de transmissão de uma mensagem, mas que têm impacto na comunicação e por isso que se tornou uma extensão dos sentidos humanos (GALINDO, 2016). A Agência Pública foi fundada em 2011 e apresenta como característica peculiar à presença de repórteres exclusivamente femininas e tem como foco o jornalismo independente, isto é, sem vinculações partidárias ou com ideologia política. A Pública (conhecida de forma popular) se autodenomina de primeira agência de jornalismo investigativo no Brasil sem fins lucrativos, isto é, os trabalhos são realizados de forma voluntária e não há remunerações por parte do projeto na participação dos jornalistas. Segundo o portal da Agência Pública, “todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e tem como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos” (AGÊNCIA PÚBLICA, 2022). As reportagens investigativas que são contempladas na Agência Pública segundo os idealizadores são de interesse público e contam com o respaldo de diversos veículos de comunicação em nível nacional e internacional e também contam com distribuição de seus conteúdos em grandes aglomerados de comunicação. Além disso, a Pública também tem o diferencial permitir a republicação gratuita, isto é, qualquer veículo de comunicação pode reproduzir as matérias da Agência Pública sem precisar pagar por direitos autorais. Além de distribuir conteúdo para grandes portais do país, como UOL, El País Brasil, Yahoo, IG e Exame, conta com uma rede de republicadores em espanhol, que conta com 18 veículos em 12 países sob a licença Creative Commons (AGÊNCIA PÚBLICA, 2022). A Agência Pública tem como foco investigação jornalística de diversas temáticas, como a administração pública federal, estadual e municipal. O foco da investigação também não se restringe aos poderes executivos, mas também ao legislativo, o poder judiciário e também empresas ligadas diretamente ou indiretamente com a administração pública, isto é, aquelas que ofertam serviços terceirizados, analisando principalmente os impactos sociais e ambientais de empresas, suas práticas de corrupção e de antitransparência e a violência contra populações vulneráveis na cidade e no campo. Além de produzir reportagens do jornalismo investigativo, a Agência Pública também cria possibilidades de criação e manutenção de produções jornalísticas independentes, com criação de mentorias para jornalistas, que é importante, devido muitas vezes ser difícil realizar um trabalho jornalístico sem a intervenção de alguma instância social, econômica ou política, o que enfraquece a prática do jornalismo investigativo. Alguns dos valores presentes na Agência Pública: a independência editorial, isto é, sem ligação com nenhum órgão público ou privado; a promoção dos direitos humanos e da informação, algo relevante nos sistemas democráticos, pois defendem que as matérias e temas ligados a esses conceitos ganhem visibilidade; a investigação jornalística de qualidade e inovadora, que deve estar isenta e criteriosa, isto é, baseada em fontes e com as informações sempre tendo como base a ética e a verdade, além da construção da igualdade de gênero, isto é, que os profissionais tenham as mesmas oportunidades de desempenharem suas funções como comunicadoras e por fim o ambiente corporativo, com estímulo à formação de jornalistas éticos e competentes. O financiamento da Agência Pública conta com diversas fontes, como doações de fundações privadas nacionais e internacionais, patrocínio a projetos e eventos, os leitores, que podem financiar com valores que desejarem a partir de R\$ 10 reais. O financiamento também ocorre a partir de editais abertos pelo projeto e financiamentos para projetos específicos, que fomentem a investigação científica. A Agência Pública define que apesar de receberem recursos de



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

fundações e patrocínios de projetos, a iniciativa não perde o seu caráter independente, isto é, não conta com relação de proximidade com esses financiadores. Uma das metas apresentadas pela Agência Pública para financiar suas atividades é ser totalmente financiada pelo público e para alcançar esse objetivo, foram criadas algumas campanhas, como o Programa de Aliados da Pública, onde qualquer cidadão pode fazer doações a partir de R\$ 10 reais ao mês. O programa de aliados da Pública foi criado em 2019 e possibilita que as pessoas ajudem na manutenção e funcionamento do projeto. Uma das inovações do programa de aliados da Pública é não tratar os leitores como assinantes, mas sim como membros da comunidade da Pública. Outra atribuição que a Pública indica com esse programa é contar com uma lealdade 100% voltada para o público. A participação desse programa de aliados é voluntária e pode ser cancelada a qualquer momento. As vantagens de ser aliado da Pública é que o financiador também pode contribuir de forma editorial e social com o projeto, tendo uma aproximação com o jornalismo colaborativo. No portal da Agência Pública, as matérias jornalísticas são divididas em categorias: a reportagem, reportagem especiais, dados, entrevistas, vídeos e a categoria Mais. As temáticas abordadas na Reportagem foram variadas, cobrindo assuntos relevantes, como o uso de agrotóxicos em comunidades, discussão sobre o uso da cloroquina e seus efeitos no meio social, acusações de crimes sexuais realizadas por Samuel Klein, fundador do aglomerado de varejo Casas Bahia, de reportagens sobre o tratamento contra a Covid-19, dentre outras temáticas. Os conteúdos apresentados são de interesse público e tem uma amplitude nacional, pois afeta diversas localidades do Brasil e também são temáticas polêmicas e controversas, que suscitam discussões e polarização de opiniões no meio social, o que mostra a importância do jornalismo de investigar e abordar temáticas para combater a desinformação e as informações falsas e duvidosas. A reportagem especial escolhida para esta análise é o “Caso K”, que conta sobre o caso de Samuel Klein, fundador do aglomerado de comércio varejista Casas Bahia e que estava sendo acusado de abusos e exploração sexual de crianças e adolescentes na sede da empresa. Nesse primeiro momento, é apresentado uma espécie de lide, explicando fatos principais da matéria. Logo a seguir, no parágrafo seguinte, a Agência Pública possibilita a participação do público, onde o projeto pede que se o leitor conhece alguém ou ela mesma sofreu algum tipo de violência ou abuso praticado por Klein ou seus parentes, ele pode clicar no link e contar sua história. As técnicas do jornalismo, como o uso de aspas é comum, retratando a fala do entrevistado. Os nomes e idade das crianças e adolescentes que sofreram os abusos são visíveis porque eles são pessoas adultas no momento da entrevista, pois a maioria dos relatos foram de acontecimentos passados, alguns com mais de 30 anos de duração, sendo que a maioria das pessoas entrevistadas são pessoas de meia idade. Sobre a categoria dos “Dados”, que são reportagens que são feitas a partir de levantamento e cruzamento de dados, que pode ser números e estatísticas. A Pública traz uma informação interessante, quando explica que é possível utilizar a metodologia de coleta de dados para produzir jornalismo investigativo, relevando denúncias, como a reportagem Covid-19 atingiu mais de 80% das prisões em 14 estados”, que segundo a Pública é um levantamento inédito que revela pelo menos 877 unidades prisionais que registraram infecções no país. A matéria faz parte de uma coletânea de reportagens relacionadas com o coronavírus no Brasil. Essa matéria apresenta uma questão que é comumente abordada no jornalismo investigativo: a vida de pessoas encarceradas no Brasil, uma temática polêmica, obscura, pois muitas coisas acontecem nesse meio e a sociedade não conhece e por isso, essa temática tem impacto relevante no meio social, devido ao número relevante de pessoas em encarceramento no país. A entrevista é uma categoria criada pela



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Agência Pública tendo como objetivo de conseguir informações especializadas e de personalidades públicas, seguindo o critério de noticiabilidade da proeminência. A matéria sobre o “Aborto inseguro é das principais causas de morte materna e mulheres negras sofrem mais”, percebe-se um enquadramento de temática e de grupo social, pois tem como foco a aborto e como isso afeta mulheres negras e também se aplica ao conceito de jornalismo investigativo, pois abordar uma temática relevante e polêmica no meio social, que ainda suscita discussões e posicionamentos divergentes. A Pública visa com essa matéria abordar sobre o quanto a criminalização do aborto pode influenciar em maior dificuldade de mulheres negras em conseguir acesso a esse serviço de saúde. Concluiu-se que jornalismo investigativo é toda atividade jornalística que pressupõe certa investigação e apesar de considerarmos que a investigação já faz parte da prática jornalística de modo geral, percebeu-se que o jornalismo investigativo apresenta particularidades, como a apuração e checagem de conteúdos de interesse social que estão velados do conhecimento geral, a abordagem de temáticas polêmicas e impactantes, como corrupção, desvios de conduta e outros assuntos que contam com forte apelo social. E por retratar essas temáticas, muitas vezes as reportagens investigativas se valem de recursos que podem ter implicações éticas importantes, como o uso de câmera escondida, que se considera como uma prática ilícita, pois mostra a imagem de uma pessoa sem sua autorização, mas percebeu-se também que o jornalista, dependendo do assunto abordado, pode se valer de técnicas para tornar sua investigação aceita no contexto social, como solicitar a autorização de pelo menos uma das pessoas que aparecem nas imagens, o que protege o jornalista na hora de apresentar sua investigação jornalística. A Agência Pública é um portal de jornalismo investigativo que apresenta todas essas características já mencionadas do jornalismo investigativo e conta com diversas outras características, como ser uma forma de jornalismo colaborativo, pois conta com parceria de diversos veículos de comunicação e também tem proximidade com seus leitores, solicitando histórias e relatos que possam complementar as informações prestadas e também a defesa por um jornalismo investigativo independente e que aborde a versão dos desfavorecidos, contribuindo para discussões sobre as contradições do meio social.

Palavras-chave: Agência Pública. Investigativo. Jornalismo. Mídia digital. Portal.

Referências

BARBOSA, S; SEIXAS, L. **Jornalismo e dispositivos móveis:** Percepções, usos e tendências. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (Org.). *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã: Labcom, 2013. p. 51-74.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. Editora Contexto, 2012.

GALINDO, Daniel dos Santos. **Comunicação e mercado:** metamorfoses teóricas e práticas. In KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Comunicação organizacional estratégica: aportes conceituais e aplicados*, São Paulo: Summus, 2016.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

HICKMANN, Tatiana. **Técnicas de apuração e checagem no jornalismo investigativo e sua relação com a credibilidade e a qualidade da informação jornalística**, 2017.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2010

LOPES, D. F; PROENÇA, J. L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Publisher Brasil, 2013.

NORONHA, Mariana Galvão. ROCHA, Paula Melani. Teoria e prática: como o estudo contribui na construção de um método do jornalismo investigativo. Abraji, 2019.

OLIVEIRA, Israel Dias de. **Jornalismo na Wikipédia**: uma definição de domínio público. São Paulo, editora Casa Flutuante, 2017.

TRASEL, Marcelo Ruschel; LISBOA, Silvia Saraiva de Macedo, REIS, Giulia Vinciprova. **Indicadores de credibilidade no jornalismo**: Uma análise dos produtores de conteúdo político brasileiros, 2018.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

GRUPO DE TRABALHO 2 – ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO

A MÚSICA E A SUBJETIVIDADE: QUESTÕES FILOSÓFICAS E CULTURAIS SOB ASPECTOS SENSORIAIS DO SER HUMANO⁸

Lenício da Silva Nascimento⁹
Weniskley Barbosa Cavalcante¹⁰
José Fernando Patiño Torres¹¹
Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

É importante compreender os seres humanos como o resultado de múltiplos processos, alguns dos quais estão inseridos na cultura humana. A compreensão dos fenômenos humanos requer uma análise minuciosa da interconexão que surge de uma cultura particular e de sua vivência. A subjetividade individual e a coletiva emergem das produções humanas como a linguagem e a arte em um tempo e lugar específicos. Neste viés, a música é uma das atividades humanas que desempenham um papel fundamental na socialização dos indivíduos como membros de culturas e comunidades, bem como suas possíveis relações com outros grupos. A música é inerentemente universal e testemunha a subjetividade humana. Neste trabalho, aspectos da subjetividade das sensações promovidas pela música foram avaliados sob a ótica da Teoria da Subjetividade de González Rey. O cientista social Fernando González Rey passou um grande período de sua vida acadêmica investigando a subjetividade humana. Segundo o pesquisador, este termo não é apenas uma expressão racional, mas uma expressão simbólica e emocional, que caracteriza a produção psíquica em espaços e áreas variados da vida (GONZÁLEZ REY, 2007). A subjetividade é marcada pela territorialização de certos acontecimentos, um modo de sentir, pensar, agir em processo permanente de transformação. Ela é constantemente reformulada por acontecimentos, que ocorrem devido ao agenciamento de elementos inerentes ao mundo: as “segundas individualizações paradoxais”, a que o filósofo francês do século XX Gilles Deleuze (2016) se refere em tornar audível forças não audíveis por si mesmas. Há um certo tipo de individualização que não se resume a um sujeito nem à combinação

⁸ Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

⁹ Mestrando em Comunicação e Sociedade, pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: psicolenicio@gmail.com

¹⁰ Mestrando em Comunicação e Sociedade, pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: agendawenis@gmail.com

¹¹ Professor Adjunto do Departamento Escolar de Psicologia Escolar do Desenvolvimento da UnB e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, e-mail: jfpatinotorres@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

de interação com a matéria. Uma paisagem, um susto, um momento, um fragmento de vida ou uma vida inteira procedem de outra maneira. Nessa atmosfera, a música surge como um assunto global: ela não tem como elemento exclusivo o som, mas também o conjunto de forças não sonoras que a música elaborada pelo compositor vai tornar perceptível. Tais elementos se tornarão audíveis mesmo não o sendo em si mesmos. Gilles Deleuze pondera ao afirmar que situamos mais na filosofia do que na música (DELEUZE, 2016). O presente trabalho é um exercício de exploração do pensamento em torno das questões que a música e a subjetividade provocam. Acredita-se que o binômio filosofia-música possa ter múltiplas afetações, forçando os leitores a “pensar” e, por meio de uma experimentação teórica, apreender a concepção de produção de subjetividades. O objetivo-se neste trabalho: a) Ressaltar que a música é uma parte constitutiva da cultura de um povo e, portanto, desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual e social; b) Explicitar o poder transformador da música, enquanto meio de comunicação, na reconfiguração das subjetividades; c) perceber a música como um testemunho histórico e de expressão de dada cultura contextualizada no tempo e no espaço. Adotou-se neste trabalho um viés qualitativo, tendo como fio condutor a pesquisa bibliográfica. Nota-se que nesta esteira, buscou-se conhecimentos já produzidos na área, para, a partir disso, se refletir sobre o assunto, se comportando como mediador do diálogo construído entre os diversos autores aqui abordados, conforme entende Severino (2010) ao dizer que pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dois ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Com base nos ensinamentos de Marconi e Lakatos (2010), a natureza qualitativa tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendência de comportamentos. Desse modo, tal estudo não é capaz de encontrar resposta objetivas para o caso estudado, entretanto, é possível, a partir dos resultados se entender com profundidade o fenômeno analisado. No diz que diz respeito a análise em questão, o viés qualitativo permite entender como a música se manifesta enquanto expressão cultural e qual sua contribuição no delineamento das identidades de um povo a partir de suas subjetividades. Assim, tal enquadramento, juntamente com o levantamento bibliográfico se constituem como caminho necessários e suficientes para o alcance dos objetivos pontuados para este trabalho. A reação de um indivíduo à arte ou fenômenos artísticos relacionados, como a música, é construída e influenciada a partir de sentimentos pessoais, opiniões, construção filosófica, preconceitos e experiências que surgem para criar as preferências de um indivíduo. Há uma tendência comportamental do ser humano em procurar certos ambientes de que gostam que, ao mesmo tempo, afasta-o de coisas que entram em conflito com seu gosto. Parece algo óbvio, mas existe uma questão essencialmente filosófica por trás deste comportamento (GONZÁLEZ REY, 2007). Nossas preferências para qualquer coisa ou ação, ou, ainda, por experiências são construídas no nosso âmago ao longo de toda a vida: mesmo inconscientemente são pavimentados percepções e sentimentos. Existem estudos apontando que nascer por parto normal (pelo canal vaginal da mãe) favorece a formação mais robusta do sistema neurológico



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

e imunológico do bebê. Isso acontece porque ele precisa se movimentar bastante para vir ao mundo, utilizando seus reflexos mais primários e instintivos. A visão filosófica e interessante é que o bebê já inicia sua vida enfrentando problemas, que é o estresse de sair do ventre da mãe de forma natural, e, por isso, teria já uma formação mais sólida e resiliente que os bebês que nascem por cesariana (DINIZ; DUARTE, 2004). Não estamos em um estado de estagnação, pois nosso gosto varia ao longo do tempo, lugar e localização, sob várias circunstâncias (GONZÁLEZ REY, 2007). No caso da música, quem define o que é apropriado para si ou para o ambiente experimentado naquele momento? Existem canções apropriadas para os momentos apropriados, mas a partir da visão de quem? Obviamente, os gostos dos pais têm uma influência substancial nas preferências dos filhos e na formação do intelecto das crianças. Mais tarde, vêm os tempos da escola, cultos religiosos, festas, relação com pessoas de mesma idade e visita a lugares diversos. Há todo um laboratório em trabalho, construindo a consciência do indivíduo por meio das sensações e, mais tarde, as preferências brotam naturalmente. Definitivamente, é um processo subjetivo. A escola, na condição de transmissora de conhecimento, tem a incumbência de proporcionar o ensino em favor do desenvolvimento do aluno. Para o psicólogo bielorrusso Lev Semenovitch Vygotsky, um expoente histórico no assunto, que viveu entre os séculos XIX e XX, o conceito de área de desenvolvimento potencial considera que, a partir do envolvimento do indivíduo/aluno no processo de ensino e aprendizagem constituído por atividades intencionais, esses indivíduos teriam condições de avançar nos limites de suas potencialidades, encontrando na busca pelo conhecimento o impulso de seu desenvolvimento (VYGOTSKY et al., 1998; ARANTES, 2017). A Teoria da Atividade é um termo que designa uma linha de pesquisa com origem na teoria da atividade psicológica soviética, iniciada por Alexei Leontiev e Sergei Rubinstein. Tornou-se uma das principais abordagens para a psicologia teórica e aplicada, além de ferramenta para a educação, formação profissional, ergonomia e à psicologia do trabalho. Prega o caráter reprodutivo da *psique* tendo como consequência novos caminhos e desdobramentos que emergiram no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, dentre eles o tema da subjetividade, que seguiu ao seu desenvolvimento pelas elaborações de González Rey, culminando na Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2012). Um dos dilemas de quem estuda a música e o tipo de interpretação sentimental de cada som, melodia, de cada canção é que a música é algo recebido de forma individual, de ouvinte para ouvinte, ou seja, de forma subjetiva. O estudo da música, como uma linguagem, contribui para o aperfeiçoamento de estratégias de autoconhecimento e de caracterização de uma sua época. Tomada como um campo de forças, instrumento ao qual pode se dar múltiplas direções, a música, seja a dita popular ou erudita, oferece oportunidades de se interagir novas tecnologias, novos conhecimentos e perspectivas interculturais (HONÓRIO FILHO, 2001). Faz sentido, portanto, estudar a influência da música no comportamento humano, na forma subjetiva de ação. O trabalho de Doring (2016) traz como título “A Música começa na pessoa – memória e identidade musical subjetiva”. A autora disserta sobre as maneiras que a música pode estar enredada nas nossas atividades cotidianas, estabelecendo uma conexão entre significado e experiência musical e a construção da identidade subjetiva. “Apreciação e percepção musical devem ser compreendidas como atividades construídas subjetivamente que envolvem



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

sentimentos sentidos e corporeidades, longe de serem comportamentos passivos”, salienta a pesquisadora. Nessa perspectiva, além desta subjetividade individual, existe a subjetividade coletiva (GONZÁLEZ REY, 2007). Os gêneros musicais populares são considerados formas de negociar narrativas sobre a sociedade de um povo. A música popular abrange diversos significados. A subjetividade da música folclórica, por exemplo, fornece narrativas que distanciam o povo de uma visão individualista, permitindo-nos compreender as dimensões sociais e políticas da cultura desse povo. Deste modo, a música enquanto expressão cultural, reflete os costumes, os hábitos e demais formas de expressão de um dado agrupamento social. Assim, os processos históricos e sociais que se materializam numa dada sociedade são demarcados pelas manifestações musicais. Isso ocorre a partir das subjetividades que fazem parte da composição musical e assim, reflete, sobremaneira, na construção da identidade dos agrupamentos sociais. A subjetividade é uma coleção de discursos, narrativas e vínculos que os indivíduos adquirem ao longo de suas interações com membros de sua cultura, instituições e com eles próprios. Isso ocorre por meio da socialização e da autorregulação no processo de construção de significado sobre o mundo. A música tem valor em si, enquanto expressão de arte, lazer, prazer de viver. Ela pode transmitir sensações tanto por seus elementos sonoros, dos mais graves aos mais agudos, quanto pela performance de um artista/cantor/instrumentista. Aliás, as performances musicais podem ser classificadas ao longo de um espectro entre a participação e a apresentação. Essa magia subjetiva complexa e interessante só é encontrada na música. Este trabalho mostrou que a música tem o poder de assumir uma imensa diversidade de sentimentos e emoções que comunica ao seu público alegria e tristeza, heroísmo e desprazer, sensualidade e erotismo, diversão e tranquilidade, e mais uma infinidade de experiências. Por isso, o estudo da música sob o olhar da subjetividade é fascinante.

Palavras-chave: Música 1. Cultura 2. Comunicação 3. Subjetividade.

Referências

ARANTES, F. S. Didática desenvolvimental da subjetividade: uma proposta ao ensino de Música na escola In: **XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, 2017.

DELEUZE, G. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975 - 1995). São Paulo: 34^a Ed., 2016.

DORING, K. A Música começa na pessoa – memória e identidade musical subjetiva. Psicologia da música e educação musical: interfaces, perspectivas e ações pedagógicas. In: **Anais do SENAPEM**, 2016.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

DINIZ, G. D.; DUARTE, A. C. **Parto normal ou cesárea?** São Paulo: Editora Unesp. Ed. única, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **O pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento.** São Paulo: Hucitec, 2012.

ESPADA-BRIGNONI, T.; RUIZ-ALFARO, F. Culture, subjectivity, and music in Puerto Rico. **International Perspectives in Psychology**, 10(1), 3–12, 2021

GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

HONÓRIO FILHO, W. Educação dos sentidos: música e subjetividade. **OP SIS - Revista do Niesc**, 1, 9-17, 2001.

MARCONI, Maria Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo. Cortez, 2010.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, p. 103-117, 1988.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Atravessamentos Ideológicos e Culturais no Processo de Colonização dos Povos Indígenas¹²

Neilson Batista Borges¹³
Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

Compreende-se que o debate indígena é um assunto que raramente se esgota, sobretudo, em países que foram colonizados e tiveram esses povos atingidos diretamente por todo esse processo. Dessa forma, esse resumo apresenta os conceitos que abrangem a colonização indígena, a partir do processo de conquista do continente americano, pelos navegantes do século XV-XVI vindos da Europa. Além disso, foram apresentados nesse estudo de caráter bibliográfico, conceitos básicos e comuns a essa temática, tais como: cultura, aculturação, apropriação cultural, colonização e povos indígenas. Para executar essa pesquisa, usou-se o seguinte questionamento: por que, e para quê colonizar os povos indígenas? Por conseguinte, se abordou os impactos de todo esse processo, as riquezas exploradas pelos colonizadores e a objetivação do indígena para essa exploração. E, sobretudo, as razões pelas quais, a violência acometida pelos colonizadores; ainda atualmente, tem alcançado ‘êxito’, em sua finalidade perversa. A questão indígena é e sempre será um tema de bastante relevância – sobretudo – aos países do continente americano. Isso se deve, dentre outras coisas, pela atualidade da temática, pois os povos indígenas da América e de outros continentes ainda sofrem as mazelas do processo de colonização. Historicamente, a América surge no século XVI, na Idade Moderna inaugurando um novo tempo denominado então de Novo Mundo. No entanto, em seu primeiro momento, foi cruelmente saqueada, tendo suas civilizações em grande parte atingidas por um processo de destruição selvagem das culturas indígenas americanas e o genocídio de milhões de vítimas (INGLÉSIAS, 1992). Colonização, imperialismo, capitalismo, lucro, ideologia, cultura e indígena são conceitos que fazem parte da temática indígena. Desse modo, para se compreender a fatídica relação entre os indígenas e os povos não-indígenas, é necessário compreender a definição destes termos. Dentre eles, o que é cultura. Termo este que possui grande abrangência, estando diretamente relacionado ao choque de diferenças entre povos. É

12 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação realizada de 25 a 27 de outubro de 2022, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

13 Psicólogo, Mestrando do Programa de Comunicação e Sociedade PPGCOMS/UFT, Universidade Federal do Tocantins (UFT), neilsondiantedotrono@hotmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

por meio da cultura (ou talvez pela tentativa de sobrepor a ela) que ocorrem as relações de poder. O processo de colonização indígena ocorrido no final do século XV e início do XVI, por navegantes europeus em busca de novas terras acarretou um choque cultural, que deixou sequelas que persistem até os dias atuais. Este choque cultural foi comum, pois havia uma nítida e forte diferença entre os europeus colonizadores e os indígenas; que já habitavam as terras que hoje, são conhecidas como América. Entretanto, a história tem demonstrado que a visão do colonizador se sobrepôs a narrativa de aculturação indígena como algo positivo e glorificador. Nesse sentido, o genocídio aos povos nativos da América ficou esquecido por séculos, por meio da rejeição a cultura indígena em contrapartida, aquela implantada pelos colonizadores. Isso aconteceu não apenas na América do Sul, mas também em países da América do Norte e África. O anseio por riquezas, principalmente os minérios preciosos como o ouro e a prata; levou os exploradores a dizimação de diversos povos indígenas. Isso objetivou a cultura indígena e provocou o aspecto mais perverso da colonização: a violência. Para Castells (2013) as relações de poder exercem o controle social de um grupo, ditando os valores, as regras e impondo de forma institucional, a posse e o controle, influenciados por interesses particulares de quem detém o poder. Nesse contexto, o caos é instalado a partir de fatos lamentáveis para o bem-estar da humanidade como as guerras por motivos de posse de territórios ou pelo preconceito e desejo de extermínio de povos, indústrias construídas pela ambição capitalista de poder humano; e sua atuação sendo totalmente nociva ao meio ambiente, com seus elementos químicos, ameaçando e destruindo muitas vezes a fauna e a flora (KRENAK, 2019). Diante dessas divergências, a antropologia exerce um papel importante, no sentido de nortear acerca da importância de se buscar um olhar possibilitado à evolução de se contextualizar, formas diferenciadas de ser e existir no mundo, sem o olhar padronizado e engessado socialmente. Nesse sentido, Geertz (2008) ressalta que a vocação essencial de seu conceito estabelecido como antropologia interpretativa, não é de responder questões mais profundas; mas apresentar respostas que outros deram no processo de apascentar outros carneiros em outros vales, e assim incluí-los no registro de consultas sobre o que o homem falou. Esta metáfora demonstra o que se vivencia em lidar com a decodificação dos julgamentos, direcionamentos e orientações dos indivíduos; a partir do olhar e do significado, trazido pelo outro e seu contexto. Na avaliação de Krenak (2019), a forma como a sociedade – civilizada-colonial-branca – lidava com os escravos negros e com os povos indígenas; e ainda hoje lida demonstra resistências na interação social com o novo, o diferente ou esquisito e fora da regra padronizada sociocultural; pois em sua maioria continuam cada vez mais protagonistas em seus interesses. Dada a relevância do tema, esse estudo teve por objetivo geral discutir os atravessamentos ideológicos e culturais, no processo de colonização dos povos indígenas. E por objetivos específicos realizar uma Revisão de Literatura no que se concerne a aspectos conceituais relacionados a cultura, aculturação, apropriação cultural, colonização e povos indígenas; bem como identificar os impactos ocasionados no processo de colonização dos povos indígenas no que tange as riquezas exploradas pelos colonizadores e a objetivação do indígena nesse processo de exploração. A metodologia utilizada foi a de revisão sistemática de literatura-narrativa que é “A seleção dos estudos, e a interpretação das informações categorizadas, que podem estar sujeitas a subjetividade dos



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

autores, sendo adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, e trabalhos de conclusão de curso” (IP/USP, 2014, p. 2). O procedimento agregado nessa pesquisa, se constituiu de um levantamento bibliográfico, seguido dessa revisão sistemática de literatura que foi categorizada, e realizada por meio da utilização do “Livro Apropriação Cultural”, pela pesquisa no banco de dados da “CAPES”, da “COMPÓS”, do “INTERCOM”, do “Livro Ideias para adiar o fim do mundo”, das bases de dados do “Google Acadêmico”, da “SciELO”, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (“BDTD”), do Capítulo: Contra Narrativas Indígenas-Vulnerabilidades e Resistências, do Livro A queda do céu, do Livro Ideias para adiar o fim do mundo. No período de 2016 a 2022, utilizando-se os seguintes descritores: Apropriação Cultural. Colonização Indígena. Cultura. Esse levantamento foi executado por meio das leituras dos títulos dos artigos, e respectivos resumos, observando se os trabalhos eram relevantes sobre o tema em pauta, ou se estavam relacionados com o objetivo desse estudo, e que fossem agregados ao conteúdo desse trabalho. Os critérios de inclusão adotados para essa pesquisa foram: ter o descritor delineado no estudo, ser publicado entre os anos de 2016 a 2022. Foram excluídos os artigos que não contemplaram os critérios citados, assim como os que não tiveram relação com o tema desse estudo; bem como os textos repetidos, e os que não apresentaram o material na íntegra. Seguindo-se tais critérios, “trinta e um trabalhos” foram selecionados, apresentando relevância com os objetivos propostos nesse estudo. A análise dessa pesquisa foi realizada a partir da leitura dinâmica, e seletiva dos estudos realizados pelos diversos autores pesquisados; com o fichamento dos textos selecionados para elaboração desse estudo. Assim, dotou-se a análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2006) são procedimentos sistemáticos, e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, dos conhecimentos relacionados as condições de produção, inferência essa que recorre a indicadores qualitativos e/ou quantitativos, conforme o estudo do caso. Nesse contexto de estudo, essa análise se estruturou da seguinte forma: na pré-análise, foi organizado o material selecionado para ser utilizado nessa pesquisa, posteriormente as ideias preliminares, foram sistematizadas em quatro etapas, sendo elas: a leitura flutuante desse material, a escolha dos conteúdos para serem analisados, a reformulação dos objetivos, e hipóteses, e a formulação de indicadores que proporcionaram a preparação desse material. Por conseguinte, esse material foi explorado, categorizado, classificado, e codificado nesse estudo, de forma descrita, e analisada por meio do referencial teórico utilizado, na revisão de literatura desse recorte, constituído analogicamente, a partir da significação dada na construção desse processo. Nesse segmento, a definição das categorias foi classificada, apontando os elementos constitutivos de uma analogia significativa nessa pesquisa, isso é das categorias. Dessa forma, a análise categorial, consistiu no desmembramento, e posterior agrupamento, e reagrupamento das unidades de registro, contidas no referencial teórico desse estudo. Assim, a repetição de palavras, ou termos, foi uma estratégia adotada no processo de codificação, para serem criadas as unidades de registro, e posteriormente, categorias de análise iniciais, para essa análise (BARDIN, 2006). Com relação aos resultados, inferências, e interpretações. Buscou-se significar os conteúdos analisados, discutidos, e intuídos de forma reflexiva, e crítica, com a finalidade de constituir, e captar, os conteúdos contidos, em todo o material coletado, para essa análise. Nessa fase final, do processo



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

de análise, foi a “operação lógica, pela qual se admitiu que uma proposição, em virtude da sua ligação, com outras proposições, fosse aceita como verdadeira” (BARDIN, 2006, p. 41). Como foi apresentado nesse estudo, a questão indígena é sempre passível de um debate profundo e relevante. Isso ocorre principalmente em países que possuem em sua história, a prática da colonização. Nisso, inclui os países dos continentes: africano, americano e oceânico. Nos conteúdos acima, foram abordados alguns aspectos da colonização principalmente, em países da América, como: Brasil, e México. Mas também foram apresentados breves aspectos da colonização africana. Na realidade, todo o processo de colonização – realizado por países do continente europeu –, ocorreu no mesmo modo operante, de qualquer país, no qual eles ‘conquistaram’ durante o período das grandes navegações nos séculos XV-XVI. Dessa forma, foram abordados nesse estudo, os reais motivos da colonização, sendo eles, ressaltados na busca por riquezas minerais, nos países colonizados, ocorrendo de forma violenta e devastadora. Além disso, apresentou-se também o interesse do sistema capitalista nos lucros com a invasão desses países, o que justificaria – para os colonizadores – as atrocidades acometidas com os povos atingidos nesse processo: os povos indígenas. Assim, a causa indígena envolve uma série de fatores que precisam e devem ser revistos constantemente. Até mesmo na atualidade, esses grupos ainda sofrem com o processo de invasão de seu território, em especial com o desmonte da Funai – no Brasil. Órgão que deveria zelar por esses povos originários – mas, que está sendo sucateado em função de uma política de exploração de terras indígenas. Assim, esse estudo buscou – principalmente – expor as atrocidades acometidas pelos colonizadores europeus e que ainda possuem vestígios na atualidade. Pois, mesmo que haja até um certo reconhecimento e respeito aos povos indígenas; em alguns casos, eles ainda são tratados como objetos de cultuação e apropriação cultural, sendo também cada vez mais, marginalizados. Por fim, vale ressaltar que esses povos originários necessitam de políticas públicas, que na prática, façam valer a garantia de direitos constitucionais, conquistados, nas ditas civilizações, até aqui.

Palavras-chave: Apropriação cultural. Colonização indígena. Cultura.

Referências

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BABAU, Cacique. **Retomada**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 13, página 98 - 105, 2019.

BARDIN, Laurence. (2006). **Análise de conteúdo**. Tradução: L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70.

BENITES, Tônico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 18 - 25, 2018.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

BISPO, Antônio dos Santos: **Quilombos e Colonização: modos e significados**. Inct: 2018.

CARNEIRO da Cunha, Manuela. **Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível**. In: Cultura com aspas. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: os movimentos sociais da era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Amazônia antropizada**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 22 - 23, 2013. <https://piseagrama.org/amazonia-antropizada/>

CRUTZEN, Paul J; STOERMER, Eugene F. **O antropoceno**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, sem número, 06 nov. 2015. . CASTRO, Eduardo Viveiros de. Amazônia antropizada. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 22 - 23, 2013. <https://piseagrama.org/amazonia-antropizada/>

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax Vtxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DEMARCHI, André. **Contranarrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências**, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura Brasileira**. ANPOCS, 1980.

GUARANI, Jerá. **Tornar-se selvagem**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 12 - 19, 2020.

INA/INESC – Indigenistas Associados/Instituto de Estudos Socioeconômicos. **Fundação Anti-indígena: um retrato da Funai sob o governo Bolsonaro**. Inesc, 2022. Disponível em: <<https://www.inesc.org.br/fundacao-anti-indigena-um-retrato-da-funai-sob-o-governo-bolsonaro/?cn-reloaded=1>> Acesso em: 02/jul./2022.

INGLÉSIAS, Francisco. **Encontro de duas culturas: América e Europa**. Estudos avançados, 1992.

KIDOIALE, Makota; MUIANDÊ, Mometu N'Kise. **Senzala, terreiro, quilombo**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 52 - 61, 2018. <https://piseagrama.org/senzala-terreiro-quilombo/>

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Cia das Letras, 2015. (Parte 2 – A fumaça do metal. Pag. 221 – 373.).



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As discontinuidades culturais e o desenvolvimento econômico**. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAIA, Fernando Joaquim Ferreira e FARIAS, Mayara Helenna Veríssimo de. **Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América**. Interações (Campo Grande) [online]. 2020, v. 21, n. 3 [Acessado 5 julho 2022], pp. 577-596. Disponível em: <<https://doi.org/10.20435/inter.v21i3.2300>>. Epub 26 Out 2020. ISSN 1984-042X Palmas – TO, acesso em 02/07/2022.

MBEMBE, Achille. África **Insubmissa: cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial**. Editora Karthala, Paris, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. <https://piseagrama.org/somos-da-terra/>

TERENA, Luiz Henrique Eloy. **Poké'ixa úti**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 12 - 17, 2001 <https://piseagrama.org/pokeexa-uti/>

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020. <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>

XAKRIABÁ, Nei Leite. **Ensinar sem ensinar**. Piseagrama, Belo Horizonte, nº 15, dezembro de 2021. Disponível em: <<https://piseagrama.org/ensinar-sem-ensinar/>> Acesso em: 15/jun./2022.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Resistência e Protagonismo: contra-narrativas indígenas na América Latina Um paralelo entre textos de Silvia Cusicanqui e Ailton Krenak¹⁴

Patrícia de Oliveira Cabral¹⁵

Resumo expandido

O domínio do regime discursivo e a propagação de ideias hegemônicas são um eficiente instrumento colonial de manutenção do poder. Discuto neste artigo a tomada do lugar de protagonismo por povos indígenas na luta por seus direitos, rompendo um sistema de silenciamento em arranjos sociais que os invisibilizam e desumanizam numa espécie de autorização discursiva sobre quem pode falar. Para tal, através de uma pesquisa bibliográfica, trago um paralelo entre as obras *Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*, de Silvia Cusicanqui (2021), e *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak (2019), refletindo sobre essas contra-narrativas decoloniais. Esses pensadores indígenas questionam as dinâmicas de subordinação e ocupam um lugar de fala e produção intelectual que tensiona o poder instituído, tirando essas populações de uma condição de marginalidade para o centro das discussões acerca das próprias demandas. Finalizo ressaltando a importância da insurgência dessas vozes de resistência na produção de discursos contra-hegemônicos para reconhecimento de sua condição de sujeitos políticos e para a manutenção de outras formas de ser e ver o mundo. Muito da história e da forma de ver o mundo presentes no imaginário ocidental ainda partem de uma lógica branca eurocentrada contada a partir do ponto de vista do colonizador. A ocupação de lugares de poder por uma maioria branca privilegiada gera como consequência direta o domínio do regime discursivo e uma propagação de ideias hegemônicas, que leem a realidade a partir de sua própria lógica, reforçando um sistema violento de colonização e manutenção das desigualdades. Mesmo estudiosos e ativistas, defensores da

14 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

15 Aluna Especial 2022/1 do mestrado em Comunicação e Sociedade do PPGCOM/UFT. E-mail: patriciacabral.adm@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

preservação de culturas originárias e difusores dessas cosmologias, por muito tempo só foram ouvidos a partir desse lugar da branquitude, do olhar de fora sobre sociedades onde de fato não pertencem, apesar de muitas vezes respeitarem. Essas narrativas se construíram a partir do olhar do Outro, do não-indígena, via indivíduos que ocupavam lugares em arranjos sociais que lhes concediam uma espécie de autorização discursiva com possibilidade de serem ouvidos como sujeitos. As populações indígenas, partícipes das histórias e lutas, ao contrário, foram submetidas a um sistema de silenciamento, impedidas de terem suas vozes ouvidas, seu ponto de vista manifestado e decidirem por si como e quais das suas histórias contar, negando-lhes assim a palavra e por conseguinte a condição de humanidade e o direito a ter voz. Apesar disso, a resistência sempre foi a tônica do modo de continuar existindo dessas populações, e por isso, a despeito de todo processo violento de inferiorização da intelectualidade que se apresenta fora do domínio da discursividade hegemônica, nunca deixaram de falar e resistir. Perceber a linguagem como ferramenta de manutenção do poder (RIBEIRO, Djamilia, 2017), ajuda a entender a importância da insurgência de vozes de resistência entre os próprios indígenas na luta por direitos, reconhecimento da sua condição de sujeitos políticos e produção de discursos contra-hegemônicos. A ocupação desses espaços de fala por indígenas, oriundos das realidades às quais vinculam seus discursos e conhecedores de fato das formas de se existir no mundo fora da estrutura capitalista de consumo, representa um importante movimento de resistência e mobilização desses povos. A descolonização dessas narrativas, a partir desse lugar de fala, rompe com uma dinâmica de subordinação e abre campo para que essas populações saiam de uma condição de marginalidade para ocuparem o centro das discussões acerca das próprias demandas, sem necessidade de intermediários, num movimento que questiona e tensiona o poder instituído e o controle sobre quem pode falar. Segundo Djamilia Ribeiro (2017), o lugar de fala, ou *locus* social, denota o nível desigual de exposição à violência e aos acessos a que o indivíduo é submetido dado seu lugar na sociedade. Esses atravessamentos resultam em uma percepção das experiências, ao mesmo tempo coletiva (como parte de um grupo subalternizado) e individual (como ser subjetivo), que se mostra diferenciada daquela entendida por grupos expostos a outros lugares sociais de gênero, raça, classe e orientação sexual. Essas vivências abrem campo para a manifestação sob uma outra percepção, enriquecendo as discussões com novas formas de entender e vivenciar a realidade. Baseiam-se em suas subjetividades e nas vivências coletivas, desnudando de forma ainda mais escancarada as forças de opressão e silenciamento sobre grupos que estão fora da lógica eurocêntrica e que ainda resistem na luta pela restituição de suas humanidades, negadas pelo sistema colonial. A ocupação do lugar social a partir de uma consciência discursiva, cujas experiências coletivas transcendem as realidades individuais, confronta a lógica de desumanização dos corpos subalternizados. Esse movimento repensa e redireciona o processo de silenciamento dos sujeitos subalternizados, unidos por experiências sociais e históricas compartilhadas, tensionando e rompendo com as restrições de oportunidades impostas a esses grupos a partir de seus lugares sociais. A lógica colonial cria identidades e cerceia acessos para manutenção de uma dinâmica de exploração e reafirmação da visão do colonizador como centro do mundo. Grupos subalternizados não têm direito a voz por estarem num lugar social marginal que não reconhece sua humanidade (RIBEIRO, Djamilia,



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

2017), nos quais se incluem as populações indígenas, que enfrentam cotidianamente um processo de desumanização, característico do processo colonial (DEMARCHI, André, 2020). Discutir a questão da criação das identidades é crucial na luta por uma sociedade mais justa e inclusiva no tratamento de sua diversidade. Parafraseando Djamila Ribeiro (2017, p. 40), “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. A produção de uma narrativa insurgente, uma contra-narrativa feita a partir da voz do oprimido e num gesto de levante, além de questionar a ordem vigente abre espaço para a exposição de novas formas de ver e experienciar o mundo, com partilhamento de outras estéticas, crenças e saberes ignorados pelas narrativas hegemônicas. Para combater essa ordem social entendida como normal e naturalizada e expressar as contra-verdades contidas nessas narrativas dominantes as populações indígenas perceberam a importância do domínio da língua e entendimento dos mecanismos sociais de criação das identidades. O aprendizado da língua do branco e a escolarização, imposta e fonte, em muita medida, de desrespeito cultural e descolamento desses indivíduos das antigas tradições, são também, de forma paradoxal, ferramentas de luta e resistência dessas populações. Para romper com a dependência de trânsito e articulação dentro de uma sociedade cujas formas de ser e regras jurídico-administrativas são estranhas às comunidades indígenas, muitas lideranças entenderam a necessidade de se preparar dentro de um arcabouço linguístico e cultural, para entender o modo de ser do não-indígena. A apropriação dessas ferramentas de leitura e escrita e a produção de disputas com o modelo dominante através da insurgência dessas contra-narrativas rompe uma barreira de entendimento na qual a linguagem dominante é usada como “forma de manutenção de poder, visto que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidade de um sistema educacional justo” (RIBEIRO, Djamila, 2017, p. 17). A linguagem a depender da forma como é utilizada, se faz tanto como instrumento de opressão, à medida que cria barreiras ao entendimento e compartilhamento dos grupos, quanto de resistência, quando na mesma medida são a materialização da cultura e ancestralidade que resiste em não desaparecer e transgredir os padrões impostos pela força dominante. Assim nos ensina André Demarchi (2020, p. 75) acerca do valor fundamental da contra-narrativa como instrumento de resistência e decolonialidade daqueles que não puderam falar e que agora podem se mostrar a partir da própria voz:

“Escrever, narrar, ritualizar contra a distribuição desigual da humanidade. Escrever enfim, como gesto radical e político de reconhecimento, como forma de tomar o poder de se auto-determinar. Contra-narrativas como transformação decolonial, isto é, como narrativas que expressam, ao mesmo tempo que produzem formas-de-vida contra-coloniais. Sujeitos que se tornam, que existem e que resistem por meio das palavras. E tornar-se é opor-se, é a ação de produzir uma narrativa que se levanta contra, ou seja, uma narrativa-levante, que emerge da boca, do corpo e dos gestos daqueles que foram silenciados e que agora falam e escrevem, que se contra-representam.”



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

A branquitude, como símbolo de poder e universalidade, passa, com essas contra-narrativas de resistência, a ser questionada por uma multiplicidade de novas vozes e discursos que rompem com um pacto velado de autorização de quem pode falar e tensionam a ordem estabelecida pelo não-dito. Esses grupos (re)existem a partir dessa apropriação das ferramentas de opressão discursivas do modelo hegemônico, adaptando seus mecanismos de resistência à forma burocrática capitalista. Ingressam num modelo de produção do conhecimento que passa pelo registro escrito, ao contrário de suas tradições orais, e a uma lógica de luta que considera a ocupação de espaços sociais como instrumento de visibilidade, desconstrução de antigos estereótipos e reivindicação do direito à Vida e ao respeito a sua cultura. A escolarização instrumentalizou populações indígenas com as condições de romper com a barreira da língua e da lógica colonial, passando então a falarem por si e usarem da forma de opressão do colonizador, sua arma de luta e resistência no sistema. O movimento de ocupação de espaços de fala por indígenas, originários desses grupos violentados e subalternizados, é um grande símbolo de resistência e reorganização das estratégias de luta por respeito e dignidade. Nesse contexto de escolarização e militância, destaco dois expoentes latino americanos da defesa das causas sociais indígenas: Silvia Cusicanqui, do povo aymara boliviano, e Ailton Krenak, do povo krenak brasileiro. Ambos pensadores com significativa representação social pela visibilidade das causas indígenas, atuantes desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Partiram da experiência de domínio dos signos na formação escolar e do contato com o estado capitalista, para compreender o funcionamento desse universo do Outro e seus mecanismos de invisibilização e a partir daí ocupar um lugar de protagonismo, não mais se utilizando de intermediários, mas sendo a voz militante, articuladora e de produção intelectual que dialoga com a sociedade, a academia e os pensadores, enquanto valoriza as suas tradições e reivindica direitos e políticas que respeitem a autonomia e a diversidade indígenas. Silvia Cusicanqui, em sua obra *Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*, reflete sobre esses sintomas de manutenção da subalternidade dos discursos na produção intelectual indígena. No que chama de “colonialismo interno”, Silvia Cusicanqui (2021, p. 107) denuncia o complexo de superioridade de intelectuais de classe média em relação a seus pares indígenas, bem como as derivações políticas dessa prática. A hierarquização da produção do conhecimento a partir de centros acadêmicos do norte implantando novas formas de dominação colonial, sustentadas na estrutura vertical triangular sem base que enredam universidades da América Latina em relações clientelares dos intelectuais indígenas e afrodescendentes. As produções desses povos são contra-narrativas que expõem o contexto de violência colonial que se mantém. A subvalorização do conhecimento acadêmico produzido por populações originárias e a necessidade de chancela dessas ideias por referências a pensadores do norte perpetua um sistema de colonização. Nele, pensadores fora da realidade as quais estão inseridos seus temas, e muitas vezes utilizando de forma descontextualizada e despolitizada ideias de pensadores oriundos dessas realidades, cristalizam a violência sob seus objetos de estudo com os quais acreditam que podem, mas não conseguem de fato, dialogar. Ao contrário, a produção intelectual indígena cria espaços de combate à violência do silêncio do “não dito”, uma escolha intencional de uma política colonizadora que persiste, mantendo



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

um ambiente em que as palavras encobrem bem mais que explicitam, conforme afirma Silvia Cusicanqui (2021, p. 19) quando reflete que “o ‘não dito’ é o que mais significa”, dando espaço para que a linguagem simbólica ocupe um lugar de destaque. Silvia Cusicanqui (2021, p. 29) ainda continua:

“No colonialismo, há uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, mas encobrem; e isto é particularmente evidente na fase republicana, quando foram adotadas ideologias igualitárias ao mesmo tempo que se escamoteavam os direitos cidadãos da maioria da população. Desse modo, as palavras se converteram em um registro ficcional, repleto de eufemismos que escondem a realidade ao invés de designá-la.”

Nessas dinâmicas percebemos com clareza a noção de sub-humanidade levantada por Ailton Krenak na sua obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Para ele, os grupos dissonantes dessa lógica capitalista de desconexão, aqueles que consideram importante a organicidade com o organismo vivo que é a terra, foram empurrados para as margens do sistema, e são considerados de menor valor. Assim, tudo o que lhes dizem respeito é tratado como assunto desimportante ou produção de segunda ordem. Nisso se incluem as pautas sociais, de saúde, de territórios, de preservação cultural, políticas governamentais, bem como o próprio conhecimento e a produção artística e intelectual dessas populações. Ainda, segundo Ailton Krenak (2019, p. 21):

“Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade.”

Para Silvia Cusicanqui, essa crença na hierarquia racial e na desigualdade inerente aos humanos é incubada no senso comum por uma elite etnocêntrica caricaturada do ocidente. De tempos em tempos irrompe em uma espécie de catarse irracional coletiva, trazendo à tona conflitos culturais escondidos que a sociedade do “não dito” não permite sejam designados e, a partir daí, processados. Um choque entre as estruturas ultrapassadas e conservadoras e os movimentos de pulsão descolonizadora da modernidade, que pretendem ultrapassar a fronteira do nós exclusivo etnocêntrico, para o nós inclusivo da pátria de todos. Essa postura preconceituosa é também tensionada por Ailton Krenak. Ele critica a ideia originalmente colonizadora de que os brancos europeus eram uma humanidade esclarecida que deveria trazer a humanidade obscurecida para a luz através da invasão do resto do mundo. Esse conceito de possibilidade de apenas uma forma de existir no mundo, justificou as atrocidades cometidas contra as populações originárias e permanece ressoando em muitos contextos, amparando políticas de dominação e desrespeito à outras formas de ser e ver o mundo por julgar inferior o que se apresenta diferente



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

da própria cultura. Nesse ponto nos esclarece Ailton Krenak (2019, p. 28) acerca da história dos seus antepassados: “A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade”. A existência das populações indígenas passa pela manutenção da subjetividade desses povos. Para Ailton Krenak, o desafio é encontrar formas próprias de organização social indígena em paralelo à integração com o conjunto da sociedade brasileira. A resistência dos antepassados alimenta e inspira a continuidade da luta por espaço e respeito, pelo direito de existir nessa humanidade. Daí seu entendimento da existência de “pessoas coletivas”, aquelas que transmitem suas visões de mundo através do tempo, ampliando sua memória ancestral e inspirando a luta e a resistência dos que permanecem. O conceito *ch'ixi*, de Silvia Cusicanqui (2021, p. 9), conversa bem com essa visão apresentada por Ailton Krenak. Para ela, o mestiço, principalmente no contexto de vida urbana contemporânea e contato com as diferenças culturais, não representa em si, como resultado, uma síntese híbrida fruto da união da cultura indígena com a ocidental branca. Antes disso, é a confluência de forças que se antagonizam e se complementam mutuamente na lógica da criação de um terceiro incluído, em que permanece a existência das influências do passado ancestral e do presente, em um ser que é e não é, transitando pelas ambivalências de desafios desse universo identitário atravessado por processos coloniais e que convive com diferentes tempos históricos e realidades sociais. As narrativas desses povos, de que somos parte e não os únicos e mais interessantes seres do planeta, é radicalmente oposta à visão etnocêntrica de que o mundo existe como recurso e como tal deve ser consumido. Ambos os ativistas acreditam que a riqueza cultural reside na permanência da diferença, no reconhecimento da importância do conhecimento existente nas pessoas, de maneira indistinta, independente do lugar de onde parte essa construção ou de formação acadêmica, e no processo de descolonização da subjetividade individual e coletiva. Diante dessas convicções e da necessidade de se mobilizarem em uma realidade em que o Estado tenta desarticular a organização desses povos de modo a apagar suas tradições e integrá-los à grande massa da sociedade do capital, Silvia Cusicanqui e Ailton Krenak levantaram suas vozes para se fazerem ouvir, resistir e ocupar um espaço de produção do conhecimento, valorização da cultura e personificação da força de resistência à partir de um olhar e lugar de fala que somente um indígena seria capaz de expressar de fato. São símbolos da luta e a certeza de que, apesar de todas as violências, os indígenas resistem e (re)existem, em cultura e mistério ancestral. Os complexos e múltiplos conflitos entre os povos nativos e as sociedades coloniais ainda permanecem, em grande parte, reverberando sobre as relações entre o estado capitalista e os diversos povos indígenas. Apesar de passado meio século desde a ocupação colonial, e dos significativos avanços que a resistência dessas populações já conseguiram em toda a América Latina, as heranças de um modelo colonizador exploratório permanecem enraizadas na (des)valorização dispensada à cultura desses povos e no lento processo de reformulação dos implícitos manuais de conduta social que regem as relações de poder e de determinação das subalternidades nas atuais dinâmicas sociais. O tensionamento dos espaços de comunicação e debate pela presença e produção intelectual de lideranças ativistas indígenas, a exemplo de Silvia Cusicanqui e Ailton Krenak, representa uma grande janela pela qual conseguimos



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

vislumbrar outras formas de ver e transitar pelo mundo. Essas contra-narrativas a partir das vozes dos próprios indígenas trabalham de forma a nomear e reconhecer os preconceitos e romper com um projeto de dominação cultural exercida por uma classe de pessoas que se considera, por dominar a língua e o pensamento ocidental, mais civilizada e no direito de tratar outras pessoas e o planeta como recursos e não como parte da própria experiência que é a Vida.

Se “adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história” (KRENAK, Ailton, 2019, p. 27), que adiemos o fim do mundo, e das nossas existências repletas de mercadorias e, com frequência, vazias de sentido, atentos e aprendendo com as contra-narrativas e as formas de ver e viver a Vida desses povos ancestrais.

Palavras-chave: 1. Indígenas 2. Contra-narrativas 3. Krenak 4. Cusicanqui

Referências¹⁶

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. 1ª ed. São Paulo: N-1 edições, 2021. 128p.

DEMARCHI, André. Contra-narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências. In: **Vulnerabilidades, Narrativas e Identidades** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 65-87.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 85p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**- Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017. 112p

¹⁶ As citações foram realizadas com nome e sobrenome visando combater o sexismo da norma padrão da língua portuguesa e aumentar a percepção do leitor quanto à participação das mulheres na produção intelectual, contribuindo na luta por mais igualdade e respeito.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Liberdade de Expressão e a Relação com a Liberdade de Imprensa: Os Perigos do Fazer Jornalismo em Regimes de Opressão¹

Lúcia Helena Mendes Pereira²
Catarina Ingridy Fernandes Pereira³
Larissa Mendes de Souza⁴
Jeovana Campos Maciel Gama⁵
Thays Gabriela Santos Martins⁶
Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

A liberdade para noticiar fatos do cotidiano é essencial ao fazer profissional do jornalista. Ela também é um direito que se associa a outro indispensável para a existência de uma sociedade democrática: a liberdade de expressão. É por essa relação profunda que o momento de maior repressão e suspensão da democracia no Brasil se pautou em anular esses direitos e na perseguição daqueles que se contrapunham aos governantes da época. Conhecer a história é um instrumento de valor na hora de reconhecer os sinais de ataques à democracia, impedindo, assim, que os erros do passado se repitam. A liberdade de expressão é um direito que garante aos cidadãos a possibilidade de expor suas opiniões, ideias, moral e todo o seu pensamento geral. Os direitos de informar e de ser informado se relacionam com o direito à liberdade de imprensa, que, no que lhe concerne, atua para garantir os outros dois. Ambas, liberdade de expressão e de informação se fazem valer individual e coletivamente, garantindo outros direitos e assim evidenciando a capacidade de ambas enquanto garantia e exercício de direitos civis (BARROSO, 2004). A ditadura militar brasileira, em seus 21 anos de duração, representou um período de repressão, perseguição a opositores do regime, tortura, exclusão de direitos e de censura. Este último, por si só, fere dois direitos, hoje plenamente garantidos aos cidadãos do país: o direito à liberdade de expressão e o direito à liberdade de imprensa. Desse

1 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos interdisciplinares em comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Professora do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: luciahelena@mail.uft.edu.br

3 Aluna do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: catarina.ingridy@mail.uft.edu.br

4 Aluna do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: larissa.mendes@mail.uft.edu.br

5 Aluna do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: maciel.jeovana@mail.uft.edu.br

6 Aluna do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: thays.gabriela@mail.uft.edu.br



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

modo, entender os mecanismos que levaram a um governo ditatorial e conseqüentemente a repressão dos cidadãos por mecanismos oficiais é peça importante para o entendimento de direitos fundamentais para o exercício do jornalismo, tais quais os direitos à liberdade de expressão e à liberdade de imprensa. É importante entendermos, também, como os ataques à imprensa realizados pelo atual governo desde 2018, representam uma ameaça à democracia. Por que os ataques à imprensa são cada vez mais frequentes? Como isso afeta a imprensa e a credibilidade da mesma perante aos apoiadores do governo? Como a falsa liberdade de expressão é usada para justificar os ataques à imprensa? A liberdade de expressão desafia a lógica ditatorial por ser o pilar da democracia, sendo ela o governo do povo é mais que lógico que tenham livre direito à fala sem cerceamento (JÚNIOR, 2010). Nessa perspectiva, não bastou o fim do regime militar para acabar com qualquer possibilidade de que mais uma vez a censura e a perda da liberdade de expressão pudessem retornar. Isso foi conquistado através da Constituição Federal em 1988 (CF 88) (FARIAS et al., 2001). O presente trabalho buscou demonstrar a importância da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa para a garantia de um país democrático, por meio de uma análise comparativa e quantitativa, abordando o período de censura do Regime Militar brasileiro e equiparando com os perigos que os ataques à imprensa representam para a democracia. Dessa forma, vemos um crescente aumento nos ataques à imprensa instigados pelo poder executivo, com intuito de calar aqueles que discordam e dar espaço a notícias que não condizem com a realidade. A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) publica anualmente, desde 1998, o Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no âmbito nacional, a partir dos dados coletados pela própria Federação e pelos Sindicatos de Jornalistas presentes no país. A última pesquisa realizada pela Fenaj, indica que o atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (PL), atualmente é autor da maioria dos ataques realizados à imprensa. Segundo a pesquisa, 34,19% dos ataques foram realizados por ele, o equivalente a 147 casos, intercalados entre agressões verbais e descredibilização da imprensa. O trabalho do jornalista, em meio a este cenário, é então, o de garantir, por meio de informações de qualidade, a capacidade para que os indivíduos consigam debater entre si, detendo conhecimento prévio, e assim fazendo valer sua cidadania (BUCCI; JUNIOR, 2012). Entendendo as vantagens trazidas por tais direitos se percebe o quanto as vozes dos cidadãos são ameaçadoras para o Estado em um momento de dominação por coerção: são estes que garantem e mantêm um estado democrático de direito pelo envolvimento ativo e autonomia dos cidadãos que regimes autoritários são destruídos. Uma sociedade autônoma e informada derruba governos incompetentes e dificultar e descredibilizar a imprensa abre caminho para que seus apoiadores também o façam, tornando o fazer jornalístico perigoso no país. O Brasil se tornou o país da América Latina que mais regrediu em relação à liberdade de expressão nos últimos anos, tendo os membros do governo federal criado e divulgado desinformações e ataques à imprensa que não eram vistos desde a ditadura militar. Em 2021, o país ocupava o 86º lugar no ranking no relatório de violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil, realizado pela Fenaj, sendo o país latino-americano que mais caiu de posição, tornando-se um país difícil para a liberdade de expressão. O caso mais recente, que ganhou espaço na mídia (inter)nacional de agressão a jornalistas e defensores da livre



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

informação, está pautado em um cenário de morte, opressão e descaso por meio do poder executivo. O indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips, que investigavam as ações ilegais e predatórias na região do Vale do Javari, desapareceram, encontrados mortos no dia 5 de junho de 2022. Os dois lutavam contra a tentativa de cerceamento à informação e a favor dos direitos dos povos indígenas originários da região. A morte de ambos em um governo que luta pelo silenciamento e opressão da liberdade de expressão e imprensa, escancarou ao mundo os riscos da atividade jornalística, a fragilidade em que os direitos à liberdade de imprensa e a estrutura democrática no país se encontram ao longo dos últimos anos e que se intensificaram nos últimos três anos e meio com as incitações do próprio presidente, Jair Messias Bolsonaro, filhos e aliados. Dom Phillips e Bruno Pereira entraram para as estatísticas do Fenaj e evidenciaram a realidade que se encontram aqueles que lutam por ideais, ressaltando que todo e qualquer direito não é permanente, sendo necessária uma constante luta para não haver regressões. Diante do cenário apresentado, concluímos que os direitos voltados ao amparo da liberdade de expressão e imprensa no Brasil foram atacados firmemente nos últimos anos com o aval do chefe do executivo, autor majoritário dos ataques. O atual cenário demonstra os perigos em que a atividade jornalística se expõe e evidencia as constantes ameaças que vem sofrendo para levar informações até o público. Os profissionais de comunicação precisam se manter alerta para que seus direitos não sejam retirados e que ataques como os que vêm acontecendo e cenários como os da ditadura não torne a se repetir.

Palavras-chave: Democracia. Liberdade de imprensa. Liberdade de expressão. Violência.

Referências

BARROSO, Luís Roberto. **Colisão entre liberdade de expressão e direitos da personalidade. Critérios de ponderação.** Interpretação constitucionalmente adequada do Código Civil e da Lei de Imprensa. Revista de direito administrativo, v. 235, p. 1-36, 2004.

BAVARESCO, Agemir; KONZEN, Paulo Roberto. **Cenários da liberdade de imprensa e opinião pública em Hegel.** Kriterion: Revista de Filosofia, v. 50, n. 119, p. 63-92, 2009.

BECHARA, Gabriela Natacha; RODRIGUES, Horácio Wanderlei. **Ditadura militar, atos institucionais e Poder Judiciário.** Justiça do Direito, Passo Fundo, v. 29, n. 3, p. 587-605, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 maio de 2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

JÚNIOR, Miguel Reale. **Limites à liberdade de expressão**. Espaço Jurídico, Journal of Law, v. 11, n. 2, p. 374-401, 2010.

OLIVEIRA, José Antonio Cordeiro de. **A Liberdade de Expressão na Internet**. Revista Mosaico, v. 5, n. 1, p. 31-35, 2014.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A censura durante o regime autoritário**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989.

SOARES, Maria Nelci Torres et al. **O impacto do Ato Institucional nº 5: relatos das perseguições políticas em São Borja**. 2013.

TORRES, Mateus Gamba. **O judiciário e o Ato Institucional nº 5: repressão e acomodação em 1968**. Movimentação, v. 5, n. 09, p. 125-138, 2018.

BARBARESCO, Maria Claudia Ferreira. TCC: **O papel da mídia nas eleições de 2016 nos EUA e 2018 no Brasil: como a imprensa ajudou a criar os fenômenos Donald Trump e Jair Bolsonaro** (-). Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/xmlui/bitstream/handle/11600/61811/TCC_Maria_Claudia_Ferreira_Barbaresco.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 20 maio de 2022.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf> . Acesso em 23 maio de 2022.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2018. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio_fenaj_2018.pdf. Acesso em 23 maio de 2022.

Fundação Oswaldo Cruz: **Bruno Pereira e Dom Phillips: um crime contra os povos indígenas e a liberdade de imprensa**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/bruno-pereira-e-dom-phillips-um-crime-contra-os-povos-indigenas-e-liberdade-de-imprensa> . Acesso em 14 de outubro de 2022



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Cultura em comunicação: um estado da arte das diferentes perspectivas¹

Anna Karolyne Souza Miranda²

Ingrid Pereira de Assis³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

A noção de cultura se enraizou em diversas disciplinas intelectuais, acarretando os mais diversos usos e conotações, por vezes, incompatíveis entre si. Se em um primeiro momento ela era variável, secundária e dependente, o conceito passa a ser mais central na teoria social ao longo do século XX. Tal tendência resvala, também, nas Ciências da Comunicação. Contudo, é possível perceber que tal conceito é acionado a partir de diferentes perspectivas, que nem sempre são explicitadas, ficando pouco claras para quem adentra o mundo da pesquisa. Pensando acerca disso, está em desenvolvimento uma pesquisa mais ampla que tem como objetivo principal examinar como ocorre a construção da ideia de cultura nos artigos científicos publicados em revistas brasileiras de Ciências da Comunicação entre 2017 e 2022. Esta investigação apresenta como objetivos específicos: identificar se a cultura têm se constituído como uma categoria de análise; investigar quais categorias analíticas são mobilizadas junto à cultura e como estas se articulam; e apontar a variabilidade da definição do conceito de cultura e sua correlação com diferentes vertentes teóricas. Este resumo expandido parte desta pesquisa principal e tem como objetivo, construir um esboço de estado da arte acerca das diferentes perspectivas da noção de cultura, sobretudo, as que têm mais influência na área de comunicação. Para isso, empreende de maneira assistemática uma revisão narrativa da literatura, que parte dos principais expoentes acadêmicos para construir uma perspectiva acerca do fenômeno delimitado. Observou-se, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que a “cultura” é uma palavra amplamente utilizada no cotidiano das conversas e dos jornais diários, na literatura acadêmica em diversas áreas desde a biologia (cultura microbiana), às ciências agrárias (cultura do milho) e antropologia (subculturas e tribos urbanas). Entretanto, o

1 Trabalho apresentado ao GT2 - Estudos interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Mestranda em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); especialista em Métodos y Técnicas de Investigación Social pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). E-mail: annaksmiranda@gmail.com.

3 Orientadora da pesquisa. Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS), da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal); mestra em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, também pela UFMA. E-mail: ingrid.assis@mail.uft.edu.com.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

significado pretendido em seu emprego é diversas vezes indefinido, em especial nos estudos sobre comunicação (SOMMIER, 2014). Segundo Terry Eagleton (2003), a ideia de cultura representa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, pelo outro. Ainda assim, essa dupla negação é, também, afirmativa, pois reconhece a dimensão determinante da base, enquanto condição material de produção e reprodução da existência social real dos seres humanos (WILLIAMS, 2011). Ao mesmo tempo em que explora a carga simbólica da ação social, não como mera expressão da ordem vigente, mas enquanto força motriz da mudança social (VANDENBERGHE, 2016). Indo além dos termos biológicos, na busca pela unidade da humanidade em sua diversidade, Cucho (2002) destaca a noção de cultura como constitutiva das ciências sociais. Todavia, Hall (1997, p. 16) adverte que deste fato não decorre que “as ciências humanas e sociais tenham sempre dado à ‘cultura’ uma centralidade substantiva ou o peso epistemológico que ela merece”. Mesmo observando a importância dos aspectos simbólicos nos trabalhos fundadores de Weber, ao definir a ação social como sendo a que é constituída de significado; nas contribuições de Durkheim ao estudo dos significados sociais encarnados pela religião; e até em Marx que, a despeito da ênfase no econômico, reconhecia os modelos culturais como os diferenciadores da ação e comportamentos humanos (HALL, 1997). Orientações analíticas que colocam a cultura como um elemento central só estabelecem a sua predominância após experimentarem uma relativa marginalidade sociológica (INGLIS, 2016). Tal processo de centralização é desenhado na segunda metade do século XX, a partir da virada cultural – *Cultural Turn*, o movimento ou tendência que, no sentido epistemológico, corporificou o crescente interesse de diversos campos acadêmicos em ambos os aspectos simbólicos e afetivos das identidades e agência humana (INGLIS, 2016). Ocorreu a constatação histórica de que, nas sociedades contemporâneas, a cultura representa um papel sem precedentes na constituição de relações sociais e identidades, o que demandou uma reavaliação de seus termos descritivos e analíticos. (CHANEY, 1994; NASH, 2001). De acordo com Hall (1997), trata-se de uma revolução conceitual que vai muito além de reconhecer a importância da cultura junto a demais aspectos da realidade social, tais como os processos econômicos, a produção dos bens e riquezas, ou as instituições sociais. O autor frisa que a cultura deixa de ser tratada como uma variável dependente, a partir do momento que se reconhece a relevância e necessidade de significado para a constituição de todas as práticas sociais, atribuindo a elas uma dimensão cultural. Desse modo, cada instituição ou atividade social requer e produz seu universo distinto de significados e práticas, não em si mesmos, mas em relação aos diversos sistemas simbólicos que os “seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (...) Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’” (HALL, 1997, p. 16). Nesta perspectiva, a comunicação se torna um campo privilegiado para a investigação de dimensões-chave nas sociedades modernas e seus contextos globais (CALHOUN, 2012). Baseada na reflexão sobre os efeitos sociais da comunicação de massa, a área tem os seus horizontes constantemente ampliados pelos atravessamentos da sociedade organizada em rede (MARINHO; MARIÑO, 2018), não devendo ser apreendida apenas em sua dimensão instrumental, mas como um processo social básico ou uma categoria



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

de prática social, destacam Krohling e Gobbi (2016) e Craig (2008), respectivamente. Entretanto, como uma tradição intelectual recente as ciências da comunicação permanecem radicalmente heterogêneas e amplamente derivadas (CRAIG, 2008). No Brasil, as pesquisas científicas da área dão os primeiros passos nas décadas de 1950 e 1960, mas só ganham força a partir da década de 1970, com a reforma universitária e implantação dos cursos de pós-graduação (ESCOSTEGUY, 2004; KROHLING; GOBBI, 2016). É fundamental sublinhar, aqui, os contornos que a ditadura militar impôs à época. Krohling e Gobbi (2016) explicam a passagem de um referencial teórico majoritariamente europeu para um arcabouço mais influenciado pelas correntes norte americanas, a partir da reforma universitária de 1968. Escostguy (2004) descreve a pesquisa em comunicação, entre 1960 e 1970, como tendo duas abordagens: uma vinculada ao funcionalismo e outra mais estruturalista, na qual os fenômenos comunicacionais representavam agentes de reprodução social, a partir de uma lógica da hegemonia. Considerando o ambiente ditatorial e de Guerra Fria, que antagonizou os intelectuais de esquerda e o imperialismo americano, Maria Immaculata (2018) destaca a construção de uma crítica ao paradigma funcionalista, que, apesar de sobreviver, passa a conviver com a teoria crítica, nos anos 1970. Este foi um período de crescente politização com estudos macropolíticos e microideológicos utilizando um referencial diverso, ainda que, amplamente assentado nos pressupostos marxistas (MARQUES DE MELO, 1998, 2003). Existe uma convergência dos interesses de pesquisa na região latino-americana, devido em parte às similaridades dos regimes autoritários, da situação econômica e social e do crescimento das indústrias culturais sob influência dos moldes americanos (VASSALO DE LOPES, 2018). Nas últimas décadas do século XX é possível assinalar a consolidação de uma corrente teórica crítica, uma escola latino-americana de comunicação (ESCOSTEGUY, 2004; GOBBI, 2018), que adota uma postura crítica frente à importação epistemológica, destacando as especificidades sociais e culturais da região. Neste escopo, WAISBORD (2014) destaca o papel fundador dos trabalhos de Nestor García Canclini e Jesús Martín-Barbero. A noção de culturas híbridas postulada por Canclini ilustra a dinâmica complexa das tradições e manifestações culturais locais. Enquanto Martín-Barbero (1987) incentivou o deslocamento do foco de pesquisa dos objetos comunicacionais aos processos culturais através dos quais a comunicação se produz enquanto fenômeno social. O autor defende a necessidade de uma redefinição do conceito de cultura na América Latina frente à heterogeneidade cultural, considerando todos os aspectos da vida social, como classe, raça, gênero, geração, orientação sexual e religiosa (MARTÍN-BARBEIRO, 2012). A cultura, teorizada como os modos de percepção por meio dos quais as pessoas criam e experienciam suas realidades em contextos específicos, é uma conceituação similar a de sistemas simbólicos, cunhada na antropologia interpretativista de Geertz (2008) e amplamente adotada pelos estudos culturais (HALL, 1997; 2006; 2008) que dá indício da relação entre a escola latino-americana de comunicação e os estudos culturais britânicos. Este paralelo se evidencia quando Martín-Barbero (2012, p. 82) postula que necessitamos de “*una historia de los procesos culturales en cuanto articuladores de las prácticas comunicativas con los movimientos sociales*” tomando como exemplo o esforço teórico de E.P. Thompson (1988) em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, livro descrito



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

por Stuart Hall (2003) como um dos três trabalhos fundadores dos Estudos Culturais. Escostesguy (2004), por outro lado, delineia uma cartografia brasileira dos estudos culturais, na qual atesta a especificidade da tradução local da corrente britânica e sua articulação ao pensamento comunicacional brasileiro já em construção. A autora aponta, também, para a influência do trabalho de Martín-Barbeiro, a partir da publicação *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*, em 1987, cujas formulações foram discutidas dentro dos programas brasileiros de pós-graduação em comunicação ao longo dos anos 1990. Com uma historicidade filosófica contraditoriamente idealista e hegeliana (SIGNATES, 2003) e uma complexidade conceitual similar a da própria cultura a mediação encontra terreno fértil na comunicação. Contudo, Luiz Signates (2003) sublinha a sua falta de delimitação conceitual, que necessitaria de uma elaboração mais concreta e sofisticada para se converter em uma categoria de análise metodologicamente viável. No campo sociológico, Margaret Archer (1996) tece crítica similar à cultura, por sua indefinição descritiva e usos inconstantes e contraditórios. No contexto internacional, investigado por Mélodine Sommier (2014), é possível inferir uma necessidade premente de se avançar na explicitação do que se entende pelo conceito de cultura dentro nos estudos midiáticos, e suas decorrentes afiliações teóricas. Por fim, muitos outros autores e autoras poderiam ser incorporados para se pensar o conceito de cultura, mas, já é possível perceber que se trata de uma discussão complexa, com múltiplas perspectivas, influenciadas tanto pelo período histórico vivenciado, quanto pelo próprio amadurecimento do pensamento comunicacional brasileiro e internacional. Sendo assim, pretende-se dar continuidade a essa pesquisa a partir de uma Revisão Sistemática da Literatura científica brasileira em comunicação, como exposto no início deste resumo.

Palavras-chave: Cultura. Ciências da Comunicação. Estudos Culturais. Revisão Sistemática da Literatura.

Referências

ARCHER, Margaret, S. **Culture and Agency: the place of culture in social theory.** Cambridge, 1996.

CALHOUN, Craig. Comunicação como Ciência Social (e mais). **Intercom – RBCC**, v.35, n.1, p. 277-310, 2012.

CHANEY, David. **Cultural Turn: Scene-setting Essays on Contemporary Cultural History.** Taylor & Francis e-Library, 2004.

CRAIG, Robert, T. Communication in the Conversation of Disciplines, **Russian Journal of Communication**, p. 7-23, 2008.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. 1ª ed. Brasil: Rolo & Filhos Artes Gráficas, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Delineamentos para uma Cartografia brasileira dos estudos culturais. **ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, p. 19-30, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GOBBI, Maria Cristina. José Marques de Melo e o Pensamento Comunicacional Brasileiro: Proposta de uma cartografia nacional. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 7, n. 2, p. 44-68, 2018.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, vol. 22, n.º 2, jul.-dez., 1997, p. 15-46.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Thomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rios de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Richard Hoggart, The Uses of Literacy and the cultural turn. **International Journal of Cultural Studies**. 10 (1), p. 39 - 49, 2007.

INGLIS, David. Introduction. In: **Sage Handbook of culture sociology**. London: Sage Publications, 2016.

KROHLING, M.; GOBBI, M. O campo acadêmico-científico da Comunicação no Brasil: panorama, constituição e perspectivas. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**, 9(2), p. 68-91, 2016.

MARINHO, Sandra; MARIÑO, Miguel Vicente. Uma paisagem da Epistemologia e Metodologia em Comunicação. **Comunicação e Sociedade**, v. 33, p. 7-14, 2018.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. De la Comunicación a la Cultura: perder el "objeto" para ganar el proceso. **Signo y Pensamiento**, v. XXX, n. 60, 2012, p. 76-84.

MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. **De los Medios a las Mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. Barcelona: G. Gili, 1987.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

NASH, Kate. The ‘Cultural Turn’ in Social Theory: Towards a theory of cultural politics. **Sociology**, 2001.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. **Novos Olhares**, n. 12, p. 4-19, 2003.

SOMMIER, Mélodine. The Concept of Culture in Media Studies: A Critical Review of Academic Literature. **InMedia: French Journal of Media Studies**, n.5, 2014.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VANDENBERGHE, Frédéric. Cultura e agência: a visão “de dentro”. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 18, n. 41, p. 130-163, 2016.

VASSALO DE LOPES, Maria Immaculata. Esboço para uma história dos estudos em Comunicação no Brasil e na América Latina: processos de institucionalização do campo. In: DRUETTA, Delia Covi; CIMADEVILLA, Gustavo. **Del mimeógrafo a las redes digitales: Narrativas, testimonios y análisis del campo comunicacional en el 40 aniversario de ALAIC**. Ediciones la biblioteca, 2018.

WAISBORD, Silvio. United and fragmented: Communication and media studies in Latin America. **Journal of Latin American Communication Research**, 4(1), 2014.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Abordagem Social Midiática Em Desastres: Jornalismo-Laboratorial Como Porta-Voz Da Sociedade Na Ausência¹

Marco Túlio Pena Câmara²
Universidade Federal do Tocantins

Resumo expandido

O presente trabalho aborda o jornalismo laboratorial como alternativa de mídia contra-hegemônica, principalmente em grandes acontecimentos, como um desastre socioambiental. Como objeto de estudo, escolhemos os produtos laboratoriais produzidos pelo curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), cujo campus é sediado em Mariana, cidade-vítima do maior desastre socioambiental do país, em 2015. Os produtos a serem analisados aqui são a revista Curinga e o jornal Lampião, com suas edições especiais a respeito dessa tragédia. A intenção deste trabalho é reconhecer a produção jornalística e científica dentro de universidades, principalmente públicas, dando destaque e valor à sociedade em que se insere. Com isso, pretendemos refletir sobre o papel e a importância do jornalismo local e laboratorial e como esses produtos aqui analisados realizaram tal cobertura, sob a ótica das pessoas atingidas direta e indiretamente, salientando a realidade local. Considerando essas produções locais, procuramos apresentar possíveis abordagens jornalísticas que sejam mais humanizadas, voltadas para a sociedade que sofre diretamente com tais eventos trágicos. Importante destacar que este trabalho é um pequeno recorte da dissertação de mestrado, em que analisamos a cobertura do jornal O Tempo e Lampião, tendo como referência teórica-metodológica a Análise do Discurso da vertente francesa, focando no contrato de comunicação e gestão de pontos de vista (CÂMARA, 2018). Para este artigo, escolhi o recorte local da cobertura, não aprofundada em trabalhos anteriores, considerando como reflexo da sociologia da emergência e da ausência (SANTOS, 2002), O rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco (Vale/BHP), em 05/11/2015, causou a destruição de Bento Rodrigues, subdistrito pertencente à cidade de Mariana, e é considerado, pela sua extensão e

1 Trabalho apresentado ao GT 3 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Professor do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: marco.camara@uft.edu.br / camaramarcotulio@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

danos causados, o maior desastre socioambiental do Brasil, matando animais, rios, vegetação e, principalmente, histórias. A lama de rejeitos da barragem rapidamente chegou ao Rio Doce e seguiu o curso até chegar ao mar, no Espírito Santo. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos levanta uma reflexão sobre o que denomina de sociologia das ausências e das emergências, pensando em epistemologias alternativas à globalização neoliberal em um projeto mundial que contemplasse países emergentes, como o Brasil. Ainda que seu foco fosse apontar discursos alternativos sobre o mundo sob uma intensa reflexão epistemológica que considere a realidade socioeconômica e vivência política em diferentes lugares do mundo, o autor abre uma possibilidade de reflexão que nos é cara quando se trata em reflexões e análises sobre desastres, como o rompimento da barragem de Fundão. Uma dessas contribuições que aplicamos para este trabalho é a valorização de experiências e saberes sociais para além do cientificismo que o ambiente acadêmico prega e o saber intelectual e científico reproduz. Sobretudo nas ciências humanas, é fundamental nos atentarmos às histórias, narrativas e discursos daqueles que sempre estiveram à margem da sociedade, tanto econômica quanto intelectual. É nesse sentido que Santos (2002) defende que a experiência social é muito mais variada e ampla do que os saberes científicos e filosóficos consideram relevantes, considerando esses saberes como “desperdiçados” em uma sociedade cada vez mais elitista e que provém a manutenção dos blocos hegemônicos. Considerando o cenário de diversos desastres, dar voz e vez a discursos regionais, às pessoas pertencentes a esses cenários e vítimas e envolvidas, em diferentes perspectivas, nesses desastres, é colocar em prática o valor humano e social de situações emergentes e urgentes, como metaforiza Boaventura ao propor uma sociologia das ausências para expandir o presente e a sociologia das emergências, a fim de contrair o futuro. Nessas concepções, considerando a perspectiva midiática na ação e relação de retratar desastres, é preciso ouvir as comunidades locais, assim como defende Santos (2002). O autor define cinco experiências inseridas no campo da sociologia das ausências e emergências: de conhecimentos; desenvolvimento, trabalho e produção; reconhecimento; democracia; e de comunicação e informação. Nesse sentido, consideramos essa última experiência, que pode envolver todas as anteriores, como o principal papel da mídia em grandes acontecimentos, especialmente ao retratar desastres que fazem fluir novos saberes, fluxos e processos a partir das novas emergências que urgem nessa sociedade em questão, principalmente. O autor define tais experiências de comunicação e de informação como possibilidade de diálogos, resoluções de conflitos, dentre outras características e consequências que podem surgir de acordo com a potência do acontecimento emergente. Ainda que Santos (2002) aborde as tecnologias de comunicação e informação (TICs) como mediadoras entre os fluxos globais e locais, acreditamos que a mídia alternativa integra o jornalismo local, na medida em que, concordando com Peruzzo (2007), constroem-se laços de identificação e identidade partindo da proximidade. A principal característica do jornalismo local que nos é fundamental para nossa análise e classificação do corpus é a relação de identificação do público com o produto, a partir da ideia de pertencimento e representatividade, facilitados pela proximidade física e o convívio harmonioso entre jornal e leitores. Carvalho (2013) acredita que o jornalismo local, além de facilitar as organizações coletivas, por meio da identificação enquanto comunidade, pode abrir



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

possibilidades para que diferentes vozes circulem a respeito de determinado acontecimento, diferenciando-se, ainda mais, do que se observa na mídia tradicional de abrangência nacional, por exemplo. Assim, o jornalismo laboratorial incorpora práticas que são características do jornalismo local, uma vez que procura fazer uma abordagem regionalizada, tanto em assuntos quanto em fontes, além de procurar evidenciar e dar voz a sujeitos que, até então, não foram representados pela mídia considerada hegemônica. Dessa maneira, o jornalismo laboratorial, como prática da experimentação, busca revelar narrativas até então silenciadas pela grande mídia, dando luz a demandas políticas e sociais que acabam por ficar por fora do *mainstream*. É, portanto, nesse novo espaço de práxis jornalística que reside a importância do laboratório como resistência e experimentação de novas linguagens e adaptações modernas, visando à democratização de acesso e práticas contemporâneas de jornalismo, valorizando a produção coletiva e reflexiva do conteúdo que apresenta, sem se esquecer do valor pedagógico e da realidade educacional ao qual se insere. Outra característica comum a jornais-laboratórios, também observada no nosso corpus, é em relação à independência e adaptação das regras de noticiabilidade tradicionais do jornalismo, adaptando à realidade laboratorial (MIRANDA; MILATI, 2013). É nesse sentido que se instaura a principal diferença de abordagem e enquadramento observada no jornal-laboratório, por não seguir a ideia mercadológica, com aspectos mais pessoais da cobertura e de enquadramentos, inovando não só na abordagem, mas também na linguagem empregada, cumprindo, então, o papel de experimentação de produtos laboratoriais (MARQUES, 2013). Dessa forma, podemos observar traços do jornalismo local e características contra-hegemônicas nas coberturas realizadas pelos produtos laboratoriais em análise, já que procuram evidenciar discursos que não foram representados na grande mídia e realizar abordagem focada nos impactos locais que a tragédia causou, em sentido amplo. Retratar um acontecimento sob o olhar dos atingidos corrobora com a ideia de que a mídia contra-hegemônica reconstrói histórias a partir da perspectiva das classes subalternas (MEDEIROS, 2015). É nesse sentido que ancoramos nossa classificação do jornal-laboratório com traços da contra-hegemonia, uma vez que enaltece os pontos de vista das vítimas da tragédia. Como apresentado anteriormente, nosso objeto de estudo é formado pela Revista Curinga e Jornal Lampião, produzidos por estudantes de Comunicação Social/Jornalismo da UFOP. A revista Curinga é produzida por estudantes do sétimo período, com duas edições por semestre. Devido à importância da tragédia em Bento Rodrigues, a edição número 16 foi especial, pois é a compilação dessas duas edições semestrais em apenas uma, totalizando 88 páginas dedicadas exclusivamente ao desastre. Com a predominância da cor marrom, remetendo à lama de rejeitos despejada pela Samarco (Vale/BHP Billiton), a edição especial (sem título) voltou sua atenção às vítimas da tragédia e buscou discutir assuntos de interesse dos atingidos e relacionados às causas e consequências do desastre, como a política, relações trabalhistas e as expectativas sobre a reconstrução identitária e local. A edição especial do jornal Lampião leva o nome de “Do fim ao recomeço – quando a lama de uma barragem faz o tempo parar e o futuro persiste”, acompanhado da foto de um relógio de parede, marcando o horário aproximado da tragédia ao qual retrata, com a predominância da cor marrom. O título já indica como será trabalhada a narrativa e o tema do jornal, cujo objetivo é relacionar o acontecimento



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

ao tempo, partindo da destruição de Bento Rodrigues, culminando na esperança de reconstrução dos moradores. O maior desastre socioambiental do país repercutiu em diversos meios, com diferentes abordagens. Realizar a cobertura midiática de uma tragédia como essa é uma árdua tarefa que envolve diferentes temáticas, a critério do veículo. Nesse sentido, o jornalismo local encontra o desafio de enquadrar o acontecimento sob o olhar pessoal das vítimas, diferenciando-se dos veículos de grande mídia. Como jornalismo local, as produções aqui apresentadas cumprem o papel de trazer à tona a realidade e impactos diretos e indiretos que afetam a região, assim como também buscam responder as inquietações da população. Assim, consideramos que os produtos laboratoriais locais aqui estudados cumprem a missão à qual se determinam a fazer, de ser um jornalismo local, com traços contra-hegemônicos, a partir das diferentes abordagens de temas conhecidos pela população, promovendo uma integração maior com a comunidade à qual está inserido, gerando maior identificação do público com o produto. Considerando esses aspectos, como resultados, também acreditamos que o jornalismo passeia por todas as experiências presentes no campo da sociologia da emergência e da ausência. Na experiência de conhecimento, o jornalismo pode se portar como mediador de conflitos e diálogos entre as diversas áreas de conhecimento, na medida em que apresenta suas relações e impactos sociais. Na de desenvolvimento, trabalho e produção, apresenta alternativas econômicas para além daquelas apresentadas pelas grandes empresas e poder dominante, como bem abordaram os produtos vistos aqui. A experiência de reconhecimento está na gênese desse jornalismo-laboratorial local produzido, uma vez que permite o respeito e a pluralidade de vozes que são predominantemente silenciadas em outras coberturas. Tal diversidade leva à experiência de democracia, representada pela participação e respeito pela cidadania da sociedade. Todas essas experiências levam à de comunicação e informação, que defendemos neste trabalho enquanto uma possível saída e vivência para conflitos e experiências sociológicas. Santos (2002) define que a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, enquanto a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis. Acreditamos que o jornalismo pode atuar no intermédio delas, fazendo-se mostrar o que é emergente quando tudo se ausenta. Consideramos, portanto, que coberturas como essa sejam a esperança e o exemplo de um jornalismo mais humano, voltado para a comunidade, valorizando o papel do jornalismo local para a representatividade e a preservação da identidade da região à qual se insere.

Palavras-chave: Jornal-Laboratório. Jornalismo local. Mídia contra-hegemônica.

Referências



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

CÂMARA, Marco Túlio. **Para nunca esquecer:** uma análise discursiva de coberturas midiáticas impressas sobre o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. CEFET-MG. 2018

CARVALHO, J. **A imprensa regional e local:** estudo de caso do jornal O Ribatejo. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social: Lisboa, 2013

MARQUES, F. Laboratório como espaço criativo e experimental. In: SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: impressos.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

MEDEIROS, A. **Comunicação, poder e cidadania:** o encontro do alternativo e do contra-hegemônico em um mesmo veículo midiático. In: XIV Congresso Internacional IBERCOM: São Paulo, 2015.

MIRANDA, A.; MELATTI, S. Tradição e Aventura na Prática Laboratorial. In: SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: impressos.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

PERUZZO, C. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Lumina: Juiz de Fora, 2007, vol. 1

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Outubro 2002: 237-280



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

O valor heurístico do diálogo para a pesquisa em comunicação: considerações e reflexões¹

Andréa Carla Lopes Viana²

Universidade Federal do Tocantins

Cristiano Alves Viana³

Universidade Federal do Tocantins

José Fernando Patiño Torres⁴

Universidade de Brasília/UnB

Resumo expandido

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve contextualização sobre a contribuição de outras disciplinas das ciências humanas e sociais para as pesquisas em Comunicação, bem como abordar o valor heurístico do diálogo em termos ontológicos, epistemológicos e metodológicos para as pesquisas em Comunicação. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e o resultado da análise converge para o entendimento que a Comunicação é um campo científico em construção, constantemente atravessado por outras disciplinas das quais toma “emprestado” ferramentas e procedimentos metodológicos, o que não constitui necessariamente uma perda de identidade do campo. Em relação à comunicação dialógica, nos moldes da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa de González Rey, concluímos que o caráter teórico-epistemológico-metodológico do diálogo possibilita a realização de uma pesquisa de campo mais aprofundada, a partir da construção das informações que emergem das produções subjetivas entre pesquisadores e participantes. Desde os tempos mais remotos que a comunicação está presente em nossas vidas e desempenha um relevante papel. É por meio dela que registramos, desde os tempos das cavernas, nossa história, crenças e costumes. No entanto, apesar de sua importância, o estudo da comunicação - e suas subdivisões ou subáreas - no campo científico é bem recente e ainda bastante focado em aspectos técnico-profissionais da formação em comunicação, com elevado privilégio para as temáticas do jornalismo (SIGNATES, 2018). No entanto, Calhoun (2012) compreende que a Comunicação é o campo mais importante para o estudo de muitas dimensões chave das mudanças sociais e também um campo menos provável para ser definido por um método comum, isto porque há uma grande diversidade de métodos, a saber: experimentos, etnografias, pesquisas históricas, levantamentos, análises textuais e procedimentos metodológicos cada vez mais visuais. Nesta vertente, Epstein (2009) lembra que a Comunicação corta transversalmente várias disciplinas das ciências sociais e que em certas problemáticas ela assume um papel central. Braga (2004) ressalta que as interações humanas, ou fenômenos da comunicação, perpassam todas as Ciências Humanas e Sociais e

¹Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

² mestranda do PPGCOMS/UFT. E-mail: feelplanet@yahoo.com

³ mestrando do PPGCOMS/UFT. E-mail: cristianoviana.br@gmail.com

⁴ orientador professor Dr PPGCOMS/UFT e UnB: jfpatinotorres@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

podem interessar ao campo da Comunicação, dependendo de como se problematiza e de como se aproveita as possibilidades de se construir conhecimentos diferenciados dos questionamentos propostos por outras disciplinas. Pode-se dizer que é consenso no meio acadêmico, que a Comunicação é um campo vasto, que pode ser por demais amplo, de fronteiras difusas. Que a dimensão da vida social contemporânea, ao ser tratada pelas várias disciplinas, não demarca o terreno particular de uma única. Da mesma forma, “fechar o objeto da comunicação no campo das mídias é uma operação redutora, ao excluir as inúmeras práticas comunicativas que edificam e marcam a vida social - e não passam pelo terreno das mediações tecnológicas” (FRANÇA, 2001). Gomes (1997, p.13) diz que “a comunicação é inerente à condição humana”. Freire (1983) afirma que os seres humanos vivem em um mundo comunicativo. “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos” (FREIRE, 1983, p. 44). Seja nas relações interpessoais ou nos processos midiáticos, a Comunicação como campo teórico-acadêmico possui um recorte tão abrangente que se torna difícil delimitar o seu objeto de estudo. Em seu artigo A ilusão teórica no campo da comunicação, Sá Martino (2008) defende que a pluralidade desse objeto deixa o campo da Comunicação sem terreno próprio, como se estivesse em todos os lugares e nenhum deles lhes pertencesse. Sendo assim, a característica principal do campo é a sua multiplicidade e sua “singularidade é não ter singularidade” (SÁ MARTINO, 2008). Neste sentido, abrem-se caminhos para a constituição de novos campos a partir da convergência ou interação entre eles. É o caso da Comunicação & Saúde (C&S), considerado por uma corrente de estudiosos brasileiros como um campo em formação e relativamente autônomo, tendo sua origem nas movimentações de profissionais e acadêmicos de comunicação (ligados ao campo da saúde) em torno da consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir do final da década de 1980. Instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e em diversas edições da Conferência Nacional de Saúde (CNS) passaram a se mobilizar pela formulação de um campo que pudesse fazer frente às mudanças vividas em relação à descentralização e universalização dos serviços de saúde pública no Brasil. É neste contexto que cursos de pós-graduação lato e stricto sensu foram criados, gerando crescente interesse pela C&S em especializações, mestrados e doutorados (TORRES, 2012). O novo campo “híbrido” abarca tanto os conceitos da comunicação quanto os conhecimentos da saúde, cuja abordagem conjunta explora as especificidades e potenciais de cada uma dessas ciências. Os dois campos se “inter-relacionam, interagem e convergem para um amplo campo interdisciplinar” (EMERICH et al, 2016, p.4), considerando aqui o conceito de interdisciplinaridade trazido por Japiassu (1976), em que prevalece a ideia de cooperação e diálogo entre os campos, sem a sobreposição de um ao outro, havendo reciprocidade e contribuições mútuas. Comunicação e saúde são, portanto, um campo em formação, que se contrapõe à ideia de comunicação como um conjunto de técnicas de transferência de informações a serviço da saúde (TORRES, 2012). Por todo o exposto, embora exista uma forte corrente “purista” na produção científica da Comunicação, é inegável a contribuição de procedimentos, técnicas, métodos e metodologias, emprestados das outras ciências humanas e sociais aos estudos comunicacionais. Isso não significa necessariamente a perda da especificidade da área, mas um aporte de possibilidades, de ferramentas de investigação científica, sem deixar de lado a construção do lugar próprio da Comunicação enquanto ciência. A exemplo disso, vale destacar a contribuição da Epistemologia Qualitativa



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

e da metodologia Construtivo-Interpretativa para os estudos da Comunicação. A referida metodologia nasceu do campo da psicologia e apoia-se nos estudos da subjetividade, entendendo que grupos humanos produzem processos subjetivos em relação às atividades humanas que exercem, não necessariamente na realidade concreta e fática, mas na forma como vivemos esta realidade. Este referencial teórico assume, em termos epistemológicos e metodológicos, que a comunicação de natureza dialógica tem um papel fundamental nos processos de construção do conhecimento científico, o que não acontece, por exemplo, na aplicação de metodologias tradicionais da comunicação como análise de conteúdo, em que o diálogo não faz parte do processo. Cumpre frisar que nem toda comunicação é dialógica. Na perspectiva do trabalho de González Rey, o diálogo é entendido como um espaço relacional de engajamento emocional entre as pessoas. Assim, a comunicação dialógica tem um caráter complexo, não linear e não sequencial, que permite gerar uma representação teórica da constituição da subjetividade (TORRES, 2022, p.179). Nesta vertente, Torres (2022 p.173) aborda o diálogo a três vozes: ontológica, epistemológica e metodológica: A primeira voz do diálogo, de caráter ontológico, estaria representada nos processos dialógicos complexos, sistêmicos, constitutivos e dinâmicos, nos quais vibram as emoções e as produções simbólicas que se articulam à emocionalidade com a qual se experimenta a vida. Já a segunda voz relaciona-se com a concepção epistemológica qualitativa assumida na pesquisa, na qual o diálogo é o princípio norteador e exige do pesquisador o estabelecimento de relações genuínas com os participantes, promovidas pela confiança e pelo mútuo engajamento, para assim favorecer a emergência do sujeito e das produções subjetivas. A terceira e última voz se expressa nos aspectos metodológicos da dialogicidade desenvolvida no cenário social da pesquisa, caracterizada pela construção dos espaços relacionais e a produção de instrumentos os quais possibilitem aos pesquisadores e participantes a geração de sentidos subjetivos (TORRES 2022, p.174). De outro modo, os conceitos de sentido subjetivo e de configuração subjetiva, tal qual definidos pela Teoria da Subjetividade de González Rey, são portadores de inteligibilidade para construção de conhecimento acerca de processos intrínsecos às práticas humanas (REY; MITJÁNS, 2017, [posição kindle 496]). Isso ocorre também com outras metodologias advindas de outras áreas do conhecimento, como a Etnografia - emprestada do campo da Antropologia - que constrói o conhecimento a partir da observação das estruturas significantes, que estão por trás e dentro do menor gesto humano, em um determinado contexto cultural (TRAVANCAS, 2009, p.99). O grande valor da metodologia Construtivo-Interpretativa para a Comunicação refere-se às construções teóricas da pesquisa - ou análise - que, conforme González Rey (2019, p. 36), “é o processo construtivo-interpretativo do pesquisador o que converte o diálogo num processo privilegiado de produção de saber nas ciências sociais, assim como o saber em uma ferramenta dialógica”. Pode-se dizer que a Comunicação é um campo científico em construção e que, pelas suas características e pelos seus atravessamentos por outras disciplinas, promove constantes debates sobre a pertinência ou não de pesquisas nesta área do conhecimento. Diferentemente de outros campos, com suas teorias e conceitos já consolidados, a comunicação ainda permanece com forte propensão às dinâmicas interdisciplinares, em constante movimento de transgressão das fronteiras entre estes campos, razão de discussões sobre a autonomia do próprio campo da Comunicação. Ocorre que, boa parte dos equívocos em relação às pesquisas em comunicação não são provocados pela escolha metodológica ou pelas ferramentas e procedimentos metodológicos emprestados de outras disciplinas, mas do processo de construção do problema de pesquisa,



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

que segundo França (2016), deve ter início na compreensão e opção por situar-se dentro da área da comunicação, passando pela inserção de determinados caminhos do conhecimento e culminando no desenvolvimento de uma questão específica a ser resolvida. A autora também faz referência a dois tipos de objeto de pesquisa: o objeto empírico e o objeto de conhecimento. Os objetos empíricos (aquilo que se estuda) são do mundo, não constituem monopólio de nenhuma ciência - isso inclui as mídias: jornal, tv, blog, etc. Já o objeto de conhecimento define como estudar os objetos empíricos enquanto comunicação. Assumimos aqui que, a utilização de procedimentos metodológicos advindos de outras áreas do conhecimento humano, conforme exemplificamos em relação à metodologia Construtivo-Interpretativa de González Rey, não representa um relaxamento do rigor científico ou a perda de identidade do campo da Comunicação, mas um aporte metodológico que situa a comunicação dialógica como elo central da pesquisa, permitindo ao pesquisador a construção interpretativa das informações, processo que emerge a partir do estabelecimento de vínculos genuínos com os participantes. Por fim, entendemos que a comunicação dialógica nestes moldes possibilita produções subjetivas de muito valor para os trabalhos de campo das pesquisas em Comunicação, pois ao invés de extrair respostas a perguntas ou tópicos definidos aprioristicamente, de forma institucionalizada, a metodologia Construtivo-Interpretativa permite que seja possível: a) visualizar a singularidade dos processos comunicacionais dentro dos sistemas sociais humanos; b) perceber a produção subjetiva dos participantes, que emergem no decorrer dos diálogos ao invés de respostas prontas, que não dariam conta de uma pesquisa mais aprofundada; c) permitir, em alguns casos, a emergência do sujeito, ou seja, que as pessoas ou grupos humanos, coletivos familiares, etc., criem, nos processos de subjetivação, caminhos alternativos para resistir ou enfrentar situações graves ou sistemas sociais dominantes, que impedem os processos de singularização humana.

Palavras-chave: Comunicação Dialógica. Pesquisa em Comunicação. Metodologia Construtivo-Interpretativa.

Referências

- BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.
- BRAGA, José Luiz. **Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação**. Revista Contracampo, n. 10/11, p. 219-236, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i10/11.542> Acesso em 10/10/2022
- CALHOUN, Craig. **Comunicação como Ciência Social (e mais)**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 35, p. 277-310, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000100014> Acesso em 11/10/2022.
- EMERICH, Tatiana Breder et al. **Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiatização**. 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17001>. Acesso em 08 jul.2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

EPSTEIN, Isaac. **Ciência Poder e Comunicação**. in: Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?**. C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 05, 2001. Disponível em <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784> acesso em 10/10/2022.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas**, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39883/2/veraObjetoPesquisa.pdf> Acesso em 10/10/2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES, R.A.L. **A comunicação como direito humano: um conceito em construção**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3546>. Acesso em ago.2021.

JAPIASSU, Hilton. **A questão da interdisciplinaridade**. Seminário internacional sobre reestruturação curricular. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, 1994. Disponível em <http://educacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em abr. 2022.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando Luis González. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando Luis González; PUENTES, Roberto Valdés (org). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_epistemologia_qualitativa_2019.pdf. Acesso em: 28 out. 2021. Acesso em: 28 out. 2021

MARTINO, Luís Mauro Sá. **A ilusão teórica no campo da comunicação**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 36, p. 111-117, 2008. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550192015.pdf>. Acesso em 13 out. 2022

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. in: Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

TORRES, José F. P. **O Diálogo a três vozes na obra de González Rey: Ontologia, Epistemologia e Método**. In: Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais. São Paulo: Alínea, 2022.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

TORRES, Monica Mello et al. **Campo da comunicação & saúde no Brasil: mapeamento dos espaços de discussão e reflexão acadêmica**. 2012. Dissertação de Mestrado. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6191>. Acesso em 12 out. 20



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Cidadãos em Rede: Estudo de Conteúdos Publicados sobre Itinga do Maranhão no YouTube¹

Wanderson Rodrigues de Souza²

Roseane Arcanjo Pinheiro³

Universidade Federal do Maranhão

Resumo expandido

O surgimento da internet possibilitou transformações que permitiram a criação de diversas ferramentas que servem como instrumentos para aproximar instituições de seus públicos, seja na hora de divulgar notícias, vender algum produto e fidelizar uma marca, ou na hora de produzir ou consumir conteúdos. Neste processo há uma facilidade de aproximar pessoas e ideias, vencer a distância entre indivíduos e compartilhar conhecimentos sobre a realidade, a partir de um clique. O apoio colaborativo dos usuários nesse meio, cria locais propícios para registros de memórias nos ambientes digitais. Dessa forma, esta pesquisa propôs investigar os materiais audiovisuais publicados no YouTube sobre a cidade de Itinga do Maranhão, pequeno município do estado do Maranhão, localizado a 665km da capital São Luís. O objetivo foi identificar o perfil dos vídeos que circularam sobre a cidade durante 365 dias, no período de 04 de outubro de 2020 a 04 de outubro de 2021. Ressaltamos que o município citado é carente de veículos de comunicação, com notícias locais, portanto, é considerado “um deserto de notícias” (PROJOR (2021), ou seja, os internautas da localidade fazem registros do cotidiano e trazem referências sobre cotidiano do lugar, escassos nas mídias da cidade, que dão preferência para informações estaduais ou nacionais. A pesquisa acontece num município fundado em 1959, quando os maquinários pesados trabalhavam na construção da rodovia Belém-Brasília, uma das mais importantes obras no processo de consolidação e desenvolvimento de cidades na região Sul do Maranhão. Em decorrência desse processo e das paradas para o descanso dos trabalhadores envolvidos na obra, foi criado um povoado as margens das águas claras de um rio, que se chamaria Itinga e, mais tarde, o emprestaria o nome para a cidade. O povoado era visto com potencial para crescimento por causa da abundância em água e solo fértil. As primeiras instalações foram o Posto Fiscal, a Igreja Católica e o Hospital Municipal Cristo Rei (BARROS, 2003). A pesquisa iniciou com um mapeamento na rede social YouTube para encontrar conteúdos na rede social, cujo título fizesse menção sobre

1 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wanderson.jornal@gmail.com

3 Professora adjunta do Curso de Jornalismo e do PPGcom da Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz. Email: roseane.ap@ufma.br



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

a cidade: o resultado, nesta etapa, foi de 18 vídeos, que passaram a constituir o corpus final da análise. Com o material analisado foi possível identificar o perfil dos conteúdos dos vídeos que foram publicados sobre a cidade de Itinga do Maranhão no YouTube. Porém, antes deste processo, convém lembrar a motivação da pesquisa, que foi acelerada por dois pontos: o primeiro está ligado a participação do pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP), da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, que dedica o seu tempo a pesquisar aspectos do jornalismo, redes sociais e memória, e o segundo fato é existirem escassas pesquisas que investiguem aspectos comunicacionais da cidade de Itinga do Maranhão. O trabalho é uma pesquisa qualitativa, porque interpreta opiniões, pontos de vistas e enquadramentos socialmente construídos, a partir das ações de sujeitos, homens e mulheres, que produziram conteúdos para o Youtube. Gatti (2004, p. 68) afirma que este método “[...] pressupõe um conhecimento amplo e aprofundado da área em que os problemas estudados se situam. Pressupõe o domínio de teorizações e o conhecimento de seus contornos epistêmicos”. Isso quer dizer que tabela, indicadores ou testes de significância terão pouco valor científico se o investigador não apresentar resultados com amplo aprofundamento teórico. A técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foi utilizada para estudar vídeos encontrados, por ser um método didático e rico em detalhes. Ela permitiu separar os resultados encontrados por categorias, para ajudar na análise. Bardin (2011, p. 38) define a análise de conteúdo como o conjunto de técnicas de análise das comunicações que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O interesse principal do método não está ligado na descrição dos conteúdos “mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (BARDIN, 2011, p. 44). As quatro categorias criadas foram: tema do vídeo (para verificar qual era o tema dos vídeos mais publicados no YouTube sobre Itinga do Maranhão) vídeos mais comentados (para investigar quais conteúdos os usuários interagem), avaliações dos usuários (para identificar a interação dos usuários com o conteúdo) e a natureza técnica do conteúdo (que mapeava se o vídeo era uma produção amadora ou profissional). O processo ainda se baseou nas pesquisas bibliográfica e documental, para reunir conceitos e conhecimentos específicos que complementaram a investigação do tema proposto. Fonseca (2002) diz que a pesquisa bibliográfica é feita a partir de um levantamento de teorias já analisadas e publicadas em páginas da web, sites, livros e artigos científicos. Este método de pesquisa ajuda o pesquisador a conhecer o que já foi estudado sobre o assunto. Atrelado a isto, Fonseca (2002) diz que a pesquisa documental é um rico complemento a pesquisa bibliográfica. Assim, nessa mesma lógica, Severino (2007) pontua que essas informações, que são matérias-primas e ainda não foram analisadas criticamente, permite que o investigador faça a sua própria análise. Foi utilizada, também, a técnica de entrevista com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação. O entrevistado foi o comunicador Nildo Oliveira, responsável pelo podcast Podtê, divulgado na rede social Facebook. A entrevista aconteceu por meio da rede social Facebook, dado a distância geográfica de 125km que o investigador estava do entrevistado – de Imperatriz do Maranhão a Itinga do Maranhão. As perguntas norteadoras foram em torno do surgimento da rádio Fronteira FM na cidade, do seu funcionamento – que era ilegal porque não



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

tinha autorização para funcionar - e sobre o fim da sua operação, em 2016. A entrevista foi utilizada porque o investigador trilhou um árduo caminho para coletar dados devido a exiguidade de informações documentadas sobre a cidade de Itinga do Maranhão. Gil (2008), ao falar sobre esta técnica, afirma que “este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados”. Dessa forma, foi possível que o investigador tivesse uma visão mais aproximada da realidade que era pouco conhecida. E por fim, para alcançar o resultado do total de vídeos, foi preciso utilizar critérios que o próprio YouTube disponibiliza. O pesquisador selecionou a aplicação do filtro “vídeos publicados no último ano, duração de 4 a 20 minutos e vídeos mais relevantes” e chegou ao resultado de 18 vídeos, que passaram a constituir o corpus final da análise. A escolha do YouTube se deu por este ser, atualmente, uma das redes sociais de vídeos mais acessada no mundo e ser considerada, segundo o portal de estudos e estatísticas Statista, o segundo maior buscador da internet, com 2,9 bilhões de usuários, atrás somente do Google. Com este percurso, foi possível identificar o perfil dos vídeos e analisar os conteúdos. Na categoria temas dos vídeos, a temática cidade foi o recorde de materiais encontrados: com 38,88% dos materiais. Nesses materiais, destacam-se conteúdos publicados por usuários cujo o objetivo é apresentar o município para outros usuários ou mostrar aspectos da infraestrutura da cidade. Assuntos relacionados a eventos culturais representam 11,11% dos achados e abarca conteúdos de shows na cidade, cuja gravação foi realizada pelos fãs. Os estilos musicais presentes nos materiais foram o sertanejo e religioso, que marcaram eventos culturais na localidade durante os anos de 2020 e 2021. Ao analisar a presença dos comentários nos vídeos, a temática cidade foi a categoria que mais recebeu a participação dos usuários, com 42,34%. Esses comentários são, às vezes, acompanhados por um sentimento de nostalgia, ao verem conteúdos sobre a cidade de Itinga do Maranhão no YouTube. Um deles foram registrados pelo Roger Silva. “Pulei muito dessa ponte em 1981, 1982, 1984, 1985, tempo bom, hoje tenho 51 anos, vivo em Rondônia, capital Porto velho, muitas saudades dos meus amigos de infância, meu nome e, Adão, filho da bilina e Didi”, disse o internauta. As avaliações como gostei e não gostei deste conteúdo ajudaram a identificar quais foram os temas dos vídeos que a audiência mais gostou de assistir. Com os dados coletados, foi possível perceber que os vídeos com a temática show foram os que mais receberam avaliações como “gostei” (57%) deste conteúdo. A temática acidente ficou em segundo lugar, com 21,60% como “gostei” e 15,15% como “não gostei”. Para os conteúdos com a temática infraestrutura, as avaliações como “não gostei” apareceram, em sua maioria, com 30,30%. 10,99% foram as avaliações como “gostei” deste conteúdo. E para finalizar, dos 18 vídeos mapeados foi possível identificar que a maioria é produção amadora (61,11%) e 38,88% característicos de uma produção profissional. As produções profissionais nestes vídeos, geralmente, foram produzidas com equipamentos, como drones, gravadores e câmeras de gravação profissional, resultando em um material/produto final com alta qualidade. Já as produções amadoras, que estão presentes na maioria dos conteúdos analisados, aparentam terem sido gravadas por smartphones simples, com imagens borradas, tremidas e com dificuldades para o entendimento do som. Com essa pesquisa, portanto, é possível considerar que o objetivo geral e os objetivos específicos foram alcançados. O trabalho permitiu compreender o cenário



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

de mídia local na cidade de Itinga do Maranhão e como as transformações tecnológicas ao longo do tempo foram importantes consequências para as transformações comunicacionais, que, com a emergência do ciberespaço, a audiência torna-se uma produtora de conteúdo em potencial, com produções originais, para criar e publicar aquilo que lhe é interessante. Foi possível, também, identificar a transformação entre indústria de mídia e consumidores discutidas por Jenkins (2009). Aqui, o consumidor não só consome, como também interage com a mídia. Isso faz com que cada usuário na plataforma possa criar representações sobre a realidade, fortalecendo uma postura participativa por parte dos internautas, tornando, de certo modo, o YouTube um repositório cultural. A participação amadora é visível na rede social. Ken (2009) defende que, o YouTube, enquanto plataforma de diversidade cultural, contribui para o surgimento de um universo mais inclusivo, porque os usuários sentem-se livres para criar e postar materiais. Esse é o caso dos dados apontados nesta pesquisa, que em sua maioria (61,11%) foram consideradas produções amadoras: são pessoas mostrando o seu dia-a-dia, os seus hobbies, a sua cidade, as festas que participavam e muito mais. Dessa forma, o YouTube propicia um espaço para trocas no interior da sua plataforma, que a torna referência para o compartilhamento de conteúdo produzidos por profissionais e amadores. Esses usuários que publicaram vídeos sobre a cidade de Itinga do Maranhão no YouTube podem ser compreendidos, na verdade, como mediadores da sua realidade, por levar fatos que acontecem em seus cotidianos para outras pessoas. A temática infraestrutura, presente em 38,88% dos vídeos, é um exemplo disto: de como os usuários abordam aspectos do seu dia-a-dia no YouTube. Essa posição ajuda a preencher, muitas das vezes, a cobertura de fatos na cidade devido à ausência de veículos jornalísticos com produção local. Esses conteúdos podem despertar um sentimento de proximidade, pertencimento e de saudade de um passado específico idealizado, independentemente de ser uma produção profissional ou amadora. Dessa forma, pode-se compreender o YouTube como um local de memória coletiva (HALBWACHS, 2013) no suporte digital. Esta rede social, além de um instrumento de preservação da memória (pela facilidade de acessar vídeos do passado sobre a cidade), serve também como um espaço no qual a população local pode acessar e consumir informações, num município que é deficiente em termos de coberturas jornalísticas. Esse cenário nos remete aos “desertos de notícias”, que demonstram a falta de acesso de parte da população brasileira à informação apurada e de qualidade. A razão é que há poucos veículos de comunicação nas cidades médias ou pequenas e/ou não há produção de notícias regulares sobre o cotidiano do lugar, o que impede os cidadãos de terem referências, a partir do discurso jornalístico, sobre a realidade imediata.

Palavras-chave: Audiovisual. Jornalismo. Memória. Youtube.

Referências

- BARROS, Frank. **Itinga sua História sua Gente**. Imperatriz: Gráfica e Editora Brasil, 2006.
- BARDIN, L. **A análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

JENKINS, H. Textual **Poachers: television fans & participatory culture**. Nova York: Routledge, 1992.

PROJOR. Atlas da Notícia – Mapeando o jornalismo local no Brasil, versão 4.0. Junho de 2021. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/plataforma/estatisticas/>. Acesso em: 01 out.2022.

KEEN, Andrew. **O Culto do amador**. Rio de Janeiro: Zahar, 200



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Impactos na Saúde Mental dos Jornalistas em meio a sua atuação profissional na Pandemia da COVID-19¹

Neilson Batista Borges²

Liliam Deisy Ghizoni³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo Expandido

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 que ficou popularmente conhecida como novo coronavírus, ou Covid-19. Sem meios farmacológicos eficientes para combatê-lo, as medidas eficazes a serem tomadas de imediato, foram desde a adoção pelos países ao isolamento social, ou ao desenvolvimento de ações sanitárias como a lavagem das mãos, o uso de máscara, e o uso do álcool em gel. Isso fez com que diversos profissionais tivessem suas rotinas de trabalho alteradas. Dentre eles os jornalistas. Dessa forma, esse estudo busca discutir sobre como a pandemia por Covid-19, modificou sua atuação profissional, contribuindo para o surgimento ou para a intensificação no processo de adoecimento mental, desse trabalhador. Assim, partiu-se do seguinte questionamento: de que forma os jornalistas podem adoecer mentalmente, frente ao seu contexto organizacional de trabalho, na pandemia por covid-19? Por conseguinte, se abordou os conceitos referentes a essa temática, com a proposta metodológica de revisão sistemática de literatura. Pois esse estudo faz parte de uma agenda de pesquisa do projeto de mestrado em andamento. Destarte o objetivo geral desse estudo é discutir, por meio de uma revisão sistemática de literatura, a atuação profissional do Jornalista na Pandemia por Covid-19 e os reflexos dessa atuação em sua saúde mental. Especificamente foram abordadas as descrições dos conceitos referentes a esse tema de estudo: Covid-19, Jornalismo, Pandemia, Saúde mental e Trabalho; como também a compreensão do perfil construído desse profissional, nesse contexto de atuação. A metodologia utilizada foi a de revisão sistemática de literatura-narrativa que é “A seleção dos estudos, e a interpretação das informações categorizadas, que podem estar sujeitas a subjetividade dos autores, sendo adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, e trabalhos de conclusão de curso” (IP/USP, 2014, p. 2). O procedimento agregado nessa pesquisa, se constituiu de um levantamento bibliográfico, seguido dessa revisão sistemática de literatura que foi

1 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação que será realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Psicólogo, Mestrando do Programa de Comunicação e Sociedade PPGCOMS/UFT, Universidade Federal do Tocantins (UFT), neilsondiantedotrono@hotmail.com

3 Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações na UnB. Professora adjunta da UFT, no curso de Administração e no PPGCom. Líder do grupo de pesquisa no CNPQ “Trabalho e Emancipação: Coletivo de Pesquisa e Extensão”. Universidade Federal do Tocantins (UFT), E-mail: ldghizoni@uft.edu.br



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

categorizada, e realizada por meio da utilização do “Relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro-2022”, pela pesquisa no banco de dados da “CAPES”, da “COMPÓS”, do “INTERCOM”, do “SBPJOR”, das bases de dados do “Google Acadêmico”, da “SciELO”, do “Portal Regional da BVS” (Biblioteca Virtual em Saúde); bem como da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (“BDTD”), no período de 2020 a 2022, utilizando-se os seguintes descritores: Covid-19. Jornalismo. Pandemia. Saúde mental. Trabalho do jornalista. Esse levantamento foi executado por meio das leituras dos títulos dos artigos, e respectivos resumos, observando se os trabalhos eram relevantes sobre o tema em pauta, ou se estavam relacionados com o objetivo desse estudo, e que fossem agregados ao conteúdo desse trabalho. Os critérios de inclusão adotados para essa pesquisa foram: ter o descritor delineado no estudo, ser publicado entre os anos de 2020 a 2022. Foram excluídos os artigos que não contemplaram os critérios citados, assim como os que não tiveram relação com o tema desse estudo; bem como os textos repetidos, e os que não apresentaram o material na íntegra. Seguindo-se tais critérios, “vinte e cinco trabalhos” foram selecionados, apresentando relevância com os objetivos propostos nesse estudo. A análise dessa pesquisa foi realizada a partir da leitura dinâmica, e seletiva dos estudos realizados pelos diversos autores pesquisados; com o fichamento dos textos selecionados para elaboração desse estudo. Assim, dotou-se a análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2006) são procedimentos sistemáticos, e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, dos conhecimentos relacionados as condições de produção, inferência essa que recorre a indicadores qualitativos e/ou quantitativos, conforme o estudo do caso. Nesse contexto de estudo, essa análise se estruturou da seguinte forma: na pré-análise, foi organizado o material selecionado para ser utilizado nessa pesquisa, posteriormente as ideias preliminares, foram sistematizadas em quatro etapas, sendo elas: a leitura flutuante desse material, a escolha dos conteúdos para serem analisados, a reformulação dos objetivos, e hipóteses, e a formulação de indicadores que proporcionaram a preparação desse material. Por conseguinte, esse material foi explorado, categorizado, classificado, e codificado nesse estudo, de forma descrita, e analisada por meio do referencial teórico utilizado, na revisão de literatura desse recorte, constituído analogicamente, a partir da significação dada na construção desse processo. Nesse segmento, a definição das categorias foi classificada, apontando os elementos constitutivos de uma analogia significativa nessa pesquisa, isso é das categorias. Dessa forma, a análise categorial, consistiu no desmembramento, e posterior agrupamento, e reagrupamento das unidades de registro, contidas no referencial teórico desse estudo. Assim, a repetição de palavras ou termos foi uma estratégia adotada no processo de codificação, para serem criadas as unidades de registro, e posteriormente, categorias de análise iniciais, para essa análise (BARDIN, 2006). Com relação aos resultados, inferências, e interpretações, buscou-se significar os conteúdos analisados, discutidos, e intuídos de forma reflexiva, e crítica, com a finalidade de constituir, e captar, os conteúdos contidos, em todo o material coletado, para essa análise. Nessa fase final, do processo de análise, foi a “operação lógica, pela qual se admitiu que uma proposição, em virtude da sua ligação, com outras proposições, fosse aceita como verdadeira” (BARDIN, 2006, p. 41). As primeiras notícias sobre a origem de um novo vírus surgiram na virada do ano para 2020, no mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan na China, e sua incidência aumentou de maneira exponencial, nas primeiras semanas. Inicialmente, acreditou-se que a doença da Covid-19 (Coronavirus Disease 2019), era uma infecção respiratória causada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (Sars-CoV-2) (SCHUCHMANN et al., 2020). O vírus Sars-CoV-2 possuía como



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

hospedeiros determinadas espécies de morcegos, e o pangolim. Um animal consumido como alimento exótico em algumas regiões da China (SANARMED, 2020). A doença foi identificada em dezembro de 2019, após um surto de pneumonia de causa desconhecida, envolvendo casos de pessoas que frequentavam o mercado de Wuhan, sendo definida posteriormente como uma epidemia (SIFUENTES-RODRÍGUEZ; PALACIOS-REYES, 2020). Daí em diante, o vírus rapidamente espalhou-se pelo mundo, tendo em vista que sua taxa de transmissão era de 2,75, ou seja, que uma pessoa infectada poderia transmitir em média para outros 2,75 indivíduos, e com uma taxa de letalidade global de 3,4%, que aumentava de acordo com as condições do indivíduo, acometidas com a idade, e as comorbidades presentes (SCHMIDT et al., 2020). Diante dessa realidade, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a Covid-19, como pandemia. No Brasil, o alerta pandêmico, ocorreu na primeira quinzena de março de 2020. Entretanto, segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso registrado ocorreu em 25 de fevereiro de 2020 (BRASIL/MS, 2021). Com o avanço da doença, muitas informações, passaram a serem disponibilizadas ao público, vinte e quatro horas por dia, em todos os meios de comunicação: internet, televisão, rádios e jornais. Buscando assim, alertar a população, sobre as formas de contágio, combate, prevenção e cuidados com a saúde. Assim, com o intuito de aplacar os avanços da pandemia, autoridades sanitárias, cientistas, médicos infectologistas, o ministro da Saúde, e profissionais especializados, das mais diversas áreas de conhecimento, dedicaram grande parte de seu tempo, a acompanhar, estudar, divulgar casos de pessoas infectadas, e orientar, sobre estratégias de combate, a doença pandêmica. Inicialmente, foram estabelecidas regras de distanciamento social, isolamento social, uso de máscaras, álcool em gel, e em alguns estados, foram decretadas barreiras sanitárias, e até lockdown, para restringir a circulação de pessoas, e isolar o vírus. Apenas os serviços essenciais – hospitais, farmácias, supermercados etc. – funcionavam. Nesse cenário de isolamento social, causado pela pandemia do coronavírus, houve um aumento exponencial de informações transmitidas, e compartilhadas, nas várias plataformas digitais, nos sites de jornalismo, nas redes sociais, nos aplicativos de mensagens, e grupos de bate-papo, entre outros. Dessa maneira, um grande volume de informações úteis, mas também contraditórias; surgiram, e muitas vezes inverídicas como no caso das fake news (notícias falsas), que resultaram em desinformação, causando medo, pânico, estresse, e até mesmo, alterações comportamentais resultantes desse processo de adoecimento psicológico, gerando graves consequências na saúde mental dos indivíduos de forma em geral (LIMA et al., 2020). Nesse contexto social, a população viu sua realidade ser transformada em privação de liberdade, isolamento social, e muitas notícias tristes de milhares de pessoas que contaminadas pelo vírus, adoeciam, e morriam nos hospitais, longe de seus familiares. Em meio a essa realidade catastrófica, a saúde mental da população, foi afetada com crises de ansiedade, pânico e depressão. Portanto, cuidar da saúde mental é de grande relevância para habilidade coletiva, e individual das pessoas, visto que elas pensam se emocionam, e se relacionam entre si. Assim, a promoção, proteção, e restauração da saúde mental, são consideradas vitais aos indivíduos, comunidades, e sociedades mundo afora (OMS, 2020). Ao refletir sobre a saúde mental dos indivíduos, e todo o contexto social resultante da pandemia da Covid-19. Identifica-se que “a sensação de isolamento social, desencadeia-nos mesmos, sentimentos de angústia, insegurança e medo, que quando não tratados devidamente; podem se prolongar mesmo após o controle do vírus” (FARO et al., 2020). Em meio a essa realidade, acrescenta-se a atuação profissional do Jornalista, e sua ampla cobertura realizada nos veículos de comunicação social, sobre os



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

impactos da pandemia da Covid-19 no dia a dia da população, com hospitais em superlotação, boletins epidemiológicos com números alarmantes de incidência de casos, e óbitos, além de denúncias de corrupção, desemprego, fome e inflação (LOBO, 2021), bem como, campanhas educativas, de combate ao vírus, vacinas, entre outros; “podendo” sobrecarregar-se mentalmente, e emocionalmente, frente a essas informações; como também, quem irá consumir a produção final, desse conteúdo midiático. Nesse caso “os espectadores” (NOBLAT, 2021). O noticiário chega a todos nas mais distintas plataformas digitais, e em meio, ao caos social instalado, vem também as notícias falsas, disseminadas por grupos radicais surgidos nas redes sociais, com o intuito de propagar remédios sem comprovação científica, no combate ao vírus; dentre outras questões radicais contrárias as medidas sanitárias de combate a Covid-19 (“como o uso de máscaras, o distanciamento, o isolamento social, e as vacinas”). Assim, tratando-se do universo do trabalho nesse contexto, empresas foram orientadas a indicarem aos seus trabalhadores, o trabalho remoto, executado em casa. Isso ocorreu com alguns profissionais do jornalismo, principalmente aqueles que atuavam nas redações. Outros continuaram expostos aos riscos de contaminação, pois foram obrigados a transmitir notícias nos locais onde havia pessoas acometidas pela doença. Assim, como análise desse conteúdo expõe-se: categorias de informações, que exibem o que esse profissional Jornalista, vivenciou, e vivencia em sua atuação profissional na Pandemia. Essas categorias enfatizam: a forma como o mundo de forma em geral, tem lidado até o presente momento, com a Pandemia, e como que o mundo do trabalho tem sobrevivido nesse contexto, como também a inserção do Jornalismo como profissão, e o perfil do Jornalista como profissional da linha frente, e sua saúde mental sendo completamente desfigurada, por todos os atravessamentos vivenciados em sua atuação profissional, nesse contexto de caos mundial, sem perspectiva de futuro, com relação a cura dessa doença. Além disso, ressalta-se ainda, que após a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertar sobre a possível pandemia global da doença pelo novo coronavírus ainda no ano de 2020. Diversas ações foram também elencadas para reduzir o surto. Eram ações necessárias para se combater a transmissão do vírus nesse primeiro momento, pois não havia medicações farmacológicas que fossem eficazes contra a doença do vírus SARS-CoV-2, conhecida popularmente como Covid-19. No Brasil o chamado *lockdown*, foi adotado por alguns estados e municípios, variando desde o fechamento de escolas e comércios não essenciais, até mesmo a proibição de circulação de pedestres. Em relação ao mundo do trabalho, empresas foram orientadas a indicarem aos trabalhadores o trabalho remoto, sendo esse executado em casa. Isso ocorreu com alguns profissionais do jornalismo, ao mesmo tempo em que alguns continuaram expostos as chances de contaminação, pois foram obrigados a transmitir notícias *in loco*, nos locais onde havia pessoas acometidas pela doença. Essa mudança no perfil do profissional de jornalismo motivada pela pandemia, como foi apontado por meio da obra “perfil do Jornalista Brasileiro 2022”, afetou diretamente a saúde física e mental desse profissional. O pesquisador Cristiano Oliveira Reimberg mostrou em seu artigo de pesquisa “Trabalho e saúde mental do Jornalista durante a pandemia da Covid-19”, por meio de entrevista a Jornalistas que atuam e atuaram na pandemia da Covid-19. As principais influências para o adoecimento desses profissionais nesse contexto de atuação. Para reduzir os índices de deterioração da saúde mental dos Jornalistas, é preciso que os empresários forneçam, no mínimo, suporte profissional psicológico a esses funcionários. Assim, esse trabalhador se sentirá mais à vontade para relatar eventuais problemas que ocorram na empresa, tais como o assédio moral/sexual, entre outros;



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

que possam prejudicar no desenvolvimento de seu trabalho, e contribuir para a ênfase no adoecimento mental.

Palavras-chave: Covid-19. Jornalismo. Pandemia. Saúde mental. Trabalho do jornalista.

Referências

ANDRADE, Cristiane Batista. ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Rev Bras Saude Ocup.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/4jH9bBbXyBr49hXPqTJMJs/?for> Acesso em: 02/06/2022.

BARDIN, Laurence. (2006). **Análise de conteúdo.** Tradução: L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70.

BOMFIM, Andreza. CARNEIRO, Gabriely Lowenberg da Silva. MICHELS, Maikon de Sousa. **Impactos do isolamento social durante a pandemia de Covid-19 na saúde mental: uma revisão Sistemática.** Psicólogo inFormação ano 24, n, 24 jan./dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Orientador para o enfrentamento da pandemia da covid-19, na Rede de Atenção Básica.** 4ª. ed. Brasília-DF, março de 2021. Disponível em: <<https://www.conass.org.br/nova-edicao-do-guia-orientador-para-enfrentamento-da-pandemia>> Acesso em: 20/ago./2021.

CARVALHO, André Luís Bonifácio de. ABREU, Natasha Ribas de Figueiredo Ortiz. **Avanços e desafios da comunicação digital em saúde na era da pandemia.** Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/35190/24350> Acesso em: 24/05/2022. Rev. APS. 2021.

CARVALHO, Marilis Sá & WERNECK, Guilherme Louveiro. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública.** 2020. Disponível: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n5/e00068820> Acesso em: 09/05/2022.

CASERO-RIPOLLÉS, Andreu. O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/3283/3717> Acesso em: 10/05/2022. **Com. e Soc.** vol. 40, 2021.

COQUEIRO, Jandesson Mendes. SANTOS, Taylon Batista. TAIBA, Beatriz Joia. **Quando não é possível deixar de informar:** o processo de trabalho de jornalistas durante a pandemia da Covid-19. Disponível em: <<https://www.scielo.br>> Acesso em: 09/05/2022.

FARO et al., [Faro A, Bahiano MA, Nakano TC, Reis C, Silva BFP, Vitti LS]. COVID 19 e Saúde Mental: Emergência do Cuidado. Seção Temática: Contribuições da Psicologia no Contexto da Pandemia da COVID-19. **Scielo Brasil.** Estud. psicol. (Campinas) 37/2020.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. FIOCRUZ. **O que é uma pandemia?** BioFiocruz. Matéria publicada em 27/jul./2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia> Acesso em: 20/set./2021.

LIMA et al. *The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease)*. O impacto emocional da nova doença do Coronavirus 2019-nCoV): **In Psychiatry Research** Vol. 287, Issue 1, pp. 1–2. Elsevier Ireland Ltd. doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112915> Acesso em: 25/set./2021.

LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**. Florianópolis: Quarum/Com.

LOBO, Tiago. **Sobre o papel social do jornalismo**. Edição 743. 23 de abril de 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed743 Acesso em: 25/set./2021.

MALTA, Deborah Carvalho. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/VkvxmKYhw9djmRNbzHsvrx/> Acesso em: 09/05/2022. **Epidemiol. Serv. Saude**,

MASSARANI, Luísa. **Excesso e alta velocidade das informações científicas: impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas**. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2426/2070> > Acesso em: 10/05/2022.

NOBLAT, Ricardo. **Para que serve um jornal (Ou: o jornalismo serve para quê?)**. A propósito dos 100 anos da Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/noblat/para-que-serve-um-jornal-ou-o-jornalismo-serve-para-que/> Acesso em: 05/out./2021.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2020). Saúde mental e considerações psicossociais durante o surto de Covid-19. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response> Acesso em: 22/out./2021.

_____. **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. (2020b) Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus> Acesso em: 05/out./2021.

RAMÍREZ-ORTIZ et al. (2020). Consequências da pandemia de Covid-19, na saúde mental, associada ao isolamento social. **ScieloPreprints**, 1, 1–21. doi: Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.303> Acesso em: 20/out.2021.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **Trabalho e saúde mental do jornalista durante a pandemia de Covid-19**. Intercom/SBEIC - 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

SANARMED. **Coronavírus Covid-19; origem, sinais, sintomas, achados, tratamento e mais. (2020). Artigo**. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/coronavirus-origem-sinais-sintomas-achados-tratamentos> Acesso em: 28/ago./2021.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

SCHMIDT et al Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). **SciELOPreprints**, 1(1), 1–26. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.58> Acesso em: 20/set./2021.

SCHUCHMANN et al. (2020). Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia. **Brazilian Journal of Health Review**, 3(2), 3556–3576. Disponível: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-185>. 20/set./2021.

SHIGEMURA, J. *et al.* Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: Mental health consequences and target populations. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 74, n. 4, p. 281–282, 2020. Acesso em: 13 abr. 2022.

SIFUENTES-RODRÍGUEZ, E.; PALACIOS-REYES, D. (2020). **Covid-19: The outbreak caused by a new coronavirus**. *BolMedHospInfantMex*, 77(2), 47–53. Disponível em: <https://doi.org/10.24875/BMHIM.20000039> Acesso em: 20/set./2021.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

Poliamor: Sobre Como Podemos Aprender Com a Amazônia¹

Camila Ribeiro Castro Soares²

Universidade Federal do Tocantins

José Fernando Patiño Torres³

Universidade de Brasília/Universidade Federal do Tocantins,

Antonio Cerdeira Pilão⁴

Universidade de São Paulo

Resumo expandido

Introduzimos essa escrita com um exercício imaginativo, pois ainda não conhecemos a floresta amazônica pessoalmente, isto sim a conhecemos com os olhares e contares de pessoas companheiras, sejam essas de um círculo mais íntimo na partilha de afetos, sejam de alianças formadas através de leituras e encontros pandêmicos que continuam a nos tocar de maneira potente. Nesse sentido, confiamos que você já teve contato com alguma floresta, micro florestas, por assim dizer: nos arredores concretos da vida infantil, no palco da imaginação fértil de criança ou em cenas oníricas que povoam nossos momentos de sono, e ainda com as micro florestas de sentimentos e emoções que, cada uma a sua maneira, quiçá as habitemos em comum. Pois então, essas são algumas possibilidades de cenários que servem ao exercício de passearmos com o texto. “Se você se mudar para a floresta tropical, você não tem o direito de reclamar da chuva”. Esse é o nome do terceiro capítulo do livro *Loves Refraction Jealousy and Compersion in Queer Womens Polyamorous Relationships* da socióloga Jillian Deri (2015). Tomamos essa metáfora, a imagem com a qual nos sentimos convidados a ficar, como um jogo interrogativo e, inspirados em Barthes (2004), também lúdico e cênico. Portanto, nosso objetivo é gerar respostas que dialoguem com a questão criada: Se você se mudar para a floresta tropical, você não tem o direito de re(-)clamar da chuva? O modo ao qual nos afinamos para realizar esse trajeto tem como base metodológica a Epistemologia Qualitativa desenvolvida pelo psicólogo cubano González Rey (2010a). Dessa forma, os princípios com os quais nos orientamos fazem referência a essa metodologia que aposta e afirma a comunicação, o método construtivo-interpretativo e a singularidade como baluartes para uma maneira de se fazer

1 Trabalho apresentado ao GT 2 – Estudos interdisciplinares em Comunicação da VI Jornada Interdisciplinar de Comunicação, realizada de 25 a 27 de outubro de 2022.

2 Mestranda do Programa de pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOMS-UFT). Bolsista CAPES. E-mail: camilaribeiro_castro@yahoo.com.br

3 Orientador. Professor do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília (UnB). Professor do PPGCOMS-UFT. E-mail: jfpatinotorres@gmail.com

4 Coorientador. Pesquisador de pós-doutorado do Programa de pós-graduação em Saúde Pública da Universidade de São Paulo (PPGSP-USP). E-mail: tonipilao@gmail.com



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

pesquisa nas ciências humanas e sociais, diante de um mundo que vem apresentando fenômenos que abalam o paradigma positivista regente da noção de Ciência moderna. Algumas companhias mais diretas, outras menos, de leitura-escrita – além de Barthes (2004) e Deri (2015) – fizeram abrir essas passagens para pensar a floresta como uma representação possível da não-monogamia e, em específico, do poliamor: Esteban (2011), González Rey (2010b, 2014), especialmente Núñez, Oliveira e Lago (2021) e também Vasallo (2018). Em conjunto aos encontros em eventos remotamente pandêmicos com pessoas e culturas indígenas, e conversas amigas com quem já vivenciou a experiência de estar corporalmente na Amazônia. Sigamos, a modo de entrada, para apresentar os “resultados” dessa investigação. Então, como está sua disposição para aprendermos juntos formas mais íntegras de se jogar com as relações, com a floresta, com a vida? Em *O rumor da língua*, Barthes fala que “o Texto [...] solicita do leitor uma colaboração prática” (BARTHES, 2004, p. 74). Ele diz que o próprio texto joga, produz um jogo, e que “o leitor, ele joga duas vezes: *joga com* o Texto (sentido lúdico), busca uma prática que o re-produza; mas, para que essa prática não se reduza a uma *mimesis* passiva, interior [...], ele *joga* o jogo de representar o Texto” (BARTHES, 2004, p. 73; grifos do autor). Sendo assim, indo diretamente ao encontro de nosso jogo interrogativo: se você se mudar para a floresta tropical (leiamos poliamor) o que pode acontecer? Circulemos algumas possibilidades: i) re-produções da lógica monogâmica em termos de re-clarar a chuva (leiamos afetos) em aspecto quantitativo; ii) criações de jogos outros, não mais de esconde-esconde, por exemplo, mas de representar uma aprendizagem ativa da transformação qualitativa da própria chuva, de nossas atitudes com ela. Você consegue pensar-imaginar outras cenas mais? Seguimos adiante nesse ponto para trazer partilhas amigas de vivências e percepções contadas de quem já esteve na floresta Amazônica; mescladas com as companhias das leituras-escritas que mencionamos de entrada, na intenção de pensarmos essas trocas como metáforas para o poliamor. Se há, portanto, uma forma pela qual a floresta foi marcada em nossa conversação, podemos dizer que foi justamente por sua (da floresta) heterogeneidade: “a floresta é imensa e densa, as árvores e os rios são enormes e profundos” (sic). Núñez, Oliveira e Lago (2021) foram quem nos iniciaram em pensar a não-monogamia a partir do princípio da floresta, que desafia um lugar de centralidade nas relações e o que eles chamam de um “sistema de monoculturas (monogamia, monossexismo e monoteísmo)”. No sentido de conceber a existência como a possibilidade de convivência de mundos plurais, “em relações de co-dependências partilhadas e concomitantes com a infinidade de seres que torna a vida possível” (NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021, p. 85). Contudo, fazemos uma ressalva terminológica ao pensar com esses autores: em vez da expressão “relações co-dependentes”, nos unimos a eles mais para o final do texto quando, dizendo da mesma dinâmica, fazem uso do termo interdependência. Assim como Butler (2016) e Gilson (2016) que ao transcorrerem sobre a temática da vulnerabilidade e da diferença as assumem “enquanto potências de afirmação, de resistência, de afetação e, também, de interdependência e interconexão” (*apud* SOARES; PATIÑO TORRES, no prelo). Com a ressalva feita, seguimos passagem para dizer que parte de uma crescente problematização (podemos dizer também popularização, deixando explícito aqui o sentido em



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

que empregamos essa palavra: de mais abrangência e exposição no debate social e público) acerca do poliamor se centraliza no fato de que essa configuração não-monogâmica de relacionamento se caracteriza pelo grau elevado de complexidade. Uma participante do estudo de Deri (2015, p. 55; tradução nossa), por exemplo, conta: “O poliamor pode ser maravilhoso, incrível, enriquecedor de vida, pode trazer coisas incríveis e enriquecedoras. A simplicidade nunca é uma delas”. No mesmo registro de nossa conversação, uma pessoa nos falou o seguinte da cultura e vivência cabocla (como são chamadas as pessoas que residem na Amazônia, segundo nossa interlocutora): “eles dormem na rede, não tem geladeira, comem o que tem para comer, pescam e panham as frutas pra comer na hora. É outra realidade de vida, tudo muito trabalhoso” (sic). Não se trata de negligenciar a complexidade que envolve os relacionamentos poliamorosos, mas de colocar em contexto e em perspectiva o ponto a partir do qual se lança o olhar. As percepções acima fazem parecer que não há complexidade em outras maneiras de se relacionar (e de viver) ou que “ser trabalhoso” é algo exclusivo e inerente ao poliamor (e a modos de vida não capitalizados). Acontece que se trata de complexidades e disposições distintas. Nesse sentido acentuamos a importância de colocar em questão a naturalização e automatização de modelo único de relacionamento (e de vida), que no caso de nossa cultura moderna e ocidental condiz com a monogamia (e com o capitalismo-consumismo) construída e operante como norma social desde o século XVIII (ENGELS, 2019). Com isso, estamos dizendo que trazer os ideais da monogamia (como exclusividade afetiva e sexual, romantização e centralização da relação em casal), serve para indicar o contexto histórico-cultural dominante no qual acontecem também as vivências poliamorosas e, mediante esse cenário, a lapidação interna e externa que as pessoas poliamorosas precisam fazer individual e coletivamente para abrir espaços subjetivos e sociais de respiro. Contudo, não poderiam servir para pautar e avaliar as relações poliamorosas, já que essas contam com a elaboração de seus próprios ideais (para tanto), tais como: negociação e comunicação honesta, responsabilidade, ética, consenso da não exclusividade afetiva e sexual, entre outros (KLESSE, 2011). Nessa toada, “enquanto a monogamia se apregoa o único caminho para todos, a artesanaria emocional nos aponta para a necessidade de uma construção singular, com os poros abertos aos suspiros do mundo” (FANON, 1963 *apud* NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021, p. 85). Somamos ao que os autores poeticamente alcunham de artesanaria emocional na “não-monogamia indígena” – como preferem chamar o poliamor, visto que Geni Núñez descende da etnia guarani – o que Vasallo (2018) nomeia de marcas registradas do “sistema monogâmico (homem®, mulher®, amor-de-verdade®, família civilizada®)”, para associar com outra partilha de nossa conversação sobre a Amazônia: “as roupas deles são feitas manualmente, elas não têm marca, são roupas baratas” (sic). Viemos tomando consciência que – diferente da confecção da roupa cabocla sem marca – os registros simbólicos preponderantes em nossa cultura eurocentrada criaram e foram criados pelas próprias marcas de: homem, mulher, amor, relação e família “de verdade”, portanto, do direito de existir “de verdade”. Sendo essas marcações construídas pela e formadoras de ideias e práticas de cisgeneridade, heterossexualidade, monogamia e racialidade branca, que foram se configurando subjetivamente como dominantes, isto é, como “um sistema vivo de



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

configurações subjetivas que são simultaneamente organizados em instâncias sociais e nos indivíduos que compartilham esses momentos sociais” (GONZÁLEZ REY, 2014, p. 18; tradução nossa). O sexo reprodutivo e o amor romântico são corolários dessas configurações sociais dominantes, quer dizer, é somente acreditando na garantia de corpos lidos como homens e mulheres de verdade, unidos ao sexo oposto em forma de casal, que se pode sustentar as manifestações simbólicas e emocionais de crenças colonizadoras de uma raça pura (BUTLER, 2003, 2019; ESTEBAN, 2011; VASALLO, 2018). Nessa esteira, você imagina o que pode (contra)produzir indagarmos – outra vez diferente das roupas caboclas que são baratas, se as lentes que colocamos para enxergar o valor das coisas estiverem exclusivamente com o grau modulado pela ótica capitalista – qual o custo do amor romântico? “Não poder acessar estimula o desejo de acessar e a sensação de estar presenciando algo importante. A morbidade do proibido, dizem. Do inalcançável” (VASALLO, 2018, p. 45; tradução nossa). A dinâmica do amor romântico e do sexo reprodutivo aciona, entre outras questões, o imaginário social de que aquilo de mais difícil acesso tem mais valor, nos faz construir sentidos de que se deve valorizar apenas o que custa mais caro e, portanto, dá mais trabalho e requer mais sacrifício e sofrimento para alcançar. Tal dinâmica traz consigo uma sombra⁵ desse mesmo imaginário: outras formas de desejar, de amar e de transar seriam baratas, sem valor, por buscarem vias de não mais reproduzirem, consciente e não conscientemente, o circuito sofrimento-sacrifício-recompensa. Notamos, nesse momento, um paradoxo: o poliamor ao mesmo tempo seria tido como (mais) trabalhoso, mas ainda assim de menor valia, pois causa rupturas nas marcas registradas do “pensamento monogâmico” (VASALLO, 2018), não sendo então, para esse pensamento, “de verdade”. Pois bem, essas rupturas são precisamente o que mais nos interessam, visto que elas evidenciam a legitimidade de vivenciar os afetos e as sexualidades de maneira não restrita às re-produções culturais e históricas. Vivências que estão também conectadas às necessidades e motivações dos indivíduos que produzem sentidos subjetivos diversos a partir de suas experiências relacionais e expressam a capacidade criadora da psique humana de vincular o simbólico e o emocional na autenticidade de suas ações (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019; tradução nossa). Desse modo, é ao chegarmos à margem das emoções, em seus espaços limiares de atravessamento, que precisamos fazer a passagem pelos rios Negro e Solimões até uma possível integração no rio Amazonas. Queremos dizer, experimentar formas diversas e conjuntas de navegar pelas águas das emoções, afetos e sentimentos; aprender e criar movimentos que se aproximem mais de se permitir molhar na chuva e banhar no rio, por

5 O conceito de sombra ao qual nos alicerçamos parte da Psicologia Analítica do psiquiatra suíço C. G. Jung, nesse sentido “o arquétipo da sombra faz com que o sujeito projete no objeto externo tudo aquilo que carrega em seu íntimo e ainda não tem condição de suportar, seja esse objeto da ordem das coisas, seja da ordem de outros sujeitos. O indivíduo o faz de forma inconsciente porque não consegue sustentar o outro que habita seu próprio ser, porque ainda está preso em sua perspectiva unilateral dos fenômenos da vida e de si mesmo, porque não logra manejar a pluralidade que, todavia, assombra-o psiquicamente” (SOARES, 2020, p. 101).



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

exemplo, em vez de se encharcar na arrebenção. No poliamor não há (ainda?) um script da maneira de se relacionar; os rituais tão bem estabelecidos culturalmente em nossa sociedade, como namorar, noivar, casar, procriar, e seus correspondentes, não necessariamente fazem sentido e são vivências de uma relação poliamorosa, ainda que possam vir a suceder. Consideramos assim, com essa investigação, que, similar à confecção manual das roupas caboclas, a artesanaria emocional faz referência ao processamento que as pessoas poliamorosas precisam fazer de suas emoções para criarem sentidos subjetivos no curso de suas ações, portanto “uma integração tensa, múltipla e contraditória” (GONZÁLEZ REY, 2010b, p. 251) com os aspectos simbólicos da(s) (mono)cultura(s) dominante(s), que subvertam a circularidade viciosa de pecado-culpa-medo para dinâmicas de prazer, responsabilidade e autonomia.

Palavras-chave: Amazônia. Emoções. Não-monogamia. Poliamor. Subjetividade.

Referências

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BUTLER, J. Prefácio e Capítulo 1 – Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In. BUTLER, J. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Corpos que importam** – Os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli; Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

DERI, J. If You Move to the Rainforest, You’ve Got No Right to Complain about the Rain: From Polyagony to Compersion. In. DERI, J. **Love’s refraction: jealousy and compersion in queer women’s polyamorous relationships**. Toronto: University of Toronto Press, 2015.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado** [recurso eletrônico]: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan. Trad. Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ESTEBAN, M. L. Esbozo de una teoría a partir del amor. In. ESTEBAN, M. L. **Crítica del pensamiento amoroso. Temas contemporáneos**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010a.

GONZÁLEZ REY, F. Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia una nueva definición de subjetividad. **Universitas psychologica**, v. 9, n. 1. Bogotá, Colombia, pp. 241-253, 2010b.



VI JORNADA INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO
Comunicação na Amazônia: desafios na era da desinformação

PPGCOM/UFT • Palmas, TO, Brasil •

25, 26 e 27 de outubro de 2022

GONZÁLEZ REY, F. Human Motivation in Question: Discussing Emotions, Motives, and Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 45, n. 4, pp. 419-439, 2014.

GONZÁLEZ REY, F.; MONCAYO QUEVEDO, J. E. Sexual diversity, school, and subjectivity: the irrationality of the dominant rationale. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. (Orgs.). **Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research**. 1ª ed. Singapore: Springer, 2019, pp. 133-147.

KLESSE, C. Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. **Laboratorium**, V. 3, n. 2, pp. 4-25, 2011.

NÚÑEZ, G.; OLIVEIRA, J. M.; LAGO, M. C. S. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. **Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora**, v. 16 n. 3. Juiz de Fora: Ed. UFJF, pp. 76-88, 2021.

SOARES, C. R. C. Um estudo da contradição biopolítica e a pluralidade da psique humana. **Porto Das Letras**, 6 (especial), pp. 96-112, 2020.

SOARES, C. R. C.; PATIÑO TORRES, J. F. Vulnerabilidade(s): das formas de resistir. In: MIRANDA, C. M. et al. (Orgs.). **Narrativa, acontecimento e vulnerabilidades: experiências locais amazônicas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG. No prelo.

VASALLO, B. **Pensamiento monógamo**. Terror poliamoroso. Madrid: La Oveja Roja ed., 2018.